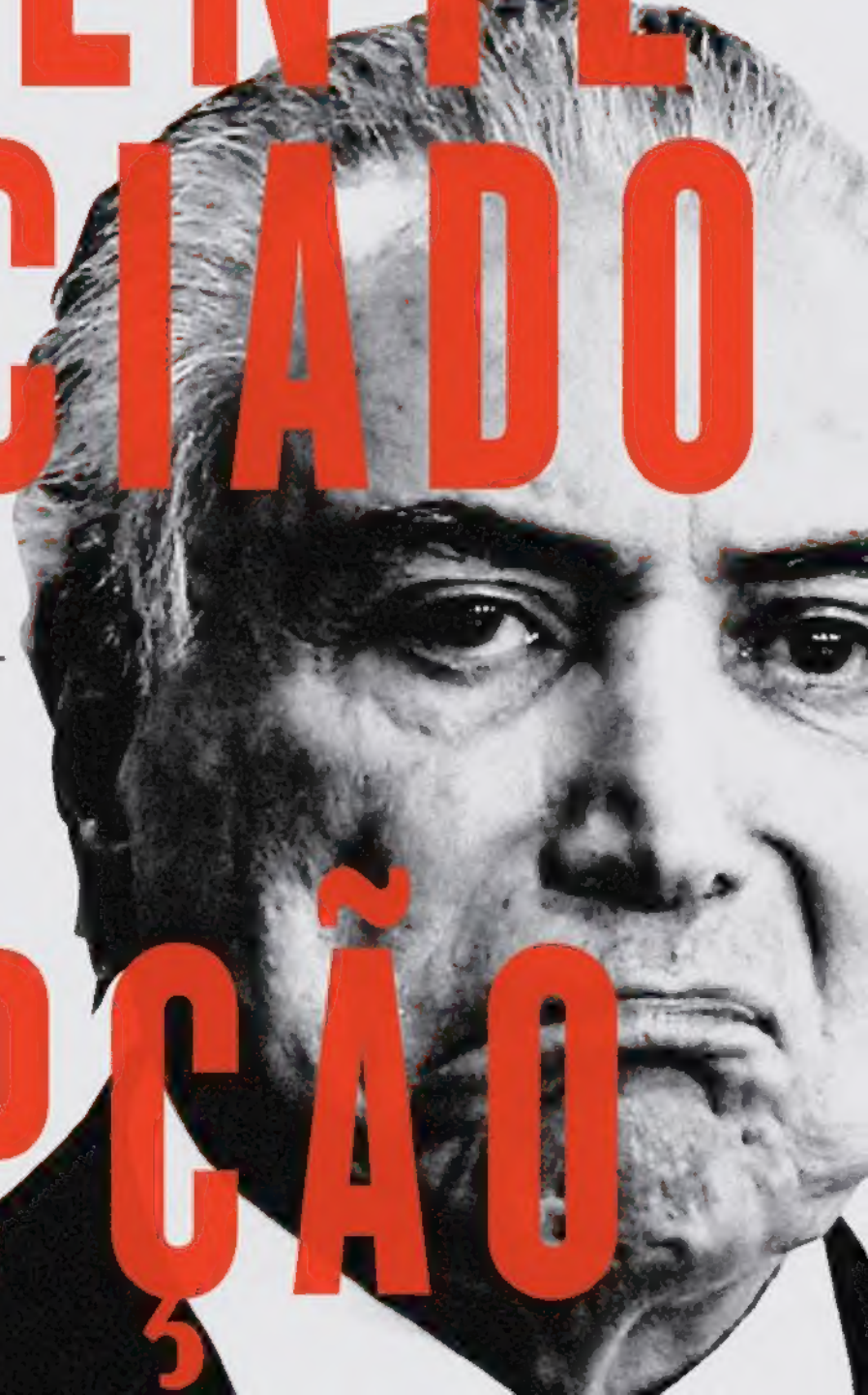
A VIDA NUM PAÍS QUE SE DESMANCHA

O dia a dia de quem mora na Venezuela, uma nação que o chavismo levou ao colapso

ÉPOCA

EDITORA GLOBO 65 ANOS

O PRIMEIRO PRESIDENTE DENUNCIADO POR CORRUPÇÃO



Emparedado pela força das novas provas, Michel Temer ataca o procurador-geral da República, promove encontros secretos com aliados e manobra no Congresso para se manter no cargo

Com Itaucard,
você pode economizar

R$ 5

Itaucard 2.0 gold

Itaú

Você tem descontos na hora
em parceiros de hotelaria,
aluguéis de carro,
restaurantes e muito mais.

Hoteis.com
Atlantica Hotels
Hertz
Grubster
Burger King

0,00*

por ano.

Saiba como em:
itaucard.com.br/500porano

*Valor baseado no perfil Itaucard Gold.

Itaucard Itaú

Surreal é não usar.

SUMÁRIO

EDIÇÃO 993 | 3 DE JULHO DE 2017

PRIMEIRO PLANO

DA REDAÇÃO 8

PERSONAGEM DA SEMANA 11
Renan Calheiros, o líder anti-Temer

A SEMANA EM NOTAS 14

A SEMANA EM FRASES 16

EUGÊNIO BUCCI 18
O suspeito útil

EXPRESSO 20
Raquel Dodge acha que Rodrigo Janot se envolveu demais em atritos com políticos ao longo do mandato

SUA OPINIÃO 22

NOSSA OPINIÃO 26

TEMPO

TEATRO DA POLÍTICA
Denunciado, o presidente Michel Temer perde as estribeiras 28

As dúvidas sobre o destino da Lava Jato nas mãos de Raquel Dodge 34

OBSERVADOR DO CRIME 38
O tráfico de drogas na fronteira Brasil-Paraguai invade as terras indígenas

CARTA DA VENEZUELA 46
Como as privações materiais passaram a fazer parte do dia a dia no país de Nicolás Maduro

CRÔNICAS FRANCO-BRITÂNICAS 56
Com Theresa May e Emmanuel Macron, o otimismo migrou do Reino Unido para a França

IDEIAS

OBSERVADOR DA INOVAÇÃO 58
Como a crise pode ser o combustível de que o Brasil precisava para inovar

HELIO GUROVITZ 62
Juros, moeda e ortodoxia, de André Lara Resende, critica o "fascínio do pensamento abstrato" dos economistas

VIDA

SAÚDE E CHECK-UP 64
O primeiro autoteste para HIV começa a ser vendido no Brasil. Quais os benefícios e os possíveis riscos?

EXPERIÊNCIAS DIGITAIS 70
Projetos de Lei tentam definir se e como empresas podem usar seus dados

BRUNO ASTUTO 74
"Não alimento o culto à personalidade", diz Selton Mello

WALCYR CARRASCO 77
O fim da etiqueta

MENTE ABERTA 78
As atrocidades de Stálin são fruto do sistema cruel que ele próprio ajudou a moldar

JAIRO BOUER 79
O dia seguinte àqueles drinques a mais

12 HORAS 80

RUTH DE AQUINO 82
Está prefeito, mas é pastor

DIRETOR GERAL Frederic Zoghaib Kachar
DIRETOR DE AUDIÊNCIA Luciano Touguinha de Castro
DIRETORA DE MERCADO ANUNCIANTE Virginia Any

ÉPOCA

Diretor de Redação: João Gabriel de Lima **epocadir@edglobo.com.br**
Editor-Chefe: Diego Escosteguy
Diretor de Arte Multiplataforma: Alexandre Lucas
Editores Executivos: Alexandre Mansur, Guilherme Evelin, Leandro Loyola, Marcos Coronato
Editores-Colunistas: Bruno Astuto, Murilo Ramos
Editores: Bruno Ferrari, Flávia Tavares, Flávia Yuri Oshima, Liuca Yonaha, Marcela Buscato, Marcelo Moura
Editores Assistentes: Isabela Kiesel, Bruno Calixto
Repórteres Especiais: Aline Ribeiro, Cristiane Segatto
Colunistas: Eugênio Bucci, Guilherme Fiuza, Gustavo Cerbasi, Helio Gurovitz, Ivan Martins, Jairo Bouer, Marcio Atalla, Ruth de Aquino, Walcyr Carrasco
Repórteres: Gabriela Varella, Luís Lima, Nina Finco, Paula Soprana, Rafael Ciscati, Rodrigo Capelo, Ruan de Sousa Gabriel, Teresa Perosa
Vídeo: Pedro Schimidt; **Web Designer:** Giovana Tarakdjian;
Consultora de Marketing: Cássia Christe
Estagiários: Daniele Amorim, Daniela Simões, Bruna de Alencar, Giovanna Wolf Tadini, Guilherme Caetano, Nelson Niero Neto
SUCURSAIS | RIO DE JANEIRO: epocasuc_rj@edglobo.com.br
Rua Marquês de Pombal, 25 – 5º andar – Cidade Nova – Rio de Janeiro – CEP 20.230-240
Editor: Sérgio Garcia; **Repórteres:** Acyr Méra Júnior, Guilherme Scarpa, Marcelo Bortoloti;
Repórteres Especiais: Hudson Corrêa, Samantha Lima;
| BRASÍLIA: epocasuc_bsb@edglobo.com.br
SRTVS 701 – Centro Empresarial Assis Chateaubriand – Bloco 2 – Salas 701/716 – Asa Sul
Diretor: Luiz Alberto Weber;
Repórteres: Aguirre Talento, Marcelo Rocha, Mateus Coutinho, Nonato Viegas;
FOTOGRAFIA | Editor: André Sarmento;
Assistente: Sidinei Lopes
DESIGN E INFOGRAFIA | Editor: Daniel Pastori;
Editora Assistente: Aline Chica;
Designers: Cristina Ayumi Kashima, Daniel Graf, Renato Tanigawa;
Estagiárias: Ana Carolina Takano Malavolta, Ana Paula do Prado Ribeiro
Editor de Infografia: Marco Vergotti
SECRETARIA EDITORIAL | Coordenador: Marco Antonio Rangel
REVISÃO | Coordenadora: Araci dos Reis Galvão de França; **Revisores:** Alice Rejaili Augusto, Elizabeth Tasiro, Silvana Marli de Souza Fernandes, Vergínia Helena Costa Rodrigues
CARTAS À REDAÇÃO | epoca@edglobo.com.br;
Assistente Executiva: Jaqueline Damasceno;
ESTRATÉGIA DE CONTEÚDO DIGITAL | Gerente: Silvia Balieiro;
TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO | Diretor de TI: Rodrigo Gosling;
ESTRATÉGIA DIGITAL | Coordenador: Santiago Carrilho;
Desenvolvedores: Fabio Alessandro Marciano, Leandro Paixão, Marcelo Amêndola, Murilo Amendola, Thiago Previero, William Antunes;
Automação Editorial: Ewerton Paes, Ronaldo Nascimento;

MERCADO ANUNCIANTE | Segmentos – Financeiro, Imobiliário, TI, Comércio e Varejo | Diretor de negócios multiplataforma: Emiliano Morad Hansenn; **Gerente de negócios multiplataforma:** Ciro Hashimoto; **Executivos multiplataforma:** Cristiane Paggi, Milton Luiz Abrantes, Roberto Loz Junior, Christian Lopes Hamburg; **Segmentos – Moda, Beleza e Higiene Pessoal | Executivas multiplataforma:** Eliana Lima Fagundes, Giovana Sellan Perez, Selma Teixeira da Costa, Soraya Mazerino Sobral; **Segmentos – Casa, Construção, Alimentos e Bebidas, Higiene Doméstica e Saúde | Diretora de negócios multiplataforma:** Luciana Menezes; **Executivos multiplataforma:** Fatima Ottaviani, Paula Santos, Taly Czeresnia Wakrat; **Segmentos – Mobilidade, Serviços Públicos e Sociais, Agro e Indústria | Diretor de negócios multiplataforma:** Renato Augusto Cassis Siniscalco; **Executivos multiplataforma:** Diego Fabiano, Cristiane Soares Nogueira, Jessica de Carvalho Dias, João Carlos Meyer, Priscila Ferreira da Silva; **| Segmentos – Educação, Cultura, Lazer, Esporte, Turismo, Mídia, Telecom e Outros | Diretora de negócios multiplataforma:** Sandra Regina de Melo Pepe; **Executivos multiplataforma:** Ana Silvia Costa, Lilian de Marche Noffs, Dominique Petroni de Freitas; **| EGCN – Consultora de marcas EGCN:** Olivia Cipolla Bolonha; **| Escritórios Regionais | Gerente multiplataforma:** Larissa Ortiz; **Executiva multiplataforma:** Babila Garoia Chagas Arantes; **Gerente de Eventos:** Daniela Valente; **Opec Off-Line:** Bruno Granja; Carlos Roberto de Sá, Douglas Costa; **Opec On-Line:** Rodrigo Oliveira, Danilo Panzarini, Higor Chabes, Rodrigo Pecoschi; **| Unidades de Negócio – Rio de Janeiro – Gerente multiplataforma:** Rogerio Pereira Ponce de Leon; **Executivos multiplataforma:** Daniela Nunes Lopes Chahim, Juliane Ribeiro Silva, Maria Cristina Machado, Pedro Paulo Rios Vieira dos Santos; **| Unidades de Negócio – Brasília – Gerente multiplataforma:** Barbara Costa Freitas Silva; **Executivos multiplataforma:** Camilla Amaral da Silva, Jorge Bicalho Felix Junior; **| G.Lab – Diretor de Desenvolvimento Comercial e Digital:** Tiago Joaquim Afonso / Caio Henrique Capritoli, Guilherme Inegawa Sugio, Lucas Fernandes, Luiz Claudio dos Santos Faria, Rodrigo Girodo Andrade, Vera Ligia Rangel Cavalieri,

AUDIÊNCIA | Diretor de Marketing: Cristiano Augusto Soares Santos; **Diretor de Planejamento e Desenvolvimento Comercial:** Ednei Zampese; **Gerente de Vendas Canais Indiretos:** Reginaldo Moreira da Silva; **Gerente de Criação:** Valter Bioudo Silva Neto; **Coordenadores de Marketing:** Eduardo Roccato Almeida, Patricia Aparecida Fachetti

ANER IVC FIPP

ÉPOCA é uma publicação semanal da EDITORA GLOBO S.A. – Avenida 9 de Julho, 5229, São Paulo (SP), Jardim Paulista – CEP 01407-907. Distribuidor exclusivo para todo o Brasil: Dinap – Distribuidora Nacional de Publicações **GRÁFICAS: Plural Indústria Gráfica Ltda.** – Avenida Marcos Penteado de Ulhoa Rodrigues, 700 – Tamboré – Santana de Parnaíba, São Paulo, SP – CEP 06543-001.

O Bureau Veritas Certification, com base nos processos e procedimentos descritos no seu Relatório de Verificação, adotando um nível de confiança razoável, declara que o Inventário de Gases de Efeito Estufa – Ano 2012, da Editora Globo S.A., é preciso, confiável e livre de erro ou distorção e é uma representação equitativa dos dados e informações de GEE sobre o período de referência, para o escopo definido, foi elaborado em conformidade com a NBR ISO 14064-1:2007 e Especificações do Programa Brasileiro GHG Protocol.

Deseja falar com a Editora Globo?

ATENDIMENTO 4003-9393

VENDAS CORPORATIVAS E PARCERIAS 11 3767-7226 parcerias@edglobo.com.br

PARA ANUNCIAR SP: 11 3736-7128 | 3767-7447 | 3767-7942 | 3767-7889 | 3736-7205 | 3767-7557 RJ: 21 3380-5930 | 3380-5923 BSB: 61 3316-9584

NA INTERNET www.assineglobo.com.br/sac 4003-9393

ASSINATURAS 4003-9393 www.sacglobo.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES O pedido será atendido através do jornaleiro ao preço da edição atual, desde que haja disponibilidade de estoque. Faça seu pedido na banca mais próxima.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO 11 3767-7005 venda_conteudo@edglobo.com.br

Para se corresponder com a Redação: Endereçar cartas ao Diretor de Redação, ÉPOCA. Caixa Postal 66260, CEP 05315-999 – São Paulo, SP. Fax: 11 3767-7003 – E-mail: **epoca@edglobo.com.br**
As cartas devem ser encaminhadas com assinatura, endereço e telefone do remetente. ÉPOCA reserva-se o direito de selecioná-las e resumi-las para publicação.
Só podem ser incluídas na edição da mesma semana as cartas que chegarem à Redação até as 12 horas da quarta-feira.

KIA

25

ANOS

25 ANOS MOVIDOS A DESIGN_

Para nós, design é mais que beleza.
É poder comunicar por meio da forma.
Por isso, chamamos o designer
Peter Schreyer para criar os carros mais
bonitos que você já viu.

400 mil carros
vendidos no Brasil.

MOVIDOS A INOVAÇÃO_

Já nascemos inquietos.
Sempre buscamos a direção oposta.
Foi com a inovação no DNA que a KIA
se tornou a primeira montadora a
oferecer apenas carros completos.

73 mil itens de peças
de reposição em estoque.

R$ 25 bilhões[1] em
impostos recolhidos.

MOVIDOS A SUPERAÇÃO_

Nunca procuramos respostas fáceis.
Sempre transformamos dificuldades
em oportunidades. Foi assim
que a KIA chegou desconhecida
ao Brasil e logo se destacou.

A maior importadora de veículos
do Brasil[2], com o maior número
de empregos gerados.

1. Valor corrigido pelo Selic. 2. Entre as importadoras sem fábrica, desde 1992.

Pela vida. Escolha o trânsito seguro.

GANDINI_

kia.com.br · 0800 77 11011

KIA 25 ANOS

COMO SEMPRE ACREDITAMOS NO BRASIL, ESTAMOS PRONTOS PARA OS PRÓXIMOS 25 ANOS _

COM NOVOS LANÇAMENTOS _

Visite nosso site de 25 anos: kia25anos.com.br

COM MAIS DE 100 CONCESSIONÁRIAS ESPALHADAS PELO PAÍS _

KIA

The Power to Surprise

A vida num país que se desmancha

Um dos cartões de visita da Venezuela é a música. Nos anos 1970, o maestro José Antonio Abreu criou o El Sistema – um conjunto de orquestras-escola espalhadas pelo país. Graças à iniciativa, a Venezuela se transformou em centro de excelência de instrumentistas. Os dois resultados mais reluzentes surgiram durante a Presidência de Hugo Chávez – e foram utilizados politicamente por ele. Um foi o maestro Gustavo Dudamel, que antes dos 30 anos de idade já era considerado um dos melhores do mundo. Ele hoje vive nos Estados Unidos e rege a Filarmônica de Los Angeles. O outro foi a Orquestra Simon Bolívar, cujos músicos aparecem, nos vídeos do YouTube, uniformizados com as cores da bandeira venezuelana.

Jesus Lugo, de 21 anos, estudou trombone numa das orquestras pertencentes ao El Sistema. Sonha com um futuro brilhante como o de Dudamel. Tal aspiração, no entanto, parece cada vez mais distante. Com a crise econômica, sua bolsa de estudos foi cortada. Hoje, falta dinheiro até para a condução. Para sobreviver, Jesus toca salsa na noite de Caracas. Devido à violência, é obrigado a dormir nos bares em que se apresenta – sair à noite é muito perigoso. Num desses compromissos de trabalho, seu celular foi roubado e ele não tem dinheiro para comprar outro. Jesus pensa em se mudar do país, como tantos outros músicos do El Sistema. Ou então em desenvolver o talento de cantor, e se tornar um astro da salsa.

MÚSICA E MELANCOLIA
O trombonista Jesus Lugo. Ele ficou sem salário e dorme no emprego por causa da violência

Existem duas maneiras de acompanhar a crise venezuelana. A primeira é pelas manchetes de jornais, que mostram a miséria crescente, a violência galopante e os banhos de sangue quase diários causados pela repressão do presidente Nicolás Maduro. A segunda, mais sutil, é radiografar como vivem os cidadãos de um país que está se desmanchando – pessoas que não exercem militância política e apenas tentam levar uma vida normal. Para essas pessoas, a violência provoca medo, e a crise econômica aperta os orçamentos lentamente. Mas o principal sentimento é mesmo a melancolia. A não ser em guerras, países não acabam de uma vez. Eles morrem aos poucos. Enquanto agonizam, seus cidadãos, aos poucos, perdem perspectivas, rebaixam horizontes, enterram sonhos. É uma decadência silenciosa, que ocorre longe das câmeras.

É tradição do jornalismo de revistas prestar atenção a esses fenômenos mais sutis. *Hiroshima*, de John Hersey, versão em livro de reportagem publicada pela revista americana *The New Yorker* em 1946, é um clássico. Ele conta a história da bomba atômica que ceifou 30 mil vidas no Japão, no final da Segunda Guerra Mundial. O texto, no entanto, não fala de morte e destruição. Em vez disso, concentra-se nas vidas que restaram – e em como elas foram afetadas pela circunstância de viver numa cidade sobre a qual foi lançada uma arma letal.

O texto de Hersey inspirou centenas de reportagens, entre elas a de Teresa Perosa nesta edição. Ir à Venezuela foi, de certa forma, uma aventura. A ditadura de Maduro – pode-se já falar assim da Venezuela, que acaba de ser classificada como nação autoritária pelo levantamento da Freedom House, maior referência mundial no assunto – não gosta de jornalistas. Como qualquer regime de força, aliás. Para entrevistar venezuelanos em suas casas, retratando vidas que poderiam ser a de brasileiros que exercem as mesmas profissões, Teresa Perosa cercou-se de cuidados. O resultado de seu talento – e de sua coragem – está nesta edição, a partir da página 46. São pequenas histórias que ajudam a entender a História – e que honram, assim, a tradição do melhor jornalismo.

João Gabriel de Lima
Diretor de Redação

Foto: Manaure Quintero

ATOMO

PETRONAS

NÃO DEIXE SEU CAMINHÃO PARADO

USE O LUBRIFICANTE CERTO

PETRONAS Urania®

SEU CAMINHÃO PRONTO PARA OS NEGÓCIOS

PETRONAS Urania com tecnologia ViscGuard™, auxilia no controle da formação de depósitos para uma maior vida útil do motor.

PETRONAS Urania com tecnologia ViscGuard™, mantém seus veículos andando de maneira eficiente e por mais tempo. Isso porque o PETRONAS Urania é formulado com tecnologia ViscGuard™, que auxilia no controle da formação de depósitos prevenindo desgastes e mantendo a viscosidade do lubrificante estável. Garante a durabilidade e prolonga a vida útil do motor reduzindo os custos operacionais. PETRONAS Urania garante que seus compromissos sejam cumpridos, dia após dia.

PETRONAS. PRESENTE NO MUNDO. NO BRASIL. NA SUA VIDA.

MAIS DE 100 ANOS DE INOVAÇÃO EM FLUIDOS.

www.pli-petronas.com.br

Orfeu por Sergio Coimbra

*Marca de um terceiro, sem vínculo a Orfeu Cafés Especiais.

EM PLENO SÉCULO XXI,
AINDA SELECIONAMOS NOSSO
CAFÉ À MÃO. DEVE SER POR ISSO
QUE ELE É TÃO ESPECIAL.

Orfeu é cultivado nas Fazendas Sertãozinho,
em uma região conhecida mundialmente
pela tradição na produção de Cafés Especiais,
à sombra de um Jequitibá de 1.500 anos.
Para provar essa história, é só experimentar uma xícara.

Grãos | Torrado e Moído | Cápsulas para Nespresso*

ORFEU. UM CAFÉ PARA VOCÊ DESCOBRIR.
cafe**orfeu**.com.br

PERSONAGEM DA SEMANA

RENAN CALHEIROS

O PMDB ANTI-TEMER

Ao deixar a liderança do PMDB no Senado com críticas duríssimas, Renan Calheiros dá a medida da fragilidade do presidente e de seu governo

Foto: Adriano Machado/ÉPOCA

Nonato Viegas

"*Senhor presidente, senhoras e senhores senadores, deixo a liderança do PMDB.*"

Renan Calheiros encontrou o plenário do Senado vazio. Caminhou direto para a mesa de onde presidiu a Casa por quatro mandatos, o último deles encerrado em fevereiro. O peemedebista Roberto Requião criticava, da tribuna, o que considerava serem abusos da Lava Jato – discurso rotineiro naquele púlpito. Renan se sentou ao lado de Eunício Oliveira, seu sucessor na presidência da Casa. Eles riram. Juntaram-se a eles Eduardo Braga (PMDB-AM), Lindbergh Farias (PT-RJ) e o deputado Silvio Costa (PTdoB-PE). Com exceção de Eunício, todos alinhados à oposição. Renan havia combinado o horário de seu pronunciamento com seus novos aliados. Atrasou quatro minutos. Às 17h04 da quarta-feira, dia 28, assumiu o microfone. Na Comissão de Constituição e Justiça, onde se discutia desde a véspera a reforma trabalhista enviada pelo governo de Michel Temer, petistas, comunistas e oposicionistas em geral levantaram agilmente para acompanhar seu discurso quando a imagem de Renan apareceu na tela. Todos sabiam o conteúdo do monólogo. Ele estava ali para deixar o cargo de líder do PMDB no Senado. Sagaz, antecipava-se a um movimento de Temer e do senador Romero Jucá para destituí-lo da posição. Renan não é de abrir mão da última palavra.

Seu discurso não teve aparte. Todos ouviram calados o que ele tinha a dizer, uma rara deferência no plenário. Renan citou Jucá, líder do governo no Senado, grifando o "interino" ao mencionar que ele também é o presidente do PMDB. Falou do ex-presidente da Transpetro Sérgio Machado, o precursor das gravações escondidas de investigados pela Lava Jato (aquele premonitório diálogo do "grande acordo nacional, com o Supremo, com tudo"). Esbaldou-se de falar da falta de legitimidade de Temer para conduzir as reformas de que o país precisa. Evitou improvisos nos 15 minutos de discurso. (Alguns trechos estão reproduzidos aqui, em itálico.) Ao final, o presidente do Senado, Eunício Oliveira, deu por encerrada a sessão.

Mas Renan estava sedento. Dirigiu-se para a sala da Comissão de Constituição e Justiça. A TV Senado passou a transmitir o debate na comissão. Renan reivindicou os holofotes novamente. Ao vivo, mais uma vez, comunicou sua saída da liderança do PMDB. Mais uma vez, repetiu o discurso contra Temer. Desta vez, Jucá tinha a oportunidade de retrucar. Mas não o fez. Deixou a mesa e só retornou após a fala do colega. Foi para o canto afirmar a jornalistas que, com ou sem Renan Calheiros, nada mudaria. "Ele se junta, agora, a outros peemedebistas independentes, como Requião", desdenhou. Parceiros de tantos anos no Congresso, Renan e Jucá agora se antagonizam, divididos por Michel Temer, uma espécie de Yoko Ono do PMDB atual. Desdenhar de Renan Calheiros não é prudente.

ABANDONADOS **O senador Romero Jucá e o presidente Michel Temer. Renan não quis ficar no mesmo barco deles**

"*Ontem mesmo, senhor presidente, fiz questão de reiterar o que já havia dito em outro momento: não seria, jamais, líder de papel. Nem estou disposto a liderar o PMDB atuando contra os trabalhadores e os estados mais pobres da Federação.*"

O "ontem mesmo" a que Renan se referiu foi um encrespado entrevero com Jucá naquele plenário, na terça-feira. O senador Magno Malta deu a deixa ao levantar dúvidas sobre a reforma trabalhista tal qual apresentada pelo Planalto. "Vai ser uma guerra isso aqui", balbuciou Renan, fora do microfone. Renan decidiu ele mesmo iniciar a guerra. Pediu a palavra e emparedou Jucá. "Havia uma promessa de se editar uma Medida Provisória" para eliminar pontos controversos, cobrou Renan. "No momento em que, certo ou errado, o Ministério Público Federal, a Procuradoria-Geral da República, apresenta uma denúncia contra o presidente", como ficaria essa promessa? "O presidente Michel Temer não tem mais a confiança da sociedade para fazer uma reforma na calada da noite, atropeladamente", decretou Renan. Diante de um discurso desses, não dava para Renan permanecer como líder do partido de Temer.

"*Ao povo de Alagoas, tenho uma palavra especial. Estou me libertando de uma âncora pesada e injusta. Não trairei os trabalhadores e os aposentados.*"

Convém prestar atenção. Por mais radicais que pareçam os atos de Renan, eles nunca são aleatórios ou figadais. Se a política exige enxergar longe, calcular possibilidades e

Foto: Pedro Ladeira/Folhapress

Convém prestar atenção. Por mais radicais que pareçam os atos de Renan, eles nunca são aleatórios ou figadais

antecipar movimentos, Renan é um mestre enxadrista. São quatro décadas de vida parlamentar atribulada. Réu no Supremo Tribunal Federal por peculato e alvo de outros 11 inquéritos, Renan se mantém em pé no poder porque é cuidadoso, fareja o fracasso de longe e tem uma audição de morcego para o perigo. Quer um exemplo prático? Michel Temer, presidente da República, recebeu Joesley Batista, então um candidato a delator. Foi gravado sem saber e hoje é o primeiro presidente enrolado no Supremo por crime comum e ameaçado de perder o cargo. Joesley também procurou Renan para conversar. Renan fingiu que não ouviu.

Renan sentiu o cheiro do fracasso ao redor de Temer e posicionou-se antes dos outros. Em março, ele reativou uma conta no Twitter, acionou uma no Instagram e passou a gravar vídeos no Instagram. E distribuía tudo isso pelo WhatsApp para aliados de Alagoas. Passou a bater sem dó na pauta econômica e nas reformas trabalhista e previdenciária. Estratégia pura. Renan tem pesquisas que apontam simpatia do eleitor quando ele faz críticas a Temer e rejeita as reformas. Para quem recebeu o selo da corrupção na testa, cravado pela Operação Lava Jato, assumir a imagem de incansável defensor do trabalhador foi a saída encontrada para sobreviver. Renan precisará de votos em 2018, terá de reeleger-se para manter seu precioso foro privilegiado. Por isso, afinou seu discurso ao do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ainda popular em Alagoas, e líder mundial do maior partido de Brasília, o Partido Anti-Lava Jato. Renan sabe que será bem recebido, pois a Lula e Dilma Rousseff sempre foi fiel – apresentando a fatura depois, é claro.

"Até o papa se posicionou contra soluções amargas que punem o trabalhador e acentuam as desigualdades, mas como mudar o pensamento de um governo comandado por Eduardo Cunha, que, mesmo na prisão, seguia influenciando e – os fatos demonstram – até recebendo dinheiro?!"

Renan Calheiros, 11 inquéritos no Supremo, investigado pelos crimes de corrupção ativa e passiva, lavagem de dinheiro, abuso de poder econômico e fraude em licitações, abomina Eduardo Cunha, preso por corrupção e próximo a Temer. Os dois eram de grupos concorrentes nos negócios do PMDB no petrolão. Na gravação feita pelo ex-presidente da Transpetro Sérgio Machado (afilhado de Renan), Romero Jucá diz que Renan atrapalhava o impeachment de Dilma porque "não gosta do Michel, porque o Michel é Eduardo Cunha". Agora que Temer foi flagrado na gravação de Joesley Batista, da JBS, anuindo com pagamentos para manter Cunha quieto na cadeia, Renan com frequência acusa o presidente de ser teleguiado por "um presidiário". Frase tão forte quanto as que pronunciava contra o governo do presidente Fernando Collor. Renan foi líder de Collor na Câmara por nove meses, em 1990, pulou fora e foi um dos comandantes do impeachment. Foi o único governo do qual Renan desertou. Pode ser só uma coincidência, é claro. ◆

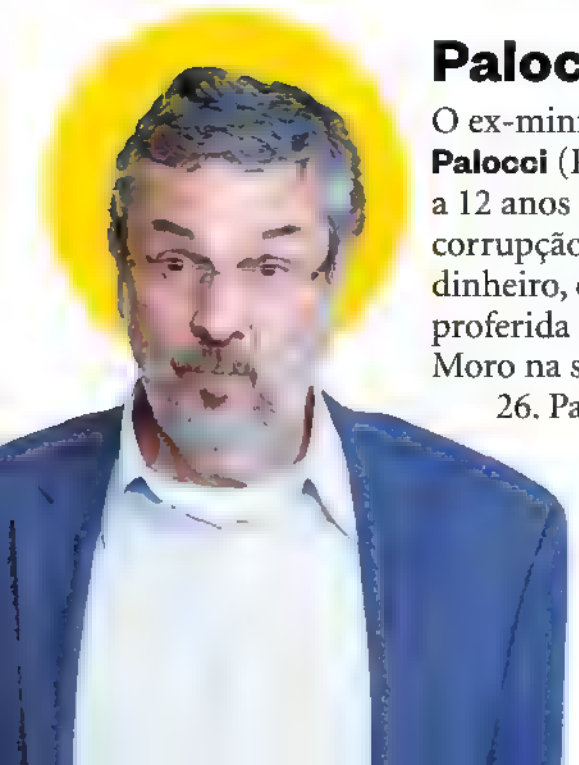
OITO NOTAS

QUE RESUMEM A SEMANA

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
26	27	28	29	30	1º	2

Escapou de uma

O ex-tesoureiro do PT **João Vaccari Neto**, preso pela Lava Jato, foi inocentado na terça-feira, dia 27, pelo Tribunal Regional Federal da 4ª Região, da condenação de 15 anos de prisão por lavagem de dinheiro, associação criminosa e corrupção. Dois dos três juízes do TRF-4 reverteram a decisão do juiz Sergio Moro. Eles consideraram as provas insuficientes por serem baseadas em delações premiadas. Vaccari segue preso e ainda é réu em outras quatro ações.



Palocci 12 anos

O ex-ministro **Antonio Palocci** (PT) foi condenado a 12 anos de prisão por corrupção e lavagem de dinheiro, em sentença proferida pelo juiz Sergio Moro na segunda-feira, dia 26. Palocci negocia um extenso acordo de delação premiada para cumprir prisão domiciliar.

BOM PARA O PAÍS

O Conselho Monetário Nacional (CMN) estabeleceu a meta de crescimento de inflação em

4,25%

PARA 2019

Desde 2003, o índice era estabelecido em 4,5%.

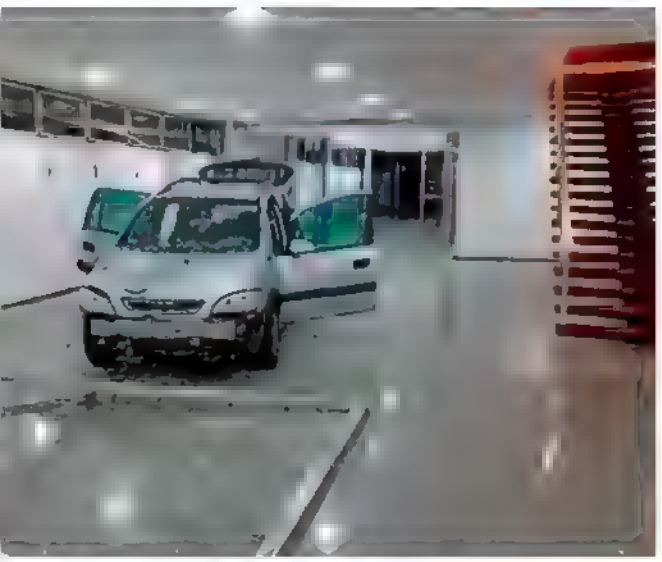
Policiais na cadeia

A Polícia Civil do Rio de Janeiro prendeu **63 policiais militares** de Niterói e São Gonçalo e 22 traficantes na maior operação contra corrupção policial no estado. Eles são acusados de participar de um esquema de cobrança de propina dos criminosos que rendia R$ 1 milhão por mês aos PMs.

Reforma no plenário

Por 16 votos a favor e 9 contra, a **reforma trabalhista** foi aprovada na Comissão de Constituição e Justiça do Senado na quarta-feira, dia 28. O presidente Michel Temer enviou uma carta ao Congresso se comprometendo a fazer alterações pontuais no texto após sua tramitação. O projeto poderá ser votado no plenário do Senado nesta semana.

SEGUNDA CHANCE A cidade litorânea de Zauia, na Líbia, é rota de passagem de imigrantes ilegais que tentam chegar à Europa pelo Mar Mediterrâneo. Por causa das péssimas condições climáticas, 147 imigrantes ilegais foram resgatados pela guarda costeira da Líbia na semana passada.



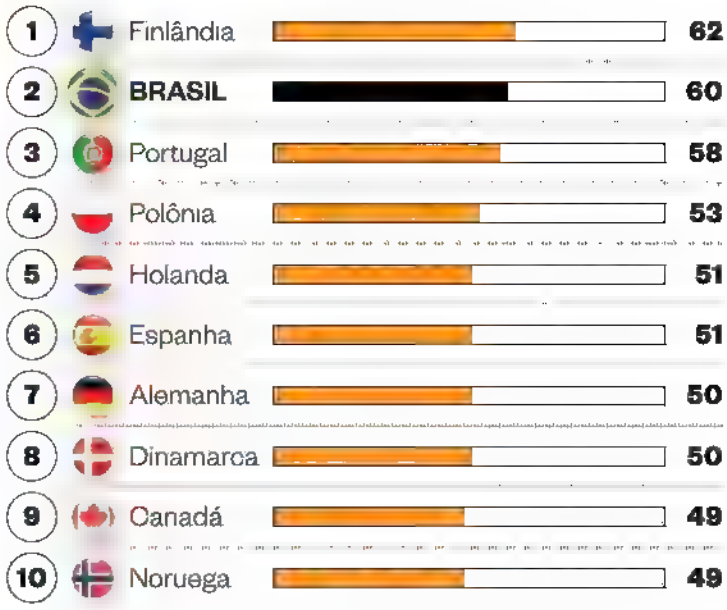
Levou o portão

Um garoto de 15 anos invadiu com o carro o Palácio da Alvorada, em Brasília, na noite da quarta-feira, dia 28. Ele só parou em um espaço interno da residência oficial da Presidência. O veículo foi atingido por disparos dos soldados, mas o menor não foi atingido. O presidente Michel Temer e a família não moram no Alvorada.

Sem fake news

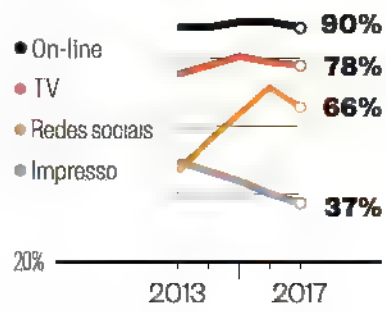
De acordo com um estudo do Reuters Institute e da Universidade de Oxford, o Brasil é o segundo país onde os leitores de notícias on-line mais confiam nos veículos de comunicação. O nível de confiança nos meios eletrônicos é de 60%. A pesquisa também mostrou que os brasileiros preferem checar informações nos sites de notícias utilizando o smartphone.

Índice de confiança nos meios de comunicação
Em % dos leitores on-line

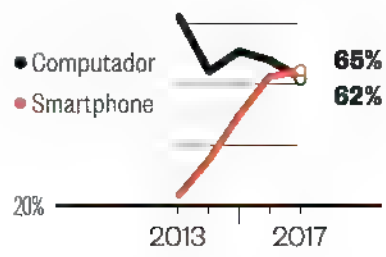


Fonte: Digital News Report/Reuters Institute e Universidade de Oxford

As fontes de notícias...



...e por onde são consumidas



Fotos: Charles Sholl/Futura Press, Pedro Teixeira/ Agência O Globo, Taha Jawashi/AFP, reprodução, Dida Sampaio/Estadão Conteúdo, Rodolfo Buhrer/Reuters

QUINZE FRASES

QUE RESUMEM A SEMANA

Fotos: James Devaney/GC Images, Agência Senado (2)

“A decisão reafirma a confiança de todos os brasileiros no Poder Judiciário”

Aécio Neves (PSDB-MG),
senador. O ministro do Supremo Tribunal Federal Marco Aurélio decidiu que Aécio pode voltar ao Senado

“Não há dúvida da corrupção”

Rodrigo Janot,
procurador-geral da República, ao denunciar o presidente Michel Temer por corrupção passiva

“A denúncia é uma ficção”

Michel Temer,
presidente

“Apelo ao presidente para que medite sobre a oportunidade de um gesto dessa grandeza”

Fernando Henrique Cardoso,
ex-presidente, ao sugerir a Temer a abreviação do mandato e a convocação de eleições antecipadas

“O próprio Temer poderia pedir a antecipação das eleições”

Lula,
ex-presidente, ecoando FHC

“Ele precisa entender que demorar mais um mês, dois meses, três meses, um ano à frente do governo, sem que, do ponto de vista institucional, nós possamos ganhar, fortalecer os Poderes, não significará nada”

Renan Calheiros (PMDB-AL),
senador, sobre Temer

“Falta pouco para o governo acabar”

Gilberto Occhi,
presidente da Caixa. Ele pediu calma ao mercado

“É o estado democrático de direito contra uma república de bananas que sempre varreu a sujeira para debaixo do tapete”

Luís Roberto Barroso,
ministro do Supremo Tribunal Federal, ao defender o Ministério Público das críticas do colega Gilmar Mendes

“A falta de recursos compromete o combate à corrupção”

Carlos Eduardo Sobral,
presidente da Associação dos Delegados da Polícia Federal (ADPF). Alegando falta de dinheiro, a PF suspendeu a emissão de passaportes

“Pode mandar vir que a boca está vendendo a todo vapor”

Policial militar do 7º Batalhão do Rio,
gravado quando, após render um traficante de drogas, assumiu o ponto de venda

“É um passo importante para caminhar para taxas de inflação mais baixas de uma forma gradual”

Ilan Goldfajn,
presidente do Banco Central, sobre a redução das metas de inflação a partir de 2019

“Curar a doença matando o doente?”

José Serra (PSDB-SP),
senador, sobre as novas metas de inflação

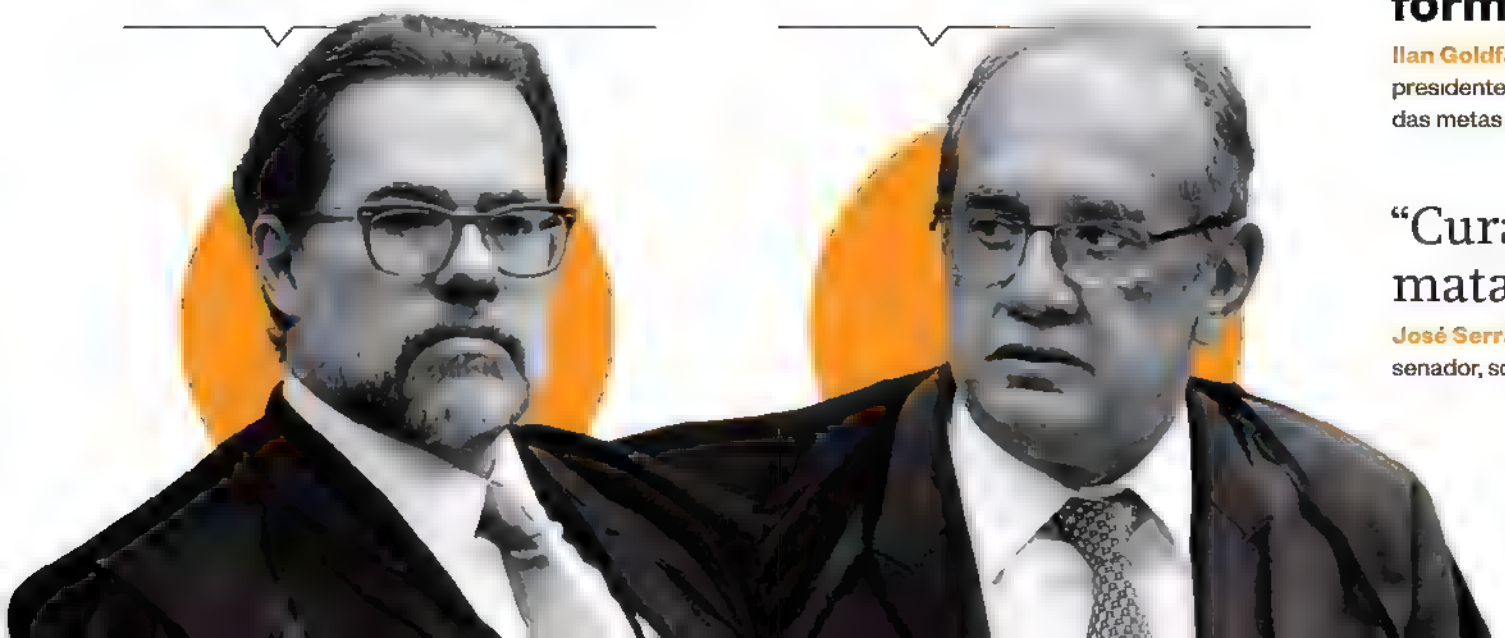
DEDO NA CARA

“O Estado é um só. Ele fez acordo. Não dá para dar com uma mão e tirar com a outra”

Dias Toffoli,
ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), ao afirmar que não cabe ao Supremo rever acordos de delação premiada firmados pelo Ministério Público

“O rabo começa a balançar o cachorro. Devemos lealdade à Procuradoria! Ora bolas. Parece que nós estamos realmente no tempo da inversão de todas as coisas”

Gilmar Mendes,
ministro do STF



EUGÊNIO BUCCI

O suspeito útil

Como é que Temer ainda permanece no cargo? Por que ele não caiu até agora? A resposta poderá parecer longa, mas será cristalina.

A esta altura, o presidente não tem popularidade. Uma recente pesquisa do Datafolha mostra que apenas 7% dos brasileiros aprovam seu governo, e eu mesmo não conheço ninguém desses 7%. Temer também não tem legitimidade, o que não é difícil de verificar. Numa democracia, o que confere legitimidade ao mandato de um presidente, um prefeito ou um senador é o voto, e Michel Temer, embora tenha sido votado em 2014, não teve voto para estar onde está e para fazer o que está fazendo.

Explico melhor. Ele foi eleito em 2014 para ser vice-presidente e, nessa condição, conquistou a atribuição legal para substituir a presidente – no caso, claro, de a presidente faltar. Com o impeachment de Dilma Rousseff, em 2016, foi isso que aconteceu. Temer assumiu o cargo, na falta da titular, dentro da legalidade. Mas havia problemas aí, problemas muito sérios, cujos efeitos se fazem sentir até agora. Como o processo de impeachment ficou mal explicado e, portanto, não foi bem entendido pela imensa maioria da população, que não sabe dizer o que é pedalada fiscal ou crime de responsabilidade, ficaram muito obscuras as razões pelas quais Temer passou a ser presidente. Com isso, a legitimidade de Dilma Rousseff, que deveria ser transferida ao seu substituto, acabou se perdendo no caminho. Muita gente começou a chamar Michel Temer de golpista – e o apelido pegou.

A falta de legitimidade do atual presidente se deve, também, a uma segunda razão: o que ele vem fazendo, ao patrocinar a mudança da legislação trabalhista e previdenciária, é o oposto do que prometia o programa de governo com o qual ele e Dilma Rousseff foram eleitos em 2014. É bem verdade que essa inversão começou logo em 2015, com a própria Dilma Rousseff, que adotou uma política econômica oposta àquela que tinha anunciado na campanha eleitoral – e, diante do buraco fiscal, foi a primeira a propor uma reforma da Previdência. Mas, com Temer, a discrepância piorou e a legitimidade se esvaiu ainda mais.

Sem popularidade e sem legitimidade, como todo mundo sabe, fica muito mais penoso governar. Começa a ocorrer, então, a perda de um terceiro componente essencial para um governante, que é sua autoridade política. Essa vira pó, e quem paga é o país. Sem essa autoridade, o presidente precisa suar a camisa para dar ordens até mesmo para o motorista de seu carro oficial. A vida fica mais complicada.

Por fim, surgiu esse ingrediente trágico na agonia de Michel Temer, que são as denúncias de corrupção. Escancaradas como foram, elas vieram retirar do presidente precário o que lhe restava não mais de autoridade ou de legitimidade, mas de respeitabilidade. Sua figura se converteu num fator de constrangimento nacional e internacional.

Pois então: se tudo é assim, por que é que Temer não caiu até agora? As respostas mais frequentes apontam dois motivos para isso. Primeiro, ele contaria com um apoio forte entre deputados e senadores, que obstruiriam qualquer possibilidade de uma ação contra ele (uma investigação criminal ou uma tentativa de impeachment). O que esses parlamentares ganhariam em troca? Há uma hipótese no ar: se Temer vencer a queda de braço contra os que o acusam de corrupção, a Lava Jato sofrerá um revés muito sério – e isso beneficiaria os congressistas que também não querem ser investigados.

> AS DENÚNCIAS DE CORRUPÇÃO FIZERAM DE TEMER UM FATOR DE CONSTRANGIMENTO NACIONAL

O segundo motivo não está no Parlamento, mas no capital. Segundo os analistas, alguns setores do empresariado agiram na surdina para segurar Temer onde está, com a justificativa de que, apesar do déficit de popularidade, de legitimidade, de autoridade e de respeitabilidade, ele pelo menos leva adiante a reforma trabalhista e a reforma da Previdência, o que seria bom, na visão desses empresários, para sanear o mercado.

De acordo com esses setores do mundo empresarial, um presidente, mesmo quando suspeito, pode ser um bom presidente desde que faça as chamadas reformas logo de uma vez. Do mesmo modo que é interessante para os parlamentares que querem enfraquecer as investigações contra a corrupção, Temer seria providencial para os que falam em "modernizar" o mercado. E aqui chegamos, finalmente, à resposta às perguntas com que comecei este artigo: Temer está onde está porque (ainda) é útil a dois interesses poderosos. Ponto final.

No fundo, este tem sido nosso maior problema: acreditar que a ética é um detalhe desejável, mas não uma dimensão obrigatória. Foi assim que Cunha ganhou uma sobrevida inacreditável na presidência da Câmara. É assim, também, que vamos para o buraco. ◆

Eugênio Bucci é jornalista e professor da ECA-USP

INFORME PUBLICITÁRIO

VOCÊ SABIA QUE...

SE NÃO FOSSEM OS POSTOS BANDEIRA BRANCA VOCÊ ESTARIA PAGANDO MUITO MAIS CARO NA HORA DE ABASTECER SEU CARRO?

É o posto bandeira branca que garante a competitividade no mercado de combustível no Brasil e se não fosse ele, as bandeiras famosas estariam cobrando cada vez mais caro de você, consumidor.

QUER GASOLINA DE QUALIDADE A PREÇO JUSTO? PASSA LÁ NO POSTO BANDEIRA BRANCA.

REFINARIA DE PETRÓLEOS DE MANGUINHOS
DEFENDE MAIOR LIBERDADE E COMPETITIVIDADE NO MERCADO DE COMBUSTÍVEIS
PARA QUE VOCÊ ABASTEÇA SEMPRE COM MAIS QUALIDADE E MENORES PREÇOS

EXPRESSO

POR MURILO RAMOS

expresso@edglobo.com.br

Música

Palavras mágicas

Não foram só as pressões de políticos e o aval do ministro do Supremo Tribunal Federal Gilmar Mendes que pesaram na decisão do presidente **Michel Temer** de indicar **Raquel Dodge** para suceder a Rodrigo Janot na chefia do Ministério Público Federal. Temer gostou de uma frase dita por ela no debate de procuradores que antecedeu a eleição para a lista tríplice. Ao lhe perguntarem sobre investigação envolvendo presidente, disse: "Me refiro à possibilidade com os argumentos de que ninguém está acima da lei e, também, para preservar os vestígios e as provas. Mas isso deve ser feito com cautela para não manchar o mandato do presidente da República".

Tiroteio

Durante a campanha para substituir **Janot**, Raquel jamais atacou o colega. Ao contrário. Enalteceu os feitos da Lava Jato. Nos bastidores, porém, afirmou considerar que Janot poderia sair melhor do cargo se não tivesse se envolvido em tantos atritos com políticos.

Outros tempos

Raquel Dodge se empolga ao falar de delação premiada e ação controlada, assuntos tão em voga com a Lava Jato. Ela diz ter lançado mão dos dois institutos em investigações em que atuou, como a do ex-deputado Hildebrando Pascoal e do ex-governador do DF José Roberto Arruda.

Tio Sam

A caminho de encerrar quatro anos no comando da PGR, Rodrigo Janot vai a Washington, nos Estados Unidos, na segunda quinzena deste mês. A viagem tem dois objetivos: ele vai se reunir com autoridades daquele país e dar palestras sobre o combate à corrupção.

Beija-mão

Os encontros de políticos com o presidente do Tribunal Superior Eleitoral, Gilmar Mendes, se intensificaram nas últimas semanas. São representantes de todos os espectros ideológicos: do senador Romero Jucá (PMDB-RR) ao deputado Arlindo Chinaglia (PT-SP). Do presidente Michel Temer ao eterno candidato à Presidência Levy Fidelix (PRTB). A pauta oficial é sempre a tal da reforma política.

Pense bem

Os ministros Eliseu Padilha e Henrique Meirelles aconselham Temer a bater firme na aprovação da reforma da Previdência do jeito que está. A não aprovação implicaria perda do apoio de parte do empresariado.

Com **Marcelo Rocha** e **Nonato Viegas** e reportagem de **Guilherme Caetano**

Travar

Há ministros chateados com o slogan do programa Avançar, substituto do PAC: "Eu avanço quando o Brasil avança". Dizem que é fatalista. Acham que o cidadão pode avançar sem que o governo avance.

Estranhamento

Ao não aceitar a pressão do Planalto para que a Câmara vote as denúncias contra Temer simultaneamente, Rodrigo Maia deu o primeiro sinal de que se distanciará do presidente. O gesto desagradou ao presidente e a Moreira Franco. Maia volta a sonhar com a Presidência da República.

Vexado

O senador Garibaldi Alves garante que não falará com o senador Renan Calheiros enquanto o político alagoano não pedir desculpas por falar mal, durante sessão plenária, de seu primo, Henrique Alves, preso na Lava Jato.

Cadê?

As revelações de Joesley Batista sobre Temer provocaram o quase sumiço da primeira-dama, Marcela Temer. Em um mês, ela compareceu a apenas um evento público, diferentemente do que costumava acontecer.

E se de dia a gente briga

Tapas e beijos

Após saber que o PT é o partido preferido dos brasileiros e que a popularidade da legenda cresceu, **Lula** comparou a sigla a um casamento: há amor e há briga. Mas depois da briga vem a reconciliação. Para Lula, o governo de Dilma foi a briga. Já o impeachment dela, o motivo para a reconciliação.

Pilha de nervos

Lula está ansioso pela sentença do juiz Sergio Moro no caso envolvendo o tríplex do Guarujá. Diz que basta ser condenado para acusar Moro de perseguição política. O aumento da popularidade do PT caiu como uma luva para esse discurso.

"Toma esse papel"

Um das críticas de Joesley ao governo era o fato de não poder usar créditos tributários para amortizar dívidas com a União. Em conversa com Rocha Loures, Joesley afirma ter levado o assunto a Henrique Meirelles. "Dei um papel pro Henrique. Falei: Henrique, toma esse papel aqui, tinha que resolver esse troço, pô". Segundo Joesley, o fim dessa restrição beneficiaria principalmente a JBS.

Resposta

O ministro Henrique Meirelles afirma que conversas mantidas com Joesley foram sobre conjuntura econômica e reformas. Eventualmente, segundo Meirelles, falaram a respeito de reclamações feitas pelo empresário a Temer. Meirelles diz, no entanto, que "quaisquer sugestões feitas pelo empresário foram negadas ou sequer levadas em consideração pelo ministro da Fazenda".

38

Na busca e apreensão realizada na casa de Roberta Funaro, irmã do operador Lúcio Bolonha Funaro, a Polícia Federal recolheu um revólver Taurus calibre 38 registrado em nome dele. O registro é de 2003. Não foi encontrada munição.

Cofrão

A PF contratou um carro-forte para carregar até uma agência da Caixa, em São Paulo, R$ 1,7 milhão encontrados na casa de Roberta – em milhares de notas de R$ 100 e R$ 50.

Peppa e a Lava Jato

Um dos encontros entre **Joesley Batista** e o ex-deputado federal Rocha Loures ocorreu na casa do dono do J&F. Quando Loures estava quase de saída, a voz de uma criança apareceu no áudio. Era um dos filhos do empresário. Rocha Loures pegou um brinquedo e quis saber que personagem era. "Como chama essa, como é o nome dessa aqui? Peppa Pig, né?" Quem responde é Joesley: "É Pig, **Peppa Pig**". Toda a conversa foi parar no Ministério Público.

Leia a coluna Expresso em epoca.com.br

Foto: montagem sobre fotos de Walterson Rosa/Framephoto /Estadão Conteudo e Fátima Meira/Futura Press, Paulo Whitaker/ Reuters, montagem sobre fotos de Marcelo Min/Fotogarrafa /Editora Globo e reprodução, Dida Sampaio/Estadão Conteúdo

SUA OPINIÃO

Escreva para:
epoca@edglobo.com.br

DELAÇÕES PRESERVADAS

Em "A vitória de Fachin" (992/2017), ÉPOCA revelou como o ministro do STF preservou as delações premiadas como armas na batalha contra a corrupção

A competência e a dignidade do ministro Fachin são inegáveis. As pessoas de bem o elogiam e o admiram.

Arnaldo Zahn,
via Facebook

Fachin conseguiu carta branca da companheirada do PT, que só quer mesmo é que Temer se lasque. Nenhum ministro está preocupado com o Brasil. Fachin nunca foi tão rápido para enquadrar um réu como enquadrou Temer. No Brasil, nada é tão ruim que não possa piorar. Qual será o fim disso?

Zureia Baruch Junior,
São Paulo, SP

OBSERVADOR DO CRIME

A reportagem "A segunda guerra do Paraguai" (992/2017) mostrou a expansão da maior facção brasileira no Paraguai

A constatação de que facções criminosas brasileiras estão atravessando as fronteiras para controlar o tráfico de drogas é muito preocupante. Esta questão deveria ser discutida no Brasil e não apenas pelos organismos repressores. É preciso incentivar as famílias a se empenhar para que os jovens não se tornem usuários de drogas. Sem o usuário, o tráfico não existe.

Uriel Villas Boas,
Santos, SP

Desde o começo da guerra ao tráfico de drogas, os números só aumentaram. Todos os governos estão perdendo a guerra contra o tráfico de drogas. Muito sangue é derramado e o tráfico só aumenta. Seria mais inteligente legalizar as drogas e acabar com essa guerra sem fim. Façam igual fizeram com o álcool e o cigarro: joguem os impostos lá em cima.

Alexandre Lima,
via Facebook

Infelizmente, a única lei que funciona no Brasil é a do tráfico. Com essa lei não há discurso bonito nem advogado malandro que se salve.

Wycombe Alex,
via Facebook

Combater o tráfico seria simples se não fosse pelo envolvimento de diversos órgãos públicos estaduais e federais neste mundo de corrupção.

Lizandro Marinho,
via Twitter

O INTELECTUAL DA MASSA

O perfil "Raiz? Nutella? Sabão de coco?" (992/2017) mostrou como Leandro Karnal conquistou admiradores ao recusar a polarização

A disputa entre os brasileiros de esquerda e de direita não é boa para o Brasil. Não importa a ideologia do político, o que importa é o resultado. O discurso moderado de Leandro Karnal faz muito sentido. Atualmente, ele é um dos poucos brasileiros sensatos.

William Firmino L. Fonseca,
via Facebook

COMENTÁRIO DA SEMANA

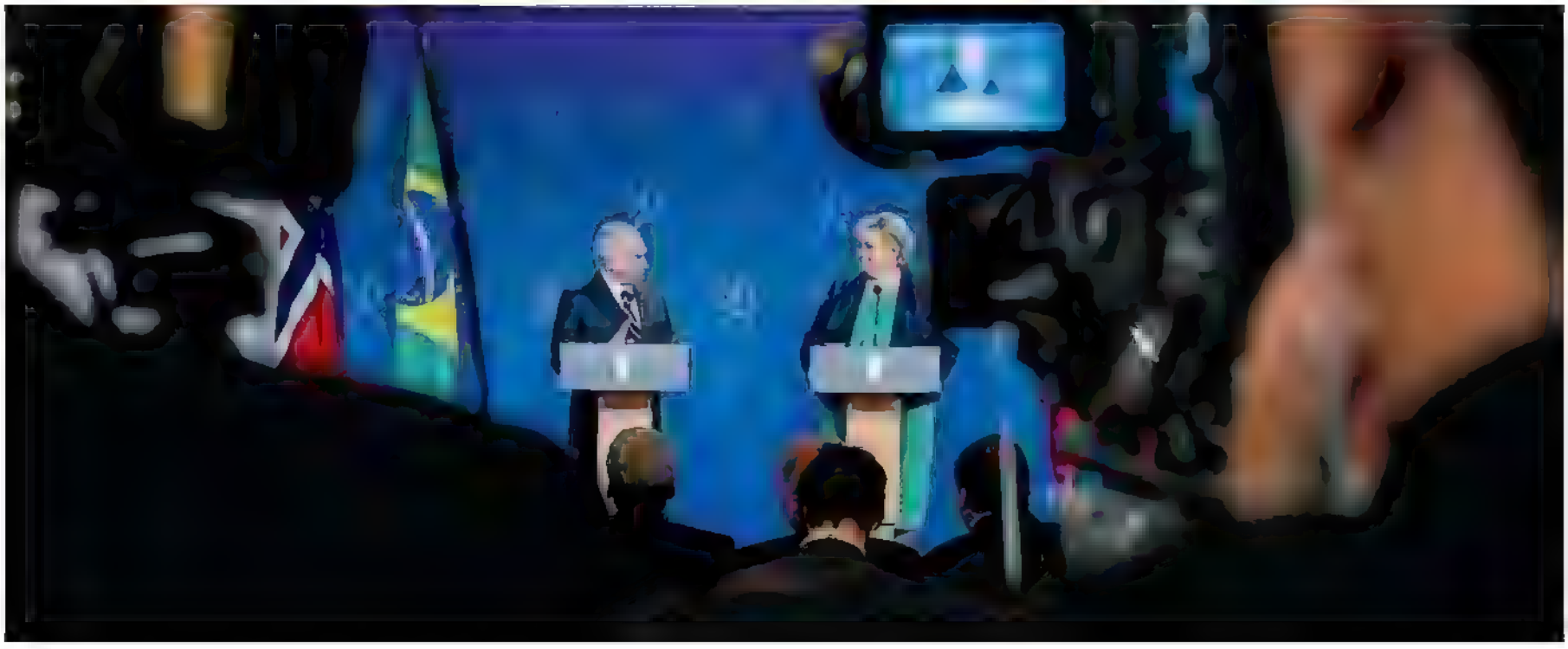
"O Brasil da impunidade está fazendo vítimas em outros países"

Claudiniz Gomes,
via Twitter

HÁ 73 ANOS UMA HISTÓRIA
DE SABOR SE REPETE.

Sadia

HÁ 73 ANOS CADA DIA MAIS SADIA.



CERCO
O presidente Michel Temer e a primeira-ministra da Noruega, Erna Solberg, em Oslo. A crise ficou no Brasil e piorou – para o lado do presidente

O QUE TEMER MAIS TEMIA

Em "Está mais complicado sobreviver" (992/2017), ÉPOCA mostrou como a sobrevivência política de Michel Temer ficou mais difícil após a confirmação de que o áudio de Joesley Batista não sofreu edição

Michel Temer perdeu todas as condições de continuar ocupando a Presidência. Sua permanência só faz diminuir o mais importante cargo da República.

Carlos Fabian Seixas de Oliveira,
Campos dos Goytacazes, RJ

A pressão contra Temer pode estar aumentando, mas seus aliados já confirmaram que denúncias não passarão na Câmara. Ele tem a maioria a seu lado.

Sydney Costa,
via Facebook

A defesa do Temer é o ataque. Ele foge das explicações. Recebeu um bandido na calada da noite e tratou de assuntos criminosos nessa visita.

Sandra Regina Vivan,
via Facebook

Michel Temer só trabalha para se manter no poder, com medo de perder o foro privilegiado. A única coisa que ele faz é trabalhar na própria defesa.

Vera Lucia Barcelos,
via Facebook

MAIS COMENTADAS

1. **"Temos de vencer Lula nas urnas", diz João Doria**
2. **Defesa de Temer apontará rupturas em áudio de...**
   EXPRESSO
3. **Aliado de Temer e Cunha se prontifica a ser relator da...**
   EXPRESSO
4. **Moro vai proferir sentença em processo de Palocci...**
   EXPRESSO
5. **Ao deixar o Brasil após delação, Joesley não ficou...**
   EXPRESSO

MAIS LIDAS

1. **"Temos de vencer Lula nas urnas", diz João Doria**
2. **Agatha Moreira engorda por causa da Domitila...**
   Bruno Astuto
3. **"Ando pelo centro e peço abraço aos mendigos", diz...**
   Bruno Astuto
4. **Ao deixar o Brasil após delação, Joesley não ficou...**
   EXPRESSO
5. **Gleisi e Paulo Bernardo chamam Lula, Dilma e...**
   EXPRESSO

MAIS COMPARTILHADAS

1. **Órgão especial da OAB considera Dirceu inidôneo...**
   EXPRESSO
2. **Acabou a fase da vergonha**
3. **Oficial de Justiça tenta intimar Graça Foster, mas...**
   EXPRESSO
4. **Precisamos mesmo de mais vitamina D?**
   Check-Up
5. **Janot não baterá boca com Temer**
   EXPRESSO

Afinal, desde os tempos da vovó o compromisso número 1 da Sadia é servir carinho, confiança e qualidade na mesa da família brasileira.

Sadia. Há 73 anos
cada dia
+Sadia

Acesse: sadia.com.br/nasuahistoria

A falta de decoro é ruim para o país

A sociedade brasileira enfrenta a crise sem se desviar do trilho institucional, mas muitas autoridades recorrem a procedimentos que não estão à altura das instituições

SEM SOBRIEDADE
Temer responde à denúncia de Janot. O presidente perdeu a compostura habitual

Um dos aspectos positivos da crise brasileira é que o país está purgando seus males sem se desviar dos trilhos traçados pela Constituição de 1988, numa saudável demonstração de maturidade democrática. Essa rota tem sido seguida a despeito de várias das autoridades responsáveis pelo comando das instituições. Elas têm colocado suas conveniências pessoais e políticas acima dos interesses da preservação de padrões mínimos de uma vida republicana. Na semana passada, o presidente Michel Temer desceu mais um degrau no mau caminho das autoridades cujos comportamentos não estão à altura das instituições que representam.

Ao responder à ação do procurador-geral da República, Rodrigo Janot, que o denunciou ao Supremo Tribunal Federal por corrupção passiva, Temer resolveu rebaixar a Presidência da República a uma disputa que ele transformou numa rinha de galo. Primeiro presidente da história da República a ser denunciado criminalmente no exercício do cargo, Temer tem direito, assegurado pela Constituição, a continuar na Presidência enquanto responde às acusações que lhe pesam – a despeito de esse comportamento infringir uma regra de conduta que ele próprio impôs a seus ministros. Em fevereiro, à medida que a Operação Lava Jato apertava o cerco a integrantes do primeiro escalão do governo, Temer anunciara que qualquer ministro denunciado pela Procuradoria-Geral da República seria afastado do cargo.

Ao tentar se defender, Temer optou pela tática mais aviltante. Não respondeu às questões de fundo da denúncia. Limitou-se a dizer que é uma ilação a acusação de que ele, por intermédio de seu ex-assessor Rodrigo Rocha Loures, suplente de deputado federal, cometera crime de corrupção passiva ao receber uma mala de R$ 500 mil em troca de "vantagens indevidas" ao grupo J&F, comandado pelo empresário Joesley Batista. Além disso, partiu para o ataque direto ao procurador-geral, com insinuações rasteiras de caráter pessoal e ilações – essas sim, sem nenhuma sustentação – de que Janot extraíra alguma vantagem ao acertar a delação premiada dos executivos do J&F.

Janot fez bem em manter a linha institucional na nota de resposta – apesar de o procurador-geral ter deslizado ao decidir fatiar em três as denúncias contra Temer. O passo em falso deu a impressão de que ele está empenhado numa guerrilha contra o presidente. Na difícil transição por que passa o Brasil, a sociedade espera que as autoridades tenham compostura e percebam que suas figuras são menores que os cargos que ocupam. Usualmente cerimonioso, o presidente Temer perdeu, na semana passada, sua habitual sobriedade institucional. ◆

Foto: Ricardo Botelho/Braz Photo Press

ZURICH

ZURICH SANTANDER

APRESENTAM

SOLUÇÃO DIGITAL TRAZ AGILIDADE A SETOR DE SEGUROS

Santander lança nova funcionalidade e reduz o tempo médio de pagamento do sinistro residencial em mais de 80%

Alagamentos, falhas no sistema elétrico, incêndios. São vários os motivos que podem levar alguém a precisar acessar o seguro residencial. Seja ele qual for, requer uma resposta rápida. E é impactante, portanto, o salto que o Santander deu no pagamento desse tipo de serviço. O processo, que durava cerca de 35 dias, agora demora menos de cinco. Dependendo do perfil do cliente e do valor do sinistro, ele pode ser concluído até no mesmo dia. "Temos um pagamento que foi feito em 1h45. Consideramos esse nosso troféu mas queremos e estamos buscando processos ainda mais rápidos", comenta Marcio Giovannini, superintendente executivo de seguros e capitalização do Santander.

Por trás dessa mudança, está uma nova solução digital. Se, de modo geral, o cliente precisa telefonar para relatar o ocorrido, aguardar a lista de documentos necessários para então enviar tudo pelos Correios, o Santander agora permite completar todo o processo por meio de um aplicativo. Isso inclui conferir o checklist da documentação, enviar fotos, mensagens de áudio e arquivos, além de agendar vistorias e acompanhar tudo em tempo real.

Para desenvolver a novidade, a joint-venture Zurich Santander embarcou numa ampla revisão e aperfeiçoamento de processos e fluxos de trabalho. Como Giovannini faz questão de frisar, não adianta apresentar uma nova tela para o cliente e, por trás dela, manter a lógica de sempre, "com uma pessoa carimbando papéis". "Queremos aproveitar esse processo para melhorar as operações da empresa no dia a dia", afirma. O resultado dessa reestruturação é que, ao comunicar o sinistro, o cliente agora se depara com um atendimento não apenas mais ágil, mas também mais simples e objetivo.

> *"Estamos focados em perceber as necessidades do cliente e permitir que ele escolha o canal para se relacionar conosco"*

Ainda segundo Giovannini, a digitalização da área de seguros começa pelo residencial porque esta é, de todas, a opção mais complexa, com menos padronização e mais sinistros. "Quisemos colocar a barra do desafio o mais alto possível", comenta. O trabalho, a partir de agora, tem como foco o desenvolvimento de novas funcionalidades, que incentivem e facilitem ainda mais a interação do cliente com o serviço.

Como a novidade já consta no app do banco, não é preciso baixar nada nem fazer um novo cadastro. Além disso, até dezembro, quem tem celulares das operadoras Vivo, Claro, Tim e Oi (seja iOS ou Android) pode utilizar os aplicativos Santander, Santander Way e Santander Universitários sem gastar o próprio pacote de dados.

Hoje, o banco conta com mais de 700 funcionários, de diversas áreas, voltados à transformação digital da companhia. Além disso, estabelece parcerias com startups e instituições inovadoras para desenvolver, de forma colaborativa, soluções que agreguem valor ao serviço. "Para que a transformação digital ocorra, é preciso mudar nossa forma de pensar. Trata-se de uma mudança cultural", afirma Cassius Schymura, diretor de Plataforma Multicanal do Santander.

Isso não significa, contudo, que o digital vá substituir os demais canais. O foco está no omnichannel, ou seja, na integração de todas as opções de relacionamento. No caso do sinistro residencial, por exemplo, o cliente pode ligar para a central, passar para o internet banking e reagendar a vistoria pelo app, conforme preferir. "Estamos focados em perceber as necessidades do cliente e permitir que ele escolha o canal para se relacionar conosco", destaca Schymura. "Isso significa oferecer a ele uma experiência melhor, pessoal, simples e justa", conclui.

TEMER PERDEU AS ESTRIBEIRAS

Primeiro presidente da República denunciado por corrupção no cargo e enfraquecido politicamente, Michel Temer recorre a insinuações para rebater uma robusta denúncia de corrupção

O ACUSADO
O presidente da República, Michel Temer. Ele se cercou de deputados do baixo clero para se defender das acusações de Rodrigo Janot e protagonizou o que só pode ser chamado de baixaria

Aguirre Talento

O plenário da Câmara dos Deputados registrava a presença de apenas 60 parlamentares às 14h02 da quinta-feira (29). Naquele minuto, o presidente da Casa, Rodrigo Maia, do DEM do Rio de Janeiro, comunicava seus pares, como se estivesse lendo um despachozinho burocrático qualquer, de um dos momentos mais graves do Congresso Nacional. Ele dava início à tramitação da denúncia contra o presidente Michel Temer, do PMDB, sob a acusação de corrupção passiva, apresentada um dia antes pela Procuradoria-Geral da República. "Esta presidência informa que chegou à Câmara dos Deputados o ofício número 2.689P da excelentíssima senhora presidente do Supremo Tribunal Federal, Cármen Lúcia, comunicando o oferecimento de denúncia formulada pelo Ministério Público Federal", um enfadado Maia avisou às cadeiras. ▸

Foto: Alan Santos/PR

O rito aborrecido não refletia o significado daquele episódio: pela primeira vez na história do Brasil, um presidente da República era formalmente acusado de corrupção durante o exercício de seu mandato. A principal prova: a entrega de uma mala com R$ 500 mil de propina a um de seus assessores mais próximos. Para o procurador-geral da República, Rodrigo Janot, o destinatário final da propina carregada por Rodrigo Rocha Loures, ex-assessor do presidente, era Michel Temer.

As minúcias da história foram narradas ao vácuo da Câmara. Após a comunicação de Rodrigo Maia, quem leu as 60 páginas da denúncia de Janot contra Temer e Rocha Loures foi a deputada Mariana Carvalho, do PSDB de Rondônia. Maia deixou o plenário e foi para o Palácio do Planalto se encontrar com Temer. A jornalistas, Maia, sentado sobre 21 pedidos de impeachment de Temer desde meados de maio, disse que sua intenção é preservar o rito do processo. "Estou discutindo tudo abertamente com todos os líderes. Isso vai ser um debate republicano. A instituição precisa ser preservada. Aqui não é para defender nem a posição do presidente, nem a posição da oposição, nem da PGR. É para respeitar o rito", afirmou.

Michel Temer está encurralado. Por um lado, pela contundência técnica das evidências levantadas pela Polícia Federal. De outro, pela contundência jurídica e política da denúncia apresentada por Janot. Nas 60 páginas da peça apresentada

AS PROVAS CONTRA TEMER

Na denúncia de 60 páginas, o procurador-geral da República apresenta o que há de mais grave contra o presidente

A prova mais forte é o áudio da conversa com Joesley Batista. Temer diz que Loures é de sua "estrita confiança". E dá aval para o empresário seguir pagando pelo silêncio de Eduardo Cunha

A Polícia Federal produziu um laudo atestando que o áudio gravado por Joesley não foi editado. Os peritos dizem que " não foram encontrados elementos indicativos de que a gravação tenha sido adulterada"

Em 13 de março, Joesley e Loures se encontram. Na conversa gravada por Joesley, o empresário informa que Loures foi "autorizado" a atuar como intermediário. "Ele autorizou, pronto"

Três dias depois, Loures se oferece para resolver um problema do J&F no Cade. Também sugere que pode levar a Temer nomes sugeridos por Joesley para cargos na Receita Federal e no Banco Central

Em 24 de abril, Loures se reúne com Ricardo Saud, do J&F, em ação controlada pela PF. Discutem um encontro de Temer com Joesley. Definem o pagamento semanal de R$ 500 mil

Joesley apresentou mensagens trocadas com Loures pelo aplicativo Confide, em que eles tentavam agendar o encontro em Nova York com Michel Temer

O PROCURADOR
O procurador-geral da República, Rodrigo Janot. Na denúncia, ele pede indenização de R$ 10 milhões

ao Supremo, Janot esmiúça a relação de Temer com Rocha Loures e as negociatas da dupla com Joesley Batista. A acusação se baseia nas provas produzidas na delação dos executivos da JBS, em gravações ambientais feitas pelos delatores, em interceptações telefônicas e ações controladas da Polícia Federal. Alguns desses diálogos gravados mostram o caminho da corrupção de que Temer agora é acusado e, mais importante, do dinheiro fruto dela: para Janot, Temer receberia os R$ 500 mil por meio de Rocha Loures – se o dinheiro não tivesse sido interceptado pelas investigações – e aceitou a promessa de um total de R$ 38 milhões do grupo da JBS. Em troca, oferecia a interferência em uma demanda da empresa no Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade).

PARA JANOT, TEMER RECEBERIA OS R$ 500 MIL QUE SEU EX-ASSESSOR ROCHA LOURES RECEBEU NA MALA DA JBS

A evidência mais vigorosa e direta envolvendo o presidente é a hoje famosa gravação feita pelo dono da JBS, Joesley Batista, de uma conversa com Temer no Palácio do Jaburu, sua residência oficial, na calada da noite de 7 de março. É uma prova robusta. Especialmente depois de fortalecida e validada pelo laudo da Polícia Federal. Conforme epoca.com.br antecipou, a perícia atestou que o áudio não foi adulterado – como alega Temer em sua defesa – e, mais do que isso, recuperou momentos-chave do diálogo secreto no Jaburu. Segundo os peritos, apesar de haver ruídos e descontinuidades próprias do aparelho gravador, não foram encontradas adulterações nem edições no áudio. A infame conversa revela o nível de confiança que Temer tinha em Rocha Loures. No diálogo, Joesley se queixa de ter perdido seus principais interlocutores para tratar assuntos de seu interesse no governo. Temer diz-lhe que procure Rocha Loures. "Da minha mais estrita confiança", garantiu a Joesley.

A Procuradoria-Geral da República enumera os cargos de Loures. Em 2011, ele foi convidado para ser chefe de gabinete de Michel Temer na Vice-Presidência da República. Em 2014, Temer gravou um vídeo para a campanha de Loures à Câmara dos Deputados. Loures foi nomeado, em abril de 2015, chefe de gabinete da Secretaria de Relações Institucionais da Presidência e, enfim, assessor especial do gabinete pessoal do presidente. Para Janot, esse histórico somado ao aval de Temer na conversa com Joesley liga os denunciados terminantemente. O caso narrado na denúncia para exemplificar essa relação é de um imbróglio no Cade. Depois do encontro no Jaburu, Joesley obedeceu a Temer e passou a tratar com Rocha Loures. ▶

ÁUDIO | **PERÍCIA** | **AÇÃO CONTROLADA** | **MENSAGENS** | **DEPOIMENTO** | **INTERCEPTAÇÃO TELEFÔNICA**

Em 28 de abril, Loures se encontrou com Saud numa pizzaria, em São Paulo. Recebeu a mala de dinheiro com R$ 500 mil, referentes à primeira parcela da propina semanal, e correu com a mala até um táxi

O motorista do táxi depôs à PF. Ele confirmou que levou Loures até a pizzaria para "pegar a mala de um amigo" e que depois o levou para uma casa perto do Ibirapuera, de onde Loures saiu com uma outra mala

Telefonemas revelam que Ricardo Mesquita, da Rodrimar, receberia a mala de propina. Mesquita é do grupo de Temer e Loures, e a Rodrimar foi beneficiada por um decreto de Temer sobre a área de portos

Em telefonemas de Loures para assistentes de Temer, ele combina viagens com o presidente. "Caso ele vá de Brasília para São Paulo, eu vou e volto com ele", diz Loures, provando a proximidade deles

Joesley depôs e afirmou que "os valores entregues a Loures eram destinados a alimentar o grupo do PMDB da Câmara, representado em seus interesses pelo presidente Michel Temer"

Ricardo Saud também depôs e disse que "Loures, na verdade, é o mensageiro desse dinheiro só. Esse dinheiro foi combinado entre nós com Michel Temer"

Foto: Ag. Senado

À época já com um pré-acordo de colaboração premiada firmado, o empresário gravou as conversas com o ex-assessor de Temer. Em uma delas, em 16 de março, na casa de Loures, Joesley pede ajuda em um processo no Cade. Uma usina termelétrica do grupo J&F movia no órgão um processo reclamando que a Petrobras adquiria todo o gás natural disponível da Bolívia para vender à empresa por um preço abusivo. Na frente de Joesley, Loures telefonou para o presidente em exercício do Cade, Gilvandro Araújo, colocando o celular no viva-voz.

Loures solicita uma interferência direta de Gilvandro ou do superintendente-geral do Cade, Eduardo Rodrigues. "Acho que seria bom que você ou ele, o Eduardo ou você, na realidade o Eduardo, pudesse olhar isso com carinho, porque, ainda que a Petrobras seja nossa, não é bom pro mercado", afirmou Loures. Joesley ofereceu a Loures 5% do lucro obtido com a operação. O valor da propina, então, poderia variar de R$ 19 milhões a R$ 38 milhões – muito acima da patente de Loures. Para Janot, "pela magnitude dos valores, Loures não teria poder nem autonomia para atuar sem o respaldo de Michel Temer". "Rodrigo Loures, durante toda a empreitada criminosa, deixou claro e verbalizou que atuava em nome do presidente Michel Temer, com a ciência deste, inclusive trazendo informações atualizadas a respeito das posições de Michel Temer acerca dos assuntos tratados, o que deixa claro que Rodrigo Loures se reportava de maneira permanente a Michel Temer sobre o andamento dos crimes perpetrados", escreveu Janot na peça de acusação.

Menos de um mês depois da conversa de Loures com a diretoria do Cade, a termelétrica do J&F e a Petrobras celebraram um acordo. O Cade arquivou o processo. Para os delatores da JBS, o problema foi resolvido mais depressa depois da reclamação de Loures ao Cade. No dia 28 de abril, Loures se encontrou com Ricardo Saud, lobista do grupo J&F, para receber a parte inicial da propina, os R$ 500 mil. A ação foi monitorada pela Polícia Federal, que filmou a entrega da mala de dinheiro. As imagens da corridinha de Loures com a mala de dinheiro estão imortalizadas nos anais da corrupção.

Para enriquecer o acervo de acusações contra Temer, o procurador-geral ainda faz referência a outra gravação providenciada pelos executivos do J&F. Rocha Loures e Ricardo Saud discutiam as possíveis formas de pagamento de propina. Loures queixa-se de que "os canais tradicionais estão todos obstruídos". São citadas duas pessoas próximas ao presidente: o coronel João Baptista Lima Filho e o advogado José Yunes. "Este é o problema, o coronel não pode mais, o Yunes não pode mais", reclamou Loures. Janot conclui: "Tais fatos demonstram, outrossim, um esquema espúrio que envolve Michel Temer e seus comparsas há alguns anos". Janot acrescenta que Temer provocou dano moral coletivo pela atuação criminosa e prejudicou a imagem da República. Como punição, cobra do presidente R$ 10 milhões de indenização.

Um dia após ser alvo da denúncia, na terça-feira (27), Temer passou a manhã reunido com aliados no Palácio do Jaburu. Temer não costuma aprender com seus erros. Convocou um pronunciamento para a tarde do mesmo dia. Precisou caçar em Brasília aliados como claque – só conseguiu reunir deputados do baixo clero. Protagonizou o que não tem outro nome a não ser baixaria. Classificou a denúncia como "infâmia de natureza política" e disse que o procurador-geral da República cria uma nova figura jurídica, a de denúncia por "ilação". "Onde estão as

O ASSESSOR
O ex-deputado Rodrigo Rocha Loures. Temer deu aval a Joesley para tratar com ele: "Da mais estrita confiança"

provas concretas de recebimento desses valores? Inexistem", disse.

Temer passou, então, a dar um "exemplo" do perigoso precedente que considerava aberto pela denúncia. Em sua história hipotética, um assessor próximo do procurador-geral da República sai da procuradoria e vai atuar em um escritório de advocacia responsável por fechar acordos de delação e leniência com a própria procuradoria. "E vocês sabem que quem deixa a procuradoria tem uma quarentena, se não me engano de dois ou três meses. Não houve quarentena nenhuma", indignou-se Temer. A informação é falsa: embora fosse aconselhável, não há regra de quarentena para membros do Ministério Público. Temer prosseguia com sua "ilação". No novo emprego, o ex-assessor do procurador ganha milhões. No meio da hipótese, Temer desistiu da impessoalidade e revelou o nome do assessor: Marcelo Miller. "E tudo ratificado, tudo assegurado pelo procurador-geral. Pelas novas leis penais da ilação, ora criada na denúncia, poderíamos concluir que, talvez, os milhões não fossem unicamente para o assessor de confiança que deixou a Procuradoria da República", disse Temer.

Em seguida, ele completou que, como é responsável, não faria "ilações" sobre o procurador-geral. Mas já as tinha feito. Miller era assessor de Janot e deixou a procuradoria para atuar no escritório responsável pelo acordo de leniência do J&F. Miller diz que não cometeu nenhum ato irregular e vai se manifestar perante as autoridades. Estuda processar Temer e deixar o escritório enquanto se defende na Justiça. Num dos momentos mais graves da história do país, o presidente da República foi a público insinuar que o procurador-geral da República o acusa de receber dinheiro de delatores. No fim, Temer ainda deu um presente às redes sociais: "Não sei como Deus me colocou aqui". Apequenou-se irremediavelmente.

Temer vai precisar da Câmara para tentar barrar a ação penal. A matéria vai para a Comissão de Constituição e Justiça e a palavra final caberá ao plenário. Se ao menos 342 dos 513 deputados aprovarem a abertura da ação penal, o caso é remetido de volta ao Supremo Tribunal Federal, que deve decidir sobre a instauração da ação penal. Com a condição de réu, Temer é afastado da Presidência. A estratégia dos aliados do presidente é agilizar ao máximo a tramitação, para enterrar o processo. Acontece que Janot, conforme antecipado por epoca.com.br, ainda deve apresentar ao menos mais uma denúncia contra Temer, desta vez sob a acusação de obstruir as investigações da Lava Jato. Esta tem como base o aval dado pelo peemedebista – e registrado na fatídica gravação de Joesley – para a compra do silêncio de dois presos na operação, o ex-deputado Eduardo Cunha (PMDB-RJ) e seu operador Lúcio Funaro. As conclusões da Polícia Federal já foram enviadas a Janot e servirão de base para a nova denúncia a ser apresentada contra o presidente. Janot pediu que o terceiro crime atribuído a Temer, de participar (ou liderar) de uma organização criminosa, seja investigado em um inquérito que apura a conduta ilícita do núcleo do PMDB da Câmara.

O presidente da Câmara, Rodrigo Maia, tem emitido sinais dúbios para Temer. Na quinta-feira, dia 29, declarou à imprensa que não deve apreciar em conjunto as denúncias contra Temer, como desejam os aliados do presidente *(leia mais na coluna EXPRESSO)*. A votação em separado de mais de uma denúncia amplia o desgaste de Temer e potencializa suas chances de derrota. Segundo Maia, "é muito difícil que a Câmara apense" os dois processos caso Fachin não o faça. Temer tem poucos em quem confiar. ◆

Foto: Jorge William /Ag. O Globo

Será a pessoa certa?

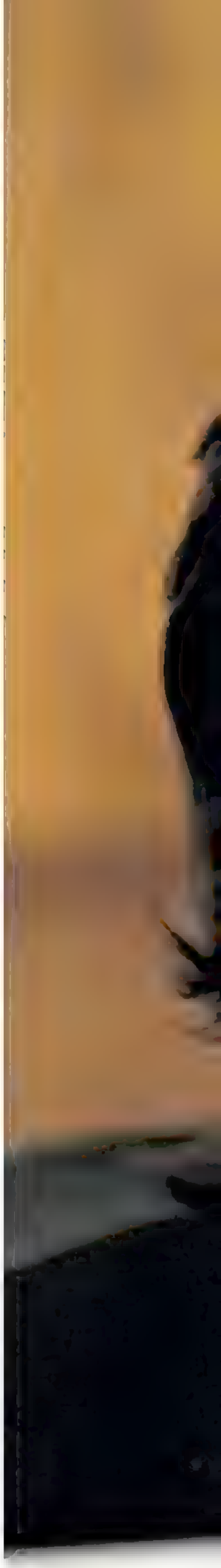
Escolhida por Michel Temer para o lugar de Rodrigo Janot, a nova procuradora-geral da República, Raquel Dodge, é conhecida pelo excesso de rigor – e provoca dúvidas entre os procuradores da Lava Jato

Mateus Coutinho

Na noite de quarta-feira, dia 28, um grupo de procuradores da linha de frente da Operação Lava Jato aquartelados na sede da Procuradoria-Geral da República, em Brasília, iniciou uma frenética troca de mensagens tão logo o presidente Michel Temer anunciou a escolha de Raquel Dodge para o comando do Ministério Público Federal. "Nem para nomear o Alexandre de Moraes *(para o STF)*, que era ministro da Justiça dele, ele foi tão rápido", escreveu um dos participantes. O comentário não era desprovido de censura. A escolha de Moraes para a vaga do falecido Teori Zavascki no Supremo Tribunal Federal, um reforço político, demorou 18 dias. Raquel foi escolhida menos de 24 horas após ficar em segundo lugar na lista tríplice obtida por votação de seus pares. Na mesma noite, a apreensão tomou conta do Grupo de Trabalho, como são chamados os procuradores que, sob o comando de Rodrigo Janot, conduzem o mais contundente ataque contra os poderosos de Brasília – Temer incluso.

A decisão a jato é um inequívoco ataque de Temer à procuradoria, mais especificamente ao atual procurador-geral, Rodrigo Janot. Ele é desafeto de Raquel Dodge. Temer é o primeiro presidente investigado por crime comum no exercício do cargo. Está ameaçado de deixar o poder por descobertas da Lava Jato, derivadas da delação premiada do empresário Joesley Batista, da JBS. Na semana passada, depois de ser denunciado ao Supremo Tribunal Federal, Temer fez um agressivo pronunciamento contra Janot *(leia mais na página 28)*. Parte importante de sua estratégia é desarmar a investigação na procuradoria, montada por Janot com colegas de várias regiões. Sob sua coordenação, o grupo é encarregado das investigações que afetam diretamente os cabeças do esquema de corrupção que domina Brasília, encastelados principalmente no PT, PMDB e PSDB.

ÉPOCA publicou, na coluna EXPRESSO, que alguns procuradores da Lava Jato ameaçaram inclusive abandonar a força-tarefa, por não gostar do



DÚVIDA **Raquel Dodge, indicada futura procuradora-geral da República. Seu rigor pode travar acordos de delação**

Foto: Zanone Fraissat/Folhapress

estilo da nova procuradora-geral. Em resposta à notícia, os procuradores redigiram uma nota em que se comprometem a continuar na operação. Diz a nota: "Os procuradores lembram que exercem sua função com profissionalismo e imparcialidade e que vão seguir em sua missão constitucional com serenidade e firmeza, como se espera de todos os representantes do Ministério Público. Os integrantes do grupo declaram ainda respeito à indicação de Raquel Dodge para o cargo de procuradora-geral da República, escolhida a partir de lista tríplice promovida pela Associação Nacional dos Procuradores da República (ANPR)".

O governo atua em várias frentes, que incluem trocar o comando da Polícia Federal e minar a operação no Supremo Tribunal Federal. No sábado, dia 24, o ministro da Justiça, Torquato Jardim, teve de desmentir novamente que vai tirar do cargo de diretor-geral o delegado Leandro Daiello. Jardim havia dito isso a sindicalistas e, diante da péssima repercussão, teve de se explicar. Não foi seu primeiro passo em falso nessa missão, talvez por isso Jardim tenha apenas feito uma declaração e se recusado a responder a perguntas. Noutro flanco, o governo contava com o julgamento no Supremo Tribunal Federal para abrir brechas destinadas a, no futuro, anular a delação da JBS e outras. Não deu certo. O ministro Gilmar Mendes defendeu com veemência a prerrogativa de o plenário do Supremo alterar acordos de delação, firmados pelo Ministério Público, caso considerasse que os termos não estavam corretos. Mas terminou vencido. Por oito votos a dois foi vitoriosa a formulação feita pelo ministro relator da Lava Jato, Edson Fachin, e pelo ministro Alexandre de Moraes, segundo a qual os benefícios podem ser revistos ao fim do processo apenas se os delatores não cumprirem seus deveres ou tiverem mentido. "O recado é: o MP, quando faz um acordo, desde que o colaborador cumpra as suas obrigações no contrato que vai ser aferido, e que não haja nenhuma ilegalidade, o MP vai entregar aquilo a que se comprometeu. Dá segurança jurídica e confiança no Estado", disse Janot.

A precária situação política levou ▶

Temer a assumir um desgaste na sucessão de Janot na procuradoria. Ele quebrou um costume desde 2003, pelo qual o presidente da República escolhe o mais votado dos três procuradores escolhidos por seus pares. Os 1.108 procuradores escolheram, pela ordem, Nicolao Dino, Raquel Dodge e Mario Bonsaglia. Aliados já haviam avisado que Temer jamais escolheria Dino, um aliado de Janot que defendeu a cassação da chapa Dilma-Temer no Tribunal Superior Eleitoral. Bonsaglia também era visto como aliado de Janot. Temer fez um movimento político: escolheu Raquel, que não se dá bem com muitos procuradores da equipe de Janot. Segundo alguns deles, haveria prejuízos em áreas sensíveis, como a cooperação internacional, que permitiu à Lava Jato encontrar dinheiro da corrupção em paraísos fiscais e na Suíça e desarticular vários eixos da organização criminosa.

Temer escolheu Raquel devido a seu perfil. Rigorosa e centralizadora, Raquel não é o tipo de procuradora que vai engavetar investigações descaradamente, como no passado. Contudo, por seu excesso de rigor, pode travar novos acordos de delação premiada. Raquel disse em debates que a imunidade dada aos delatores tem de ser proporcional ao alcance do que eles podem entregar. Nos bastidores, colegas afirmam que ela fez críticas à delação feita pela JBS – justamente a que mais incomoda Temer e cujo acordo o governo afirma que foi leniente demais com o empresário Joesley Batista. Na área criminal, o caso mais conhecido de Raquel foi a Operação Caixa de Pandora, em 2009, que levou à prisão o então governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda (ex-DEM, atualmente sem partido). A Caixa de Pandora ficou famosa pela realização de diversas ações controladas, que registraram em vídeo episódios de corrupção explícita, como aquele em que Arruda recebe um maço de dinheiro de propina. No entanto, a investigação perdeu ritmo quando chegou à mesa de Raquel e não resultou nas condenações esperadas.

A desconfiança da turma da Lava Jato aumentou porque a escolha de Raquel Dodge passou pelo gabinete do ministro Gilmar Mendes e chegou até caciques do PMDB no Senado, responsável por referendar ou não o nome do indicado pelo presidente para chefiar a procuradoria. O nome foi oficializado em um compromisso que não foi registrado na agenda oficial, quando o presidente Michel Temer e os ministros Eliseu Padilha (Casa Civil) e Moreira Franco (Secretaria Geral) – ambos do PMDB, ambos investigados pela Lava Jato – foram a um jantar na casa do ministro Gilmar Mendes na terça-feira, dia 27. O caminho vinha sendo pavimentado havia meses. Em duas ocasiões, em fevereiro e abril deste ano, Raquel visitou o 9º andar do edifício sede do Tribunal Superior Eleitoral, onde fica o gabinete de Gilmar. Na pauta, contudo, não havia nenhum processo ou mesmo demanda que pudesse envolver a Justiça Eleitoral, mas sim uma amiga que acompanhava Raquel: a procuradora de Justiça do Paraná Maria Tereza Uille. Na ocasião, Maria Tereza buscava o beneplácito do ministro para auxiliar no referendo pelo Senado a sua indicação para o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), aprovada no ano anterior pela Câmara. Em 25 de abril, o Senado aprovou o nome de Maria Tereza. Raquel acionou duas interlocutoras para buscar apoio na cúpula do PMDB.

Para se preservar, Raquel evitou fazer contatos diretos com políticos, mas deixou a cargo de duas procuradoras a tarefa de buscar os caciques do PMDB, entre eles os senadores Romero Jucá, Renan Calheiros e o ex-presidente José Sarney. Uma das interlocutoras foi Maria Tereza. Raquel nega ter buscado qualquer contato com políticos do partido. Maria Tereza desconversou. Sarney divulgou uma nota em seu site afirmando que não conversou com ninguém a respeito da indicação para a PGR e que não tem proximidade com Raquel. Renan negou ter sido procurado e Jucá negou qualquer articulação.

Fotos: André Dusek/Estadão Conteúdo, Pedro Ladeira/Folhapress

CONSELHEIRO **O ministro Gilmar Mendes, do Supremo *(acima)*, e o senador Aécio Neves *(ao lado)*. A Lava Jato ganhou a parada das delações no Supremo, mas perdeu no caso do tucano**

Com pouco menos de três meses de trabalho à frente, o procurador-geral Rodrigo Janot trabalha para concluir ao menos mais uma das três denúncias que deve fazer contra Temer, derivadas da delação da JBS, antes do fim de seu mandato. Quer garantir que Raquel Dodge assuma com as investigações contra o presidente engatilhadas. Ao mesmo tempo que está em um momento de largo poder, com a denúncia do presidente da República e o emparedamento de vários poderosos, a Lava Jato enfrenta um momento turbulento.

Na sexta-feira, dia 30, o ministro Marco Aurélio Mello, do Supremo, liberou o senador tucano Aécio Neves para voltar a exercer suas funções políticas. Marco Aurélio poderia ter levado o caso à Primeira Turma do tribunal, mas preferiu decidir monocraticamente. Aécio estava afastado desde o dia 18 de maio por determinação do relator da Lava Jato no Supremo, o ministro Edson Fachin. "Não cabe ao STF, por seu plenário e, muito menos, por ordem monocrática, afastar um parlamentar do exercício do mandato. Trata-se de perigosíssima criação jurisprudencial, que afeta de forma significativa o equilíbrio e a independência dos Três Poderes", disse na decisão. Marco Aurélio revogou todas as medidas cautelares determinadas por Fachin. Gravado em conversas com o sócio do J&F Joesley Batista pedindo R$ 2 milhões e negociando cargos com o empresário, o tucano já foi denunciado por corrupção passiva e obstrução da Justiça.

Depois da decisão de Marco Aurélio, no final da tarde de sexta-feira o ministro Edson Fachin mandou para casa o suplente de deputado Rodrigo Rocha Loures, aquele assessor de Temer que deu uma corridinha com uma mala recheada de R$ 500 mil de propina da JBS. Ele estava preso na Superintendência da Polícia Federal, em Brasília, há quase um mês. Denunciado junto com Temer no caso de corrupção passiva, Rocha Loures é a maior ameaça ao presidente. Foi para casa com tornozeleira eletrônica e está proibido de ter contato com outros investigados. Rocha Loures negociava um acordo de delação premiada. ◆

CAPÍTULO 2:

COLONIZADOS

A indústria das drogas na fronteira Brasil-Paraguai transforma índios e

Hudson Corrêa e Aline Ribeiro

SEM FUTURO
Crianças guaranis-caiovás brincam em aldeia na fronteira com o Paraguai. A etnia sofre com a escassez de terra, suicídio, alcoolismo e, mais recentemente, com a chegada dos traficantes

CRIME SEM FRONTEIRAS

Em uma série de três reportagens, ÉPOCA mostra o avanço do crime organizado brasileiro no país vizinho

O TERROR

PELO TRÁFICO

m viciados, escravos e até em traficantes filiados a uma facção criminosa

(texto) **Adriano Machado** (fotos)

O indígena C. assistia a um jogo da Copa do Mundo quando apareceu uma oferta de trabalho tão imprevisível quanto a partida, na qual iranianos apertavam argentinos naquela tarde de sábado de 2014. O "homem branco" que bateu a sua porta falava guarani – língua comum a índios e paraguaios – e disse que lhe pagaria R$ 40 por dia pelo plantio de eucalipto no Paraguai, cuja fronteira fica a 40 quilômetros dali, a aldeia Limão Verde, em Mato Grosso do Sul. Ele partiria imediatamente, era pegar ou largar. A área da Limão Verde é de 660 hectares para 1.600 guaranis-caiovás, o que dá o equivalente a apenas meio campo de futebol para cada um plantar e criar gado. Como C., a maioria sobrevivia do trabalho fora da terra indígena, mas a mecanização do corte da cana pelas usinas deixou ao menos 200 desempregados. Aos 40 anos, com quatro filhos para sustentar, ele não pensou duas vezes.

Colocou algumas roupas na mochila, mal se despediu da família e subiu na carroceria do Saveiro branco, onde já estavam outros sete índios. O transporte ilegal na carroceria não encontrou polícia na rodovia que leva a Coronel Sapucaia. Chegando lá, bastou atravessar uma rua para entrar em Capitán Bado, cidade paraguaia que o juiz federal Odilon de Oliveira – expoente no combate ao narcotráfico – chama de a "capital mundial da maconha", tamanha a produção da droga. O Saveiro parou e os índios pularam para um Toyota Hilux, que se embrenhou Paraguai adentro. Por volta de 1 hora da manhã, os índios desembarcaram no

meio do mato. Percorreram 1 quilômetro e meio por uma trilha rasgada no milharal. Pularam cerca, andaram mais um pouco, até que encontraram dois homens armados que vigiavam um grupo de índios brasileiros, a maioria adolescentes entre 12 e 14 anos. Não havia plantio algum de eucalipto. "Aqui é o serviço, a colheita de maconha", disse o patrão paraguaio.

Logo no primeiro dia, C. percebeu que a lida era trabalho escravo. A jornada começava às 5h30 e acabava às 21 horas. Cozinhavam o almoço numa mesma panela, que primeiro recebia feijão, depois arroz, macarrão e por fim banha de vaca – e nem sempre a goroba indigesta era suficiente para todas as 120 pessoas, grande parte índios brasileiros dos municípios de Amambai, Coronel Sapucaia, Antônio João e Caarapó, na região de fronteira. Como bandeirantes do século XVII, dez homens armados com rifles e pistolas vigiavam o cativeiro onde índios no século XXI trabalhavam sob o regime abolido (com enorme atraso) no século XIX. Os trabalhadores dormiam ao pé das árvores na falta de espaço no barracão armado no meio da mata. Durante o dia, era ali que C. e outros índios manipulavam as flores de maconha, esmigalhadas depois sobre uma mesa. O material triturado ia então para a prensa ganhar o formato de tabletes. Só numa noite, os índios carregaram uma caminhonete com 3.500 quilos.

ESCRAVO
O índio C. em sua aldeia, na fronteira Brasil-Paraguai. Chamado para trabalhar no plantio de eucalipto, ele trabalhou como escravo no cultivo da maconha no Paraguai

C., seus companheiros de infortúnio e centenas de outros índios que passam por isso participam do processo que faz do Paraguai um dos cinco mais importantes fornecedores de maconha para o mercado internacional, de acordo com dados da ONU. A área onde C. esteve faz parte do território hoje dominado pelo PCC, o Primeiro Comando da Capital, a maior organização criminosa do Brasil, que avança no Paraguai desde que eliminou o traficante Jorge Rafaat Toumani, em 2016, como ÉPOCA mostrou na semana passada. Lá são produzidas algumas das toneladas de maconha que a facção envia para o Brasil e outros países, num negócio que movimenta mais de R$ 240 milhões. Na cultura da planta que se transforma em um produto ilegal, o trabalho – por óbvio – não é legalizado, não segue regras. Os índios – até mesmo crianças – ficam à mercê de criminosos profissionais.

Sem notícias após oito dias, as mulheres de C. e de seus colegas índios procuraram o capitão da aldeia, como é chamado o líder dos guaranis-caiovás. Nelson Castelão tinha experiência em detectar malvadezas contra seu povo. Ligou para o número de celular que o contratante deixara de contato. O homem disse em guarani que estava tudo bem, que em breve enviaria para as mulheres o adiantamento semanal dos maridos. Mais alguns dias sem notícias, e Castelão comunicou o desaparecimento à Funai, Fundação Nacional do Índio, que alertou a Polícia Federal. Já circulavam informações sobre o aliciamento de índios nas aldeias Amambai, próxima à Limão Verde, e Taquaperi, em Coronel Sapucaia, a 40 quilômetros dali, para trabalhar na colheita de maconha. A Polícia Federal conseguiu contatar um índio que fugira do cativeiro. Ele contou que os trabalhadores eram forçados a fumar maconha, além de trabalhar na colheita, e deu indicações de onde ficava a fazenda. A partir das informações da PF, a polícia paraguaia fez uma operação em Capitán Bado e resgatou oito índios da aldeia Amambai. Mas nem sinal de C. e seus companheiros da Limão Verde. Poucos dias depois, Castelão recebeu uma ligação. "Você aguarde, espere que nós vamos aparecer aí na sua casa, viu?", disse um homem. "Mandou polícia atrás de nós, né?" O aliciador registrara o número do capitão no celular.

A polícia paraguaia chegou por volta das 4 horas da manhã ao acampamento onde C. e os outros guaranis-caiovás estavam havia 15 dias. Assustados com o tiroteio, eles se esconderam na mata, ▶

RESERVAS INDÍGENAS NA FRONTEIRA DO BRASIL COM O PARAGUAI SE TORNARAM TERRITÓRIOS LIVRES PARA A ATUAÇÃO DE TRAFICANTES

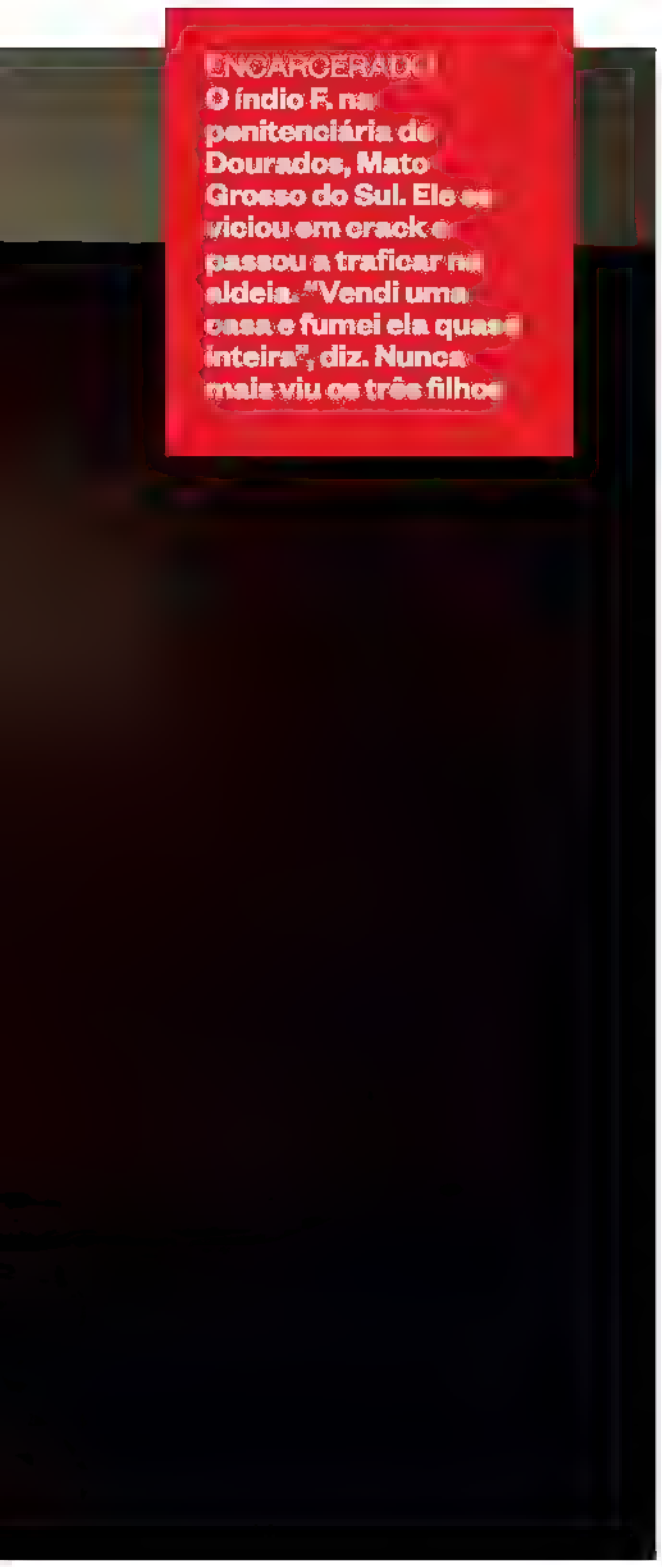
de onde avistavam a fumaça negra que exalava da plantação incendiada pelos policiais. Por volta das 10 horas, criaram coragem para voltar ao acampamento. C. encontrou suas roupas queimadas. Os seguranças armados transferiram os índios para outra área de plantio. "Obrigaram a gente a correr igual cavalo por cada brejo, que nossa! A água ficava por cima da cintura. Perdemos roupas e sapatos no caminho", diz C., que chegou descalço à nova lavoura. Um dos homens lhe deu uma pistola para vigiar o grupo, mas sua intenção era fugir assim que clareasse. Chamou os outros índios da Limão Verde para acompanhá-lo. Mais velho, João Ferreira disse que não conseguiria segui-los e ficou no cativeiro. Os fugitivos chegaram à estrada no meio da tarde. Um camponês arrumou chinelos para C. Mais adiante, um guarda do cativeiro se aproximou de moto e pediu a pistola de volta. C. sacou a arma da cintura, retirou as balas e a devolveu. Na tarde seguinte, quando chegaram à sede da fazenda onde havia plantação de maconha, passava o jogo do Brasil com a Alemanha pela Copa, o inesquecível 7 a 1.

Por cinco dias, os índios ficaram em um quartinho e sem acesso a banheiro. Cansados de esperar por transporte de volta, eles caminharam dois dias enfrentando chuva e fome. Já próximos da fronteira, o motorista de uma caminhonete acenou para que subissem. Foi assim, novamente de carona em uma carroceria de caminhonete, que voltaram a Coronel Sapucaia, após 24 dias no Paraguai. Contaram a policiais federais sobre o trabalho na lavoura. C. foi festejado pela família, que o julgava morto. João Ferreira, que ficou para trás, ficou 60 dias na plantação até "o patrão" deixá-lo na linha de fronteira. Cobrou que voltasse na próxima safra. Ferreira mentiu que regressaria. Ganhou apenas R$ 1.000. Três anos depois, o capitão Nelson Castelão ainda teme que os traficantes apareçam para se vingar. Afinal, eles estão sempre por ali.

TERRA INDÍGENA DO PCC

Um investigador conhecedor do submundo da região afirma que "a área indígena é território livre" para o PCC hoje. Pobres, desempregados e sem terra para plantar, os indígenas da região são mão de obra fácil – e abundante e promissora – para incrementar os negócios criminosos. Presentes dos dois lados da fronteira, índios das etnias guarani-caiová participam de todos os ciclos da droga na área onde o crime organizado brasileiro se expande. Índios são trabalhadores escravos, são consumidores, são traficantes, são presidiários. Alguns deles, para surpresa de policiais, já estão até formalmente filiados à facção criminosa, como os bandidos das cidades. A tatuagem de caveira no estilo hip-hop no braço esquerdo combinaria melhor com alguém maior que Estéfano Ortiz Benitez, um guarani-caiová de apenas 1,58 metro de altura e cerca de 60 quilos. Indinho, como é chamado – por motivos óbvios –, tem pelo menos dez anos de militância na bandidagem, sempre no tráfico de drogas. Em 2011, ele se "batizou" no PCC, com o aval de três padrinhos, ganhou o número 8.875 e passou a exercer a função de "disciplina", o encarregado de julgar integrantes que cometem pequenos desvios de conduta. Passou depois a membro do jet, o conselho que cuida do pavilhão de um presídio, analisa e julga informações repassadas pelo "disciplina".

Indinho foi preso pela primeira vez em 2006 e de novo em 2010, quando foi condenado a 12 anos por tráfico. Mesmo



preso, começou a mexer com cocaína, chamada de "100%" na linguagem da facção, uma droga mais rentável que a maconha. Indinho também organizava o cadastro de membros da organização para a festa de Natal e participava das rifas, que visam arrecadar dinheiro para o PCC com o sorteio de carros e motos entre presidiários de todo o Brasil. Contribuiu com R$ 35, em dezembro de 2015, na disputa por cinco motos, mas ninguém de Dourados ganhou. Os prêmios saíram para cadeias no Paraná, Mato Grosso do Sul (cidade de Três Lagoas), Minas Gerais e "Bolívia", segundo anotações em um caderno da facção. No final do ano passado, Indinho passou ao regime semiaberto para trabalhar com serviços gerais numa empresa de engenharia. Fugiu três dias depois.

A explosão de criminalidade nas aldeias fez surgir uma expressiva massa carcerária de índios condenados pela Justiça – eles podem ser presos como qualquer cidadão, desde que compreendam a ilegalidade de seus atos. Com as mãos para trás e o rosto virado para a parede na penitenciária de Dourados, F., de 25 anos, conta que fez a triste transição de alguns de seus conterrâneos. Em 2012, num final de tarde, a polícia descobriu por acaso a "boca" na casa onde ele, um índio da etnia terena, morava na aldeia Jaguapiru e vendia drogas. Detido, condenado a cinco anos por tráfico, F. continuou em liberdade. Em 2014, policiais o prenderam de novo, desta vez dirigindo um Astra sem habilitação e com 14 gramas de pasta-base de cocaína. Recebeu pena de seis anos de prisão. Continuou mais algum tempo em liberdade até a polícia encontrar quase 70 gramas de pasta-base de cocaína em sua casa. Aí não houve jeito. Há um ano F. está preso. Lembra que começou a fumar maconha aos 12 anos e aos 20 viciou-se em crack, consumido livremente numa "balada" na saída da aldeia. "Vendi minha casa por R$ 8 mil e fui morar de aluguel. A bem dizer, eu fumei tudo, fumei quase uma casa", diz. A pedra de crack custa R$ 10 e a caixa com 10 gramas sai por R$ 150 na aldeia, segundo F. A única visita que ele recebe é da mãe, aos domingos. Presa duas vezes com ele, mas sem condenação, sua mulher o abandonou e casou-se de novo. F. nunca mais viu os filhos de 5, 3 e 2 anos.

Já são tantos os índios presos que o governo de Mato Grosso do Sul criou uma ala só para abrigá-los na penitenciária de Dourados, a principal cidade daquela parte da fronteira. Em 2011, a ala abrigava 55 índios. Em maio passado eram 120 – encarcerados por homicídio (40 presos), estupro (38), roubo (22), tráfico (14), lesão corporal (4), associação criminosa (1) e furto (1). A ala tem um líder que leva reivindicações para a direção da cadeia, pede assistência à Funai, como kits de higiene, e evita brigas. A., de 41 anos, um sujeito tímido, de falar baixo e gestos contidos, está condenado a 43 anos de prisão por quatro tentativas de homicídio e um assassinato a tiros, durante brigas na aldeia Bororó. "Sempre falo para os que saem para não voltar mais para cá", diz ele, que cursa no presídio o 3º ano do ensino médio. "Hoje quem mata na aldeia são guris de 13 e 14 anos. Matam até para roubar uma bicicleta, um tênis bom, porque não têm de onde tirar o que precisam." A. nunca quis virar liderança na aldeia, mas dentro do presídio assumiu esse papel.

As dez celas dos índios ficam num setor que abriga detentos menos perigosos, idosos, homossexuais e internos que trabalham na cadeia. O pátio do pavilhão se resume a uma quadra de futebol onde os presos convivem bem. Recentemente, três índios preferiram migrar dessa parte mais calma para a ala destinada aos detentos batizados no PCC, temidos pelos demais. Os presidiários da facção agem de forma diferente e são tratados com mais cuidado pelos carcereiros nos procedimentos rotineiros. Quando estão no pátio, os presos comuns entram nas celas assim ▶

CRIANÇAS INDÍGENAS DESAPARECERAM, ALICIADAS PARA TRABALHAR NO CULTIVO DE MACONHA E NO TRÁFICO DE DROGAS

que soa um sinal do final do horário do banho de sol; em seguida, os carcereiros entram no pátio e trancam as portas. A turma do PCC permanece acintosamente fora das celas mesmo ao ouvir o toque de recolher; só se mexe para entrar depois de ouvir um segundo toque de recolher. Suas celas têm uma particularidade: um sistema de tranca acionado por fora, no qual uma longa barra de ferro trava as portas. Só depois disso carcereiros entram no pátio e passam um cadeado em cada porta.

De cinco anos para cá, cresceu o consumo de drogas entre os guaranis-caiovás, diz a pesquisadora Rosely Pacheco, que há 15 anos estuda os conflitos nas aldeias. "Os guaranis-caiovás são pacíficos, mas há o efeito da droga", diz Rosely. Há mais índios presos por tráfico e viciados, na mais recente desventura desses povos. Ao longo da história, o embate com fazendeiros dizimou aldeias inteiras, como no ciclo da erva-mate do século XIX que confinou as tribos em pequenas ilhas no meio do latifúndio. Surgiram as reservas indígenas que juntaram à força etnias e costumes diferentes. Muito antes das drogas, comerciantes passaram a vender cachaça aos índios, o que disparou casos de alcoolismo. Na década de 1990, ao menos 270 índios cometeram suicídio, entre eles crianças. Entre 2005 e 2007, a desnutrição matou pelo menos 49 crianças em um estado que é grande produtor de alimentos.

Os guaranis-caiovás são cerca de 46 mil a viver em aldeias demarcadas de apenas 60.000 hectares no sul de Mato Grosso do Sul, boa parte em áreas na fronteira com o Paraguai. Como mostra o caso de C., faltam espaço e condições para plantar e sobreviver. As aldeias Jaguapiru e Bororó, vizinhas de Dourados, são áreas superpovoadas onde 12 mil habitantes dividem 3.500 hectares. Alguns poucos índios, porém, detêm a posse de grandes áreas. Demarcada em 1917, a reserva mais parece uma favela cercada pelos bairros que cresceram em volta. Sempre foi uma área problemática pelas chagas históricas de miséria, alcoolismo, suicídio e mistura de etnias. O tráfico de drogas se encarregou de piorar tudo com a disseminação do crime e do vício entre os indígenas.

AS CRIANÇAS QUE SOMEM

A névoa se desmancha no céu azul da manhã de domingo, 7 de maio. Alguns índios caminham às margens do asfalto da rodovia que corta a aldeia Taquaperi, em Coronel Sapucaia. As duas meninas de cabelos aloirados pelo sol, o homem a cavalo, a mulher a pé atrás dele e o índio vestido de branco estranham forasteiros. O bucolismo da cena dura só até surgir a lembrança que a rodovia é rota do tráfico de drogas. Traficantes invadem sem cerimônia a terra indígena, onde a polícia não entra, para despistar a lei. Como as outras aldeias guaranis, Taquaperi não tem as ocas cobertas de sapê como antigamente. As casas de alvenaria escura, de madeira ou barracos de lona preta se espalharam entre o que sobrou da floresta e a praga do capinzal que cobre o Tekoha, como os índios chamam suas terras. Pequenas estradas tomadas por atoleiros e mato levam às moradias.

Diante de uma dessas casas, vestido de calça jeans, sapato e camisa branca

ALDEIA COM GRADE
Ala exclusiva para presos indígenas na penitenciária de Dourados, Mato Grosso do Sul *(ao lado)*, e ala de presos do PCC *(acima)*. Recentemente, três índios se filiaram ao PCC e escolheram mudar-se para o espaço destinado à facção criminosa

de manga longa, o capitão Oswaldo Rodrigues coloca o cocar de penas vermelhas e azuis para falar. "Já foram seis crianças mortas. Não vou falar que são mortas, mas há dois anos, três anos, estão desaparecidas. Elas foram levadas ao Paraguai para trabalhar na plantação de maconha", diz. "No Brasil, criança não pode trabalhar, mas no Paraguai não tem essa lei. Por isso, levaram daqui." As crianças aliciadas estavam na faixa dos 12 anos e estudavam na escola local. O capitão Rodrigues comunicou o desaparecimento a procuradores da República que estiveram na aldeia no início do ano. Os procuradores determinaram a abertura de um inquérito criminal e de outro cível para apurar o caso. Pediram uma lista de possíveis desaparecidos à Funai, que mantém um cadastro nas aldeias por meio de agentes de saúde. As duas investigações correm em segredo de Justiça, mas a procuradoria adianta que o relato dos índios é bastante consistente. Segundo um delegado, a Polícia Federal ainda não chegou a nenhum dos aliciadores porque os índios têm dificuldades em descrever os suspeitos. Outro entrave é que muitos guaraniscaiovás não têm documentos: só em Taquaperi há 250 adultos e ao menos 39 crianças sem registro de nascimento. Assim, é mais difícil encontrá-los.

O capitão diz que os traficantes também recrutam adolescentes de 14 a 17 anos. Acredita que cerca de 300 indígenas de Taquaperi, a maioria nessa faixa etária, estejam nas lavouras paraguaias atualmente. "Eles não têm como realizar seus sonhos dentro da aldeia", diz. Querem roupas novas, um celular e, quando mais velhos, almejam uma moto para vencer a distância da aldeia até a cidade, localizada a alguns quilômetros de distância. Os pais têm poucas condições financeiras para satisfazer os filhos. Professor de ensino fundamental da aldeia, Amaro de Souza Rocha diz que os próprios garotos indígenas ajudam no aliciamento dos colegas. Segundo a Polícia Federal, um adolescente de 14 anos, que passou a viver no Paraguai, recruta gente na aldeia para o plantio da maconha. "Os índios na fronteira têm de ser mais protegidos. Estamos em perigo por causa dos traficantes armados", afirma o capitão Rodrigues. Ele quer do governo ao menos uma caminhonete para servir de "viatura" à equipe de segurança da aldeia, formada por índios armados com facões.

Em 2013, o capitão Nelson Castelão flagrou um menino de 9 anos de idade com 12 quilos de maconha para distribuir na aldeia Limão Verde, principalmente a estudantes da escola local. Flagrado novamente, agora com 500 gramas, acabou despachado para uma área mais distante da fronteira. As crianças de até 9 anos de idade representam quase 31% da população de guaraniscaiovás. Como característica mais marcante, os indiozinhos têm grandes olhos negros que expressam meiguice. Eles surgem às dezenas do meio do capinzal seco, curiosos para ver os visitantes que chegam à aldeia. Estão sempre de roupas puídas, sujas de poeira. Enfrentam o alcoolismo dos pais, a desnutrição, toda sorte de privações na aridez da terra e agora a ameaça do tráfico de drogas. Só lhes resta acreditar que Nhanderu, o deus guarani, possa protegê-los. ◆

CARTA DA VENEZUELA

A aposentada Maria de los Angeles, de 55 anos, cuida de um abrigo para cachorros num subúrbio de Caracas. O número de animais abandonados se multiplicou por causa da crise

A VIDA REAL NUM PAÍS ARRUINADO

Na Venezuela, as privações passaram a fazer parte do dia a dia de uma sociedade atingida pela maior crise dos últimos 20 anos. Como vivem os venezuelanos que não têm militância política e lutam pela sobrevivência num país destruído pelo chavismo

Teresa Perosa (texto) e **Manu Quintero** (fotos), de Caracas

Os olhos de Fátima Rodrigues, de 63 anos, só se enchem de água ao falar de duas coisas: a impossibilidade de tomar seus remédios de uso contínuo e a falta que sente das viagens, uma grande paixão. Hoje, o dinheiro da pensão dela e do marido, aposentados, mal cobre a comida e os gastos com água e luz. Hipertensa e com problemas cardíacos, desde dezembro Fátima não toma os remédios de que precisa ou porque não os encontra ou porque, quando aparecem, os preços são proibitivos. "Consegui faz uns dias uma caixa de Glucofage, mas só", diz. As viagens ao exterior se tornaram coisas ainda mais rarefeitas na vida de Fátima. As últimas incursões foram ao Equador e à Colômbia, há mais de dez anos. Quando jovem, ela conta que trabalhava três ou quatro meses em um emprego temporário, como secretária ou telefonista, e juntava o suficiente para uma de suas jornadas para fora. "Fui duas vezes aos Estados Unidos. Conheço a Europa, fui várias vezes a Portugal, Espanha, Itália, Panamá, México, Austrália, Brasil, África do Sul. Tudo isso pude conhecer, mas era outro momento", diz, na sala da casa em que mora com o marido, José Miguel, de 66 anos, e o filho mais novo, comprada com o dinheiro de uma pequena herança deixada pela mãe.

Nos últimos meses, a Venezuela entrou em convulsão. Uma grave crise contrapõe o governo de Nicolás Maduro à oposição e tem transbordado diariamente para as ruas da capital Caracas. Os confrontos entre manifestantes armados de coquetéis molotov e um forte aparato de repressão policial se tornaram cotidianos e já causaram pelo menos 70 mortes. O impasse também é institucional. Na crise, Maduro aprofundou a natureza autoritária do governo. Na semana passada, o Tribunal Supremo de Justiça, controlado pelo Executivo, diminuiu os poderes da procuradora-geral, Luísa Ortega Dias, uma das principais vozes dissidentes contra o regime. Uma inflação avassaladora, projetada para ultrapassar os 1.000% até o fim do ano, corrói a renda das famílias, transfere o dinheiro dos pobres para os muito ricos e passou a afetar a alimentação no dia a dia. Adicionem-se a esse quadro sombrio índices altíssimos de violência – em Caracas, a taxa de homicídios alcançou 91,8 para cada 100 mil habitantes, de acordo com a ONG Observatório Venezuelano de Violência. São números de guerra civil. Sem perspectiva de melhora, os venezuelanos de classe média, como Fátima e José Miguel *(foto ao lado)*, tentam manter, aos trancos e barrancos, alguma rotina de normalidade em meio ao caos.

No imóvel do casal, a decoração é feita de imagens de Nossa Senhora de Fátima e quadros com a técnica de pontilhismo, obras de José Miguel. As telas registram as paisagens de Macuto, a cidade onde Fátima e José Miguel vivem, uma espécie de Paraty da Venezuela, com suas pequenas casas de fachadas coloniais pegadas umas às outras. O município fica em Vargas, estado caribenho a uma hora de Caracas. A casa está em obras faz quatro anos, mas há mais de um ano o casal não consegue dar continuidade à reforma. "Quando há dinheiro, não há cimento, quando há cimento, não há dinheiro." Em meio ao entulho da garagem, há um carro, coberto por uma lona. Sem peças de reposição, o veículo não roda há três anos. O andamento trôpego da reforma está longe de ser a questão mais aflitiva para a família. Fátima diz que, desde 2014, o dinheiro começou a rarear a ponto de não dar mais para comprar comida para as três refeições. "De manhã, tomamos café preto sem leite e uma fatia de pão, quando há", diz Fátima. "Se comemos bem pela manhã, não há comida para jantar."

Nos últimos dois anos, José Miguel perdeu 20 quilos e Fátima 8. "Chamamos isso aqui de dieta Maduro", diz José Miguel, numa alusão ao presidente da Venezuela, Nicolás Maduro. Com as aposentadorias de professora primária de Fátima e de funcionário público de José Miguel, a renda familiar mensal chega a 440 mil bolívares, mais ou menos US$ 70, o equivalente a R$ 230. "Antes fazia compras quinzenais, com carne e frango. Hoje, 1 quilo de carne, no mercado do preço controlado, custa 10 mil bolívares. É impossível", diz Fátima, que cresceu na cidade de La Guaíra numa família de imigrantes portugueses que vieram para a Venezuela entre os anos 1940 e 1950 e levavam uma vida de classe média, sem luxos, mas também sem privações. "Na

"SE COMEMOS BEM PELA MANHÃ, NÃO HÁ COMIDA PARA O JANTAR"

Fátima Rodrigues, de 63 anos, professora primária aposentada. Sem dinheiro para comprar comida, ela e o marido, José Miguel, de 66 anos, emagreceram. Ela perdeu 8 quilos e ele 20 quilos

minha casa, era sempre primeiro a comida", diz. "Tínhamos educação pública e outras pequenas coisas, mas meu pai era obcecado por comida. Provavelmente porque viveu a guerra." Hoje, Fátima deseja que os filhos emigrem. A filha, advogada, conseguiu tirar a cidadania portuguesa e pensa em deixar o país em breve. Fátima tenta juntar dinheiro suficiente para que o filho, técnico em informática, faça o mesmo. "Nós não podemos ir embora, mas meus filhos sim, eu gostaria que fossem, porque acho muito difícil conseguirem prosperar aqui."

Em Vargas, em março, a organização católica Cáritas causou furor ao divulgar que mais de 50 crianças em diferentes comunidades carentes da região apresentavam um quadro severo de desnutrição. Em 2016, a Pesquisa Nacional de Condições de Vida na Venezuela (Encovi) registrou que 93,3% dos venezuelanos, à semelhança de Fátima e José Miguel, não consideravam sua renda suficiente para comprar comida. Entre os entrevistados, 73% declararam ter perdido em média 8,7 quilos no último ano. Nesse quadro de insegurança alimentar, a escassez de remédios é um flagelo adicional. Em janeiro, a Federação Farmacêutica da Venezuela calculava que no país faltavam 85% dos medicamentos básicos.

A crise com contornos humanitários é paradoxal porque a Venezuela é dona das maiores reservas de petróleo do mundo. A riqueza tornou-se, porém, uma espécie de maldição para os venezuelanos – o país tornou-se cronicamente dependente das exportações do recurso natural. Estruturado no século XX, o modelo econômico foi mantido por todos os governos. Quando ascendeu ao poder em 1999, o presidente Hugo Chávez prometeu que usaria as divisas do petróleo para diversificar a economia e redistribuir renda por meio de programas sociais. Enquanto os preços do barril do petróleo experimentavam um boom durante os primeiros anos deste século (chegaram a mais de US$ 100 entre 2011 e 2014), Chávez ficou com os cofres cheios e cumpriu a segunda promessa – o que vale, até hoje, a gratidão de um grande contingente de venezuelanos mais pobres aos herdeiros do chavismo.

Ao mesmo tempo, com o lema do "socialismo do século XXI", Chávez interveio ▶

pesadamente em setores da economia privada, desarticulando-os, e aumentou a dependência do país do petróleo, que passou a corresponder a 96% das exportações da Venezuela (em 2009, esse número era de 80%). De um lado, o controle de preços e os supermercados estatais quebraram os pequenos comerciantes – caso típico de um governo que, no discurso, defende os menos favorecidos, mas, na prática, cria políticas contra os pobres. De outro, ao usar a estatal PDVSA para programas sociais e fins políticos, Chávez desestruturou a empresa. A petroleira perdeu quadros técnicos para a Colômbia e o Equador e está no quarto ano consecutivo de queda da produção. "Continuamos com a mesma base da economia e a política do chavismo agravou nossos problemas. Em vez de mudar a economia, exacerbou o modelo anterior, porque exacerbou o estatismo", diz Margarita López Maya, historiadora e autora do livro *El ocaso del chavismo*. "Nosso aparato produtivo está colapsado."

Sem uma base econômica variada – e, portanto, mais vulnerável às variações de preço de seu principal produto –, a Venezuela degringolou a partir de 2014, quando a cotação do barril do petróleo iniciou uma queda rumo aos atuais US$ 40. A escassez de dólares freou a importação de alimentos e de insumos produtivos. Com a escassez de produtos, veio a subida irrefreável de preços. Até abril deste ano, a inflação acumulada chegava a 92,8%, de acordo com o Índice de Preços do Consumidor da Assembleia Nacional. O câmbio controlado pelo governo virou ferramenta de enriquecimento – quem tem acesso a dólares troca seus bolívares no mercado paralelo, um incentivo à corrupção. "Você pode ficar milionário se consegue o dólar oficial a 10 bolívares e o troca no mercado paralelo *(hoje, o dólar nas ruas se aproxima de 8 mil bolívares)*", diz López Maya. "Imagine os negócios que estão fazendo." Como ocorreu no Brasil dos militares, a inflação alta atua como um poderoso concentrador de renda.

* * *

Na classe média venezuelana, o declínio do padrão de vida passou a ser sentido também pelos animais. Com a crise, os casos de abandono de cães nas ruas se multiplicaram, enquanto cada vez menos

gente se dispõe a adotá-los, diz Maria de los Angeles, de 55 anos, dona de um abrigo para cachorros na zona de Carrizal, nos Altos Mirandinos, um subúrbio ao sul de Caracas. Maria diz que um saco de 25 quilos da ração mais barata custa 70 mil bolívares, praticamente o salário mínimo hoje na Venezuela, o que torna o sustento de um cachorro caríssimo.

No mês de dezembro, segundo Maria, chegaram a seu abrigo 40 cães poodle. "São cachorros que as pessoas compraram. Não vêm da rua", diz. "Eu entendo que é a crise, mas não justifico. Se dois ou três passam fome em uma casa, passa fome também o cachorro. Na rua é pior, porque passa fome e ainda sofre pelo abandono." Para Maria, os casos de abandono aumentaram não só pelos custos da alimentação, mas porque muitos venezuelanos estão indo embora do país e não levam os animais na mudança. "É custoso e difícil", reconhece. No começo de junho, um dálmata cabisbaixo fora encontrado em frente ao abrigo, amarrado a um bambu, com uma tigela de água e um bilhete: "Meu nome é Brandon e eu tenho 16 anos".

Em Caracas, os 6 milhões de habitantes incorporaram hábitos como sair mais cedo ou chegar mais tarde ao trabalho nos dias em que as manifestações trancam as

"DÁ TRISTEZA PENSAR EM PERDER O NEGÓCIO DOS NOSSOS PAIS"

Hildemaro Rodrigues Fernandes, de 34 anos, dono de padaria. Por falta de farinha, ele estava havia 15 dias sem comer pão. A padaria só vende pães quando o governo distribui a farinha. Nesses dias, a fila dobra a esquina, com clientes à espera de uma baguete padronizada de 230 gramas

ruas. À noite, poucos carros transitam e as ruas ficam vazias porque os caraquenhos, temerosos da violência, evitam sair de casa. De dia, acostumaram-se a fazer fila em busca de mantimentos básicos.

Nas portas da padaria Carroza del Pan, idosos jogam conversa fora nas mesas da varanda, sem consumir nada. A 1 quilômetro dali, dez caminhões da Guarda Nacional Bolivariana e outros quatro do destacamento de operações especiais marcam presença na entrada do subúrbio de San Antonio del Alto. Ali, em maio, o biólogo Diego Arellano, de 31 anos, fora morto à bala num protesto. Depois da morte de Arellano, a presença policial na região se intensificou, e o clima entre os moradores é de temor.

Hildemaro Rodrigues Fernandes, de 34 anos, um dos donos da padaria *(ao lado)*, não come pão há 15 dias. A farinha, cuja distribuição é controlada pelos militares, chegou há um mês e foi suficiente apenas para uma semana de produção – uma nova leva só no mês que vem. "No auge da padaria, nos anos 1990, recebíamos 200 sacos de farinha por mês, equivalentes a 900 quilos. Há duas semanas, nos chegaram 30 sacos. Nos disseram que, dentro de um mês, chegarão outros 30 sacos. E fazia um mês que não chegava nada." O negócio familiar é tocado por três irmãos portugueses e seus filhos – entre eles, Hildemaro. Quando há farinha, ocorrência cada vez mais rara, a demanda por pão é tão grande que a fila da padaria dobra a esquina. Nesses dias, é distribuída a cada cliente uma senha que dá direito a uma baguete padronizada de 230 gramas, chamada de "canilla". Quando não há farinha, Hildemaro e os outros sócios preenchem as prateleiras da padaria com produtos industrializados.

"Dá tristeza pensar em perder um negócio dos nossos pais, de mais de 20 anos. Para sobreviver, vendemos embutidos, cigarros, sucos, mas isso nem sequer permite pagar os gastos normais do negócio. Vamos vivendo com o que manda o governo e com o que conseguimos por aí, bachaqueado", diz Hildemaro, usando o vocábulo, por excelência, da crise venezuelana. Bachaquero é a alcunha dada às pessoas que compram produtos nos mercados regulados pelo governo e revendem mais caro nas comunidades. Ao lucrar com a crise, são a personificação da inflação, e como tal são desprezados pela maioria dos venezuelanos. Bachaqueado é o produto comprado nesse mercado paralelo. A farinha que chega pelo governo vem ao preço regulado de 15 mil bolívares a saca. No mercado paralelo, o mesmo produto pode chegar a 350 mil.

* * *

O impacto do desabastecimento é maior entre as pessoas mais pobres ou de classe média baixa, que, mesmo com acesso a programas sociais, tiveram o pequeno poder de compra corroído pela inflação. Moradora de Petare, uma das maiores favelas da América Latina, Gretty Toval, de 43 anos, perdeu 15 quilos em 2016, ano que qualifica como "tétrico". "Foi terrível para nós. Filas por todos os lados, bachaqueros cobrando caro...", diz Gretty. Petare lembra um morro carioca – as casas são sem reboco, as construções sobem a montanha e a "raspa canilla", uma salsa mais intensa à base de teclados, soa alta durante todo o fim de semana. Num domingo de junho, carros velhos enfileirados tomavam quase toda uma rua de acesso à favela. Os moradores se reuniam sobre portamalas fechados e avaliavam a condição das peças dos carros. Com a dificuldade de importar partes e comprar veículos novos, a ressolda e o conserto de peças quebradas se tornaram a única maneira de manter os carros rodando.

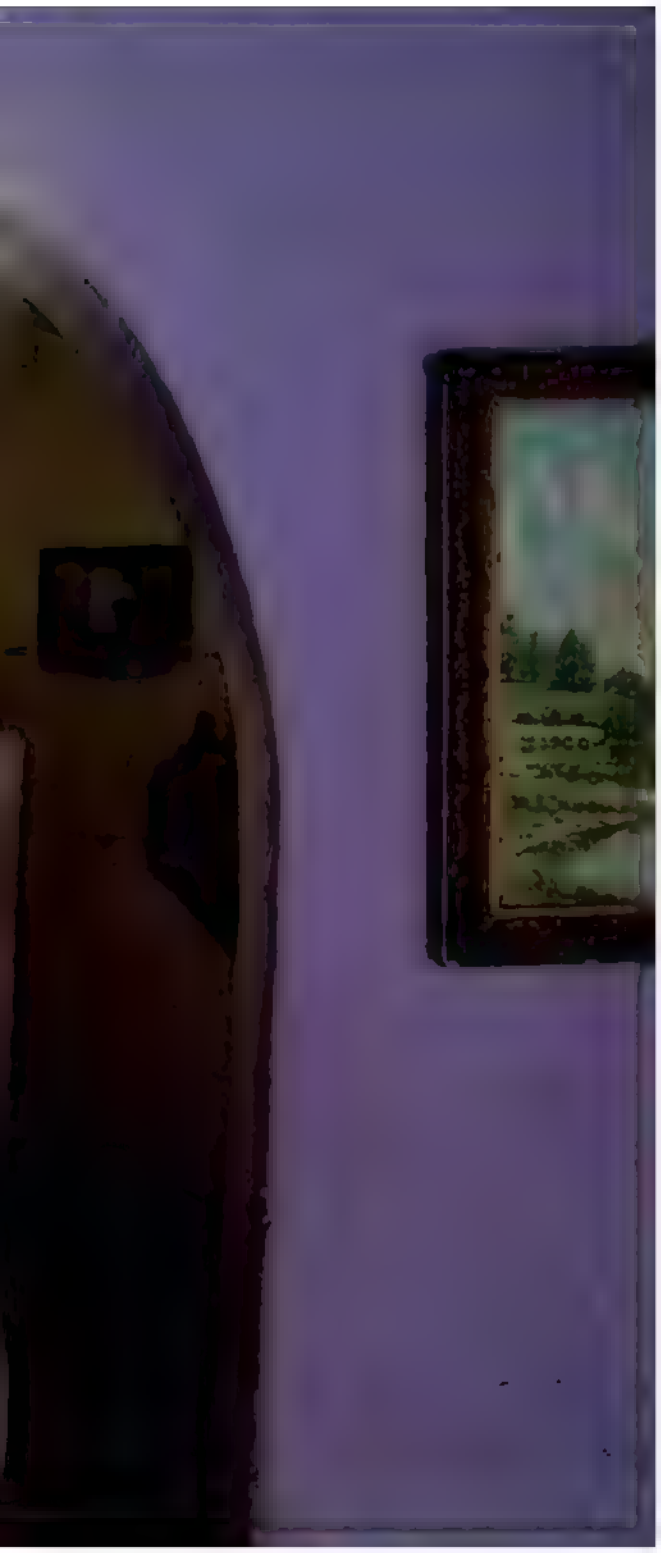
Na casa vizinha de Gretty, um cartaz propagandeia a venda de café "100% criollo" por 1.500 bolívares o quilo – uma pechincha. "O ano passado foi o da ▶

mandioca. Era a única coisa que conseguíamos comprar. Então fazíamos cozido de mandioca, mandioca frita, arepa de mandioca...", diz Gretty, referindo-se ao tradicional prato venezuelano. A arepa é normalmente feita com farinha de milho, outro produto em falta e caro. Sem essa farinha, os venezuelanos recorreram à criatividade e aprenderam a fazer arepa com abóbora, mandioca e banana. As invenções motivadas pela premência de dar conta das necessidades básicas dentro do orçamento cada vez mais restrito viraram anedota recorrente entre os venezuelanos.

Mãe de uma menina de 16 anos e de um menino de 2, Gretty *(ao lado)* perdeu o emprego como auxiliar administrativa em dezembro. A empresa importadora de alimentos em que trabalhava fechou as portas e demitiu todos os funcionários. Desde então, Gretty sobrevive de bicos de enfermeira e faxineira, que pagam metade do salário, já baixo, que recebia. "Em meu emprego, eu ganhava um pouco mais que o mínimo *(hoje na faixa dos 80 mil bolívares, equivalentes a US$ 10)*. Agora, quando consigo bicos, faço 12 mil." A filha, Giancarlit, deixara de estudar em colégio particular há dois anos, por falta de dinheiro. Daniel Matias, o menino, foi desfraldado mais cedo do que Gretty pretendia, com 1 ano e meio, porque a mãe não tinha como comprar fraldas. Além deles, Gretty sustenta a avó de 84 anos, vítima de um AVC e diabética, que precisa comer ao menos três vezes ao dia. Os quatro dividem um cômodo num sobrado onde moram outros familiares.

No ano passado, Gretty manejava a situação como podia e cortava de suas refeições para dar conta de alimentar a casa. Ela diz que a situação melhorou um pouco nos últimos meses, depois que o governo Maduro começou a distribuir as "caixas" dos Comitês Locais de Abastecimento e Distribuição, conhecidos como Clap. "Agora temos um pouco mais de comida. Não é tão fácil, mas não é como o ano passado." A cesta básica subsidiada, ao custo de 10 mil bolívares, é composta essencialmente de produtos importados e vem com 1 quilo de açúcar, uma lata de óleo, lentilha, massa e um saco de leite. As cestas foram a resposta do governo Maduro para tentar mitigar o desabastecimento nas comunidades populares, a principal base de apoio do chavismo no país. Coordenada pelos militares, responsáveis pela administração dos alimentos no país, a distribuição dessas cestas é permeada por acusações de corrupção.

"Sei que há muita corrupção, era preciso ter uma mão mais dura e gente mais qualificada", diz Gretty. Ela não gosta de Maduro, "que não é um líder como Chávez", cujo governo, nos tempos áureos, promovia programas como "Barrio Adentro" e "Barrio Tricolor", com distribuição de medicamentos e até venda de celulares subsidiados. A fachada da casa de Gretty foi reformada pelo "Barrio Tricolor" e a varanda foi pintada e gradeada. Um grafite com os olhos de Chávez (onipresentes em Caracas) ilustra o muro da frente. Apesar das ressalvas a Maduro, Gretty diz que "os ganhos da revolução precisam ser resguardados" e ecoa o discurso do governo de que o país sofre uma "guerra econômica" promovida pelos Estados Unidos e seus aliados – um clássico do populismo, como lembram os brasileiros que viveram sob Jânio Quadros, o presidente que culpava os americanos pelo aumento da gasolina. Para ela, a oposição não tem um projeto político. "Eles não sabem o que estão fazendo. Ficam gritando na rua que vivemos sob uma ditadura. Não estamos vi-



vendo numa ditadura. O que eu ouvia do meu avô sobre Pérez Jiménez *(ditador da Venezuela entre 1952 e 1958)* não é nada comparável." Gretty também subscreve a narrativa do governo sobre a convocação de uma Assembleia Constituinte para reescrever a Constituição. "Dará mais poder ao povo e vai resolver esta crise."

A crença de boa parte dos venezuelanos de que o governo chavista é democrático ajuda a lhe dar sustentação, apesar da crise e dos largos passos rumo ao autoritarismo. A convocação da Constituinte foi a manobra encontrada por Maduro para tentar contornar o impasse aberto pela decisão do Tribunal Superior de Justiça venezuelano de cassar os direitos legislativos da Assembleia Nacional, controlada pela oposição. Diante de imensa reação negativa, o Tribunal recuou na decisão – e Maduro sacou a ideia da Constituinte. A iniciativa não aplacou a oposição, que passou a realizar protestos diários contra o governo, com a reivindicação de convocação de eleições nos estados (adiadas desde o ano passado) e para a Presidência. A Constituinte, diz a oposição, que anunciou boicote às eleições do dia 30 de julho, é apenas um subterfúgio do chavismo para se aferrar ao poder. Os preparativos por parte do governo, no entanto, seguem. Na primeira semana de junho, tendas montadas por coletivos que apoiam Maduro recolhiam, em diferentes pontos de Caracas, assinaturas de interessados em candidatar-se a uma das 545 cadeiras previstas na Assembleia. Em uma delas, lia-se em letras garrafais "Revolução = Paz".

A escalada na crise política teve seu episódio mais bizarro na terça-feira, dia 27, quando um oficial da polícia científica de Caracas sequestrou um helicóptero e sobrevoou o Tribunal Supremo de Justiça e o Ministério de Interior e Justiça. O governo chamou o ato de terrorismo e acusou o responsável Óscar Perez de disparar contra os prédios públicos. Perez, até o momento foragido, se diz parte de um grupo de servidores civis "que querem restaurar a ordem institucional" do país.

* * *

De acordo com uma pesquisa da Universidade Central da Venezuela (UCV), nos últimos 15 anos, 2 milhões de venezuelanos emigraram do país. A fuga de talentos e jovens nos últimos anos também atingiu o Sistema Nacional de Orquestras Juvenis e Infantis, conhecido como El Sistema, um dos maiores orgulhos venezuelanos. Fundado na década de 1970 pelo lendário maestro José Antonio Abreu como um programa para treinar crianças e adolescentes em música clássica, El Sistema se tornou reconhecido mundialmente por ser um veículo de ascensão social para jovens de comunidades carentes e pela qualidade dos músicos que forma, entre eles o maestro Gustavo Dudamel, hoje titular da Filarmônica de Los Angeles.

O trombonista Jesus Alberto Guerrero Lugo, de 21 anos, está no Sistema desde os 9 e diz que pelo menos dez amigos próximos da orquestra deixaram o país no ano passado em busca de melhores oportunidades. "Antes, uma bolsa dava conta de comprar cinco pares de sapato, roupa, saia, comida na rua, sair para comer com sua namorada, fazer compras para casa e ainda sobrava algum dinheirinho para gastar. Agora, mal paga a passagem de ônibus."

Jesus diz que a redução no poder de compra da bolsa passou a comprometer a dedicação exclusiva dos músicos. "Há muitos músicos bons que têm de largar a música para trabalhar em enfermaria ou em loja porque a coisa não está boa. Quando eu entrei, El Sistema era uma coisa linda, essas coisas não aconteciam. Fazíamos um seminário da manhã até a tarde e te davam almoço, refrigerante. Agora não dão nem água."

Entre os jovens maestros, que participam da formação de adolescentes nos ▶

"2016 FOI UM ANO TÉTRICO. MANDIOCA ERA A ÚNICA COISA QUE CONSEGUÍAMOS COMPRAR"

Gretty Toval,
de 43 anos, auxiliar administrativa desempregada, moradora de Petare, favela de Caracas, uma das maiores da América Latina. Ela fazia "mandioca cozida, mandioca frita e arepa de mandioca" para alimentar os dois filhos e a avó. No ano passado, Gretty perdeu 15 quilos

núcleos do Sistema, a preocupação é com a grande evasão de instrutores, que formam a próxima geração de crianças. Eles calculam que, em 2016, 3 mil professores deixaram o El Sistema e foram para o México, o Equador e os Estados Unidos. "A Orquestra de Jalisco, no México, hoje é metade feita de venezuelanos", diz um maestro.

Jesus *(foto à direita)* pretende ficar em Caracas por mais um ano, mas quer deixar o país – em busca do sonho de se tornar famoso como cantor de salsa. Ele toca com bandas na noite de Caracas como forma de ter uma renda adicional. Em agosto, seu celular foi roubado quando deixava um dos shows pela manhã. Não comprou um novo desde então. Acha muito caro. "Com os roubos, sequestros, assassinatos, você tendo ou não, te matam. Minha esperança é que a coisa melhore. Mas isso leva tempo. É triste."

"Todos os jovens que podem agarram sua mala e vão. E seus pais vão dizer que fiquem? Para quê?", diz a antropóloga Adelaida Struck, diretora da Faculdade de Ciências Econômicas e Sociais da UCV. "Na semana passada, tivemos a formatura de 423 estudantes. Em meu discurso, eu pedi: não vão embora da Venezuela, vocês são o futuro. Para um país que chega assim, ao fundo do poço, nós sabemos que, para recuperar, é preciso, no mínimo, uma geração." Detrás de sua mesa, um retrato de Simon Bolívar espia seu amplo escritório no 8º andar do edifício central da faculdade.

Struck diz que a crise agravou um quadro orçamentário que já era ruim. "Meu orçamento mensal para toda a faculdade de administração, que tem 3.500 alunos, está em 10 mil bolívares *(pouco mais de US$ 1)*, mais uma resma de papel, que vale 30 mil." Segundo ela, boa parte das atividades da universidade está inviabilizada – os diretores flexibilizam o currículo e permitiram aulas à distância para lidar com as restrições de dinheiro e, recentemente, com os protestos.

Apesar da polarização política, Struck diz que o diálogo entre chavistas e oposição é possível. "Essa faculdade tem o maior número de chavistas da universidade. Vou cumprir cinco anos de decana e todo o meu trabalho, diário, foi para fomentar o diálogo e baixar a violência. Creio que esse é o mesmo trabalho que precisa ser feito junto à população. Uma vez que nós voltemos a ser um país livre, democrático e plural, a história não se apagará e simplesmente vamos ter o chavismo na oposição no governo."

* * *

Na segunda-feira, 5 de junho, a coalizão de oposição Mesa de Unidade Democrática convocou uma paralisação geral em vários pontos de Caracas. A MUD é um amálgama de legendas que abarca desde partidos de centro-esquerda até de ultradireita. Ela voltou a ganhar tração em março e organiza o esforço contra a Constituinte de Maduro. O centro nervoso das manifestações são as imediações da Plaza Altamira, no distrito de alta renda de mesmo nome. Logo de manhã, relatos truncados, pelo telefone e pelas redes sociais, mencionavam uma repressão da polícia à concentração para o ato, nas primeiras horas do dia. No meio da tarde, a região ainda pegava fogo – literalmente. O governo tenta desqualificar os protestos como restritos "aos ricos burgueses" e "à direita". Mas as tentativas de manifestações em La Vega e Valle, dois bairros populares de Caracas, ambos brutalmente reprimidos, são uma indicação de que a insatisfação penetra, devagar, entre as classes populares.

A duas quadras da Plaza Altamira, um senhor com uma espessa e quixotesca barba, munido de uma bandeira cubana feita de papelão, esbraveja com dedo em riste na direção dos presentes ao protesto – àquela altura, mais jornalistas do que manifestantes. "Digam ao senhor Maduro que a Venezuela não é Cuba, aqui é um

"NÃO HÁ MORFINA NA VENEZUELA. OS DOENTES COM CÂNCER MORREM COM DOR"

Vladimir Galavis,
de 56 anos, médico oncologista em Caracas. Galavis bate ponto nas manifestações da oposição contra o governo Maduro. Numa das últimas, foi atingido por uma bomba de gás lacrimogêneo

país de gente decente." Enquanto o senhor fala, três ou quatro chamos (moleque, na gíria venezuelana) tratam de tentar atear fogo à bandeira pintada. Uma, duas, três tentativas depois, queimam parte da bandeira. O papelão pintado resiste ao fogo.

Os chamos, adolescentes magros, morenos, de camiseta e jeans surrados, que denotam a origem nos "barrios", as comunidades pobres concentradas no oeste de Caracas, chamam a atenção entre os manifestantes – em sua maioria, senhores e senhoras e jovens bem-vestidos, de classe média e alta, com bonés com a bandeira venezuelana. Nos protestos, eles costumam cobrir a cara e levam garrafas com gasolina para coquetéis molotov. As explicações para sua presença são múltiplas. Entre os manifestantes, há quem os saúde e há quem reclame que são infiltrados contratados pelo governo para causar confusão. Entre os chavistas, a versão é que a própria oposição os paga para ficarem na linha de frente contra a polícia e a Guarda Nacional Bolivariana. O fenômeno, no entanto, guarda semelhança com o visto em protestos no Brasil, em que jovens de periferia aderem às violentas táticas black bloc para manifestar sua insatisfação.

Na manifestação daquela segunda-feira, o médico oncologista Vladimir Galavis, de 56 anos *(foto à esquerda)*, levou uma bomba de gás lacrimogêneo nas costas. De capacete, saiu mais ou menos ileso, com um hematoma. Não fora a primeira vez que Galavis fora agredido pelo aparato de segurança. Em maio, o médico ficara famoso depois que uma foto em que aparecia abraçado a um policial durante um protesto foi publicada na internet. "Foi um impulso. Estávamos encurralados e eu comecei a gritar: não nos batam. Você fala isso para seu pai quando é criança. Eu comecei a caminhar na direção do policial e ele percebeu que não estava agressivo. Então, eu o abracei. Foi um abraço de compaixão, humano, e ele me abraçou também. Ele me disse: fica aqui comigo." Momentos depois, Galavis foi derrubado por um jato do tanque de água da polícia.

Na mesa de seu consultório, o médico exibe uma coleção imensa de santos e miniaturas, lembranças dos pacientes, ele explica. Algumas foram dadas ao final do tratamento, como prova de gratidão. Outras foram deixadas para trás por aqueles que não sobreviveram. O médico diz que está protestando há quase 20 anos porque discorda da vasta maioria das políticas do chavismo, embora afirme não estar vinculado a nenhum partido da oposição. "O que eu quero é saúde e trabalho para meus pacientes."

O médico diz que a situação da saúde dos venezuelanos é calamitosa. "Faltam medicamentos básicos, como antibióticos; 80% da medicação é inexistente." Para os pacientes de câncer, o diagnóstico é ainda pior. "Pela falta de equipamentos, levamos um mês para diagnosticar o paciente e outros dois ou três para ver se conseguimos começar o tratamento. Não temos as doses de quimioterapia suficientes. Os protocolos não são cumpridos. O que isso quer dizer para pacientes oncológicos? Que não estão sendo tratados. Que morrem. Ou que vão reincidir. Não há morfina na Venezuela; 90% dos pacientes que morrem com câncer morrem com dor."

Depois de uma hora de conversa, Galavis pede desculpas, mas diz que precisa sair. Vai para mais uma manifestação. Apesar das agressões sofridas, diz que se manterá nas ruas. "As pessoas não vão sair das ruas. Quantas semanas ainda levará? Não sei. Mas tem de haver um diálogo. Não há desfecho sem negociação e diálogo", diz. "O problema é que não há interlocutor. Eles querem negociar uma Constituinte e nós queremos a transformação da Venezuela em um país democrático. É um drama." ◆

"MUITOS MÚSICOS BONS TÊM DE LARGAR A MÚSICA POR FALTA DE DINHEIRO"

Jesus Alberto Guerrero Lugo, de 21 anos, trombonista em Caracas, integrante do Sistema Nacional de Orquestras Juvenis e Infantis. Jesus sonha em emigrar e se tornar um cantor de salsa famoso fora da Venezuela

Danilo Venticinque, Southampton, Inglaterra

O otimismo c

A França não melhorou nem a Inglaterra piorou. Mas os

Quem acompanha os humores dos dois lados do Canal da Mancha deve ter notado uma curiosa troca de papéis. Os franceses, famosos pelo pessimismo cínico, trocaram o pensamento apocalíptico de escritores como Michel Houellebecq por um bom humor esperançoso digno da personagem Amélie Poulain. O pessimismo parece ter atravessado o Canal da Mancha e se instalado na Inglaterra. Conhecidos por seu estoico otimismo, os ingleses vêm enfrentando tantas más notícias que tem sido difícil obedecer a seu histórico lema da Segunda Guerra Mundial: "Keep calm and carry on" ("Mantenha a calma e siga adiante"). O fenômeno é recente. Até o ano passado, o pessimismo francês seguia inabalável: uma pesquisa do instituto Ipsos em 25 países mostrava que 88% dos franceses acreditavam que seu país estava indo na direção errada – a maior percentagem registrada. Entre os ingleses o índice era de 55% – baixo para os padrões europeus.

A situação econômica e os indicadores sociais dos dois países não mudaram significativamente nos últimos meses. O que mudou foram as expectativas depositadas nos líderes políticos dos dois países. Os ingleses ainda não sabem como o país sairá da União Europeia. Em vez de respostas, a primeira-ministra, Theresa May, oferece hesitação. Do outro lado do canal, os franceses se renderam ao discurso otimista do jovem presidente Emmanuel Macron, que derrotou a candidata de extrema-direita, Marine Le Pen.

Com uma plataforma liberal que promete reunir "o melhor da esquerda, o melhor da direita e o melhor do centro", Macron chegou à Presidência posicionando-se como uma alternativa aos partidos tradicionais. Apesar de ter sido ministro da Economia no governo de François Hollande, Macron nunca havia se candidatado a um cargo público antes de vencer a eleição presidencial. O mesmo vale para a maioria dos candidatos de seu movimento, A República em Marcha. Seguindo uma tendência mundial de apoiar candidatos surgidos fora da política tradicional (Donald Trump talvez seja o melhor e o pior exemplo disso), os franceses abraçaram o movimento. Macron tornou-se presidente com mais de 66% dos votos no segundo turno, e os candidatos do En Marche! conquistaram 308 dos 577 assentos do Parlamento. "A França precisava dessa mudança. Os políticos de carreira não estavam levando a lugar nenhum", diz a aposentada Renata Poutot, eleitora de Macron. "Nosso presidente foi eleito há apenas sete semanas e já mudou a imagem do país." "Estou muito otimista", diz o empresário Antoine Dufour. "Macron pensa na economia com realismo, nos livrou do risco do populismo e ajuda a projetar a França para o mundo."

Embora ainda haja dúvidas à esquerda e à direita sobre a capacidade de Macron executar todas as mudanças propostas por seu programa de governo, é inegável que havia muito tempo um presidente francês não recebia um apoio tão entusiasmado. "Ele está rodeado por pessoas competentes", diz Renata. "Eu tenho 65 anos e vivo com € 850 por mês.

EM LADOS OPOSTOS Emmanuel Macron e Theresa May. Esperança na França e dúvida na Inglaterra

ruzou o canal

humores mudaram, conforme a postura de seus líderes

Sei que alguns aspectos de seu programa não me beneficiarão, mas acredito que o presidente vai agir pelo bem de todos."

É evidente o contraste entre Macron e a primeira-ministra britânica, Theresa May, cuja liderança confusa é ao menos parcialmente responsável pelo clima pesado na ilha. Encarregada de negociar as condições da saída do Reino Unido da União Europeia, May evita revelar sua visão para o futuro do país. "Brexit significa Brexit", dizia ela, enigmática, após o referendo. A postura não mudou muito desde então. Questionada se o país romperia totalmente os acordos comerciais com a União Europeia ou manteria muitas das regulações atuais, May tornou-se motivo de piadas na internet. "Quero um Brexit vermelho, branco e azul", disse ela no fim do ano passado, listando as cores da bandeira em vez de oferecer uma resposta.

Com uma maioria apertada no Parlamento, May convocou eleições-relâmpago, na expectativa de ganhar mais apoio nas negociações para o Brexit. Em vez disso, May viu sua maioria diminuir ainda mais. Para manter-se no poder, recorreu a uma impopular aliança com o ultraconservador Partido Unionista Democrático, da Irlanda do Norte. Os britânicos continuam sem conhecer os planos de May para o Brexit. A primeira-ministra chegará desmoralizada à mesa de negociações. A indecisão de May na política externa é acompanhada de críticas à política interna. Após os atentados em Manchester e em Londres, foi revelado que ao menos dois dos terroristas já eram conhecidos da polícia. May também foi criticada por sua reação fria e tardia ao incêndio que matou mais de 80 pessoas no Condomínio Grenfell Tower, em Londres. Ela foi vaiada ao visitar o local da tragédia. Suas respostas robóticas sobre a investigação do incêndio lhe renderam o apelido Maybot. Com tantas más notícias na Inglaterra, fica difícil não se render ao pessimismo. "O sistema político ficou fraturado pelo referendo e as eleições trouxeram mais incerteza", diz Tim Oliver, pesquisador da London School of Economics. "Os partidos falham em oferecer uma visão alinhada ao sentimento do público."

O enfraquecimento da Inglaterra pós-Brexit pode fortalecer exatamente a França. Não foi por acaso que Macron celebrou sua vitória nas eleições com a "Ode à alegria", de Beethoven, hino da União Europeia. "A França pode se beneficiar de seu relacionamento com a Alemanha e de uma possível mudança de foco na União Europeia, que dará mais ênfase aos países da Zona do Euro em detrimento do Leste Europeu", afirma Oliver. Embora o cenário político da Europa pós-Brexit ainda seja incerto, o otimismo dos franceses também se estende à política externa. Até mesmo franceses que haviam se mudado para o Reino Unido, em busca de melhores oportunidades, já notam mudanças. "Saí da França há cinco anos porque não havia oportunidades, mas hoje a tendência é que o futuro seja melhor na França", diz a francesa Amy Lippmann, gerente de um McDonalds em Brighton, na Inglaterra. "Macron é uma grande esperança para os jovens franceses. Ele mostra que há possibilidades de mudança." ◆

Fotos: Eric Feferberg/AFP, Jeff J Mitchell/Getty Images

É NA CRISE QU

Países como a Eslováquia e a Suécia estavam por baixo quando fizeram reformas e

Rodrigo Tavares
é fundador e presidente do Granito Group, holding global dedicada à economia de impacto. Em 2017, foi escolhido Jovem Líder Global pelo Fórum Econômico Mundial

Discutir inovação no Brasil em meio a um terremoto na política é como praticar arco e flecha enquanto a terra ainda treme. Mas e se, na verdade, este for o momento certo para o Brasil enfrentar o atraso? De acordo com o *Índice de Inovação Global*, cuja edição de 2017 foi lançada em junho, o Brasil ocupa a 69ª posição, atrás de México, Rússia, Índia e África do Sul. É uma posição desonrosa.

Em situação idêntica estava a Eslováquia no fim dos anos 1990. Depois de viver sob o jugo da União Soviética e enfrentar a dissolução da Tchecoslováquia, o primeiro-ministro Mikuláš Dzurinda (1998-2006) decidiu fazer as reformas necessárias para modernizar o país. Veio a reforma trabalhista, a tributária e a da Previdência. Sim, as mesmas em discussão no Brasil. "Esses foram dias em que vivíamos sob fogo cruzado, de dentro do governo, da oposição, de todos os lobbies, de grupos longamente habituados a práticas pouco transparentes e criminosas", diz Martin Bruncko, o então ministro da Inovação e atualmente um dos 15 membros do Grupo de Alto Nível que aconselha a União Europeia sobre temas de inovação.

Apesar de o sismógrafo recomendar cautela, o governo da Eslováquia adotou, também nesse período, o maior plano de inovação da história do país (batizado de Minerva), centrado no desenvolvimento de uma sociedade de informação; investimentos em recursos humanos e educação; promoção da ciência, pesquisa e inovação; e cria-

UE SE DECOLA

conômicas e criaram condições para o sucesso e a inovação. Por que não o Brasil?

ção de ambiente favorável aos negócios. Perguntei a Martin: como adotar medidas estruturantes em meio a um cenário adverso e com tantas outras prioridades? "Demonstramos que inovação não era um assunto periférico. Todos os temas relevantes para os eslovacos, como melhor educação, melhores empregos ou crescimento econômico, seriam impactados se nos tornássemos uma economia do conhecimento. Ninguém falava nesse assunto até então. Tivemos de convencer sindicatos e reitores de universidades." Além disso, Bruncko diz ser fundamental ter governantes que deixem clara a relevância política da agenda da inovação. Mikuláš Dzurinda foi substituído em 2006, mas a estratégia Minerva continua servindo de eixo programático. Depois que deixou o governo, Bruncko tornou-se uma das figuras centrais por trás da Aeromobil, empresa eslovaca que anunciou o primeiro carro voador (as vendas começarão até o fim do ano, diz a empresa), e atualmente é CEO do primeiro fundo de capital de risco europeu a investir exclusivamente em deep tech (tecnologias revolucionárias e de difícil acesso). Enquanto isso, a Eslováquia subiu para a 34ª posição no Índice de Inovação Global.

Claudia Olsson também acha que momentos de crise aguda são os mais propícios para adotar a agenda da inovação. Fundadora e CEO da Exponential, consultoria sueca dedicada à transformação digital, ela recebeu em 2016 a missão do governo da Suécia de desenhar a estratégia para o país se tornar 100% digital – o primeiro ▶

ESLOVÁQUIA HOJE
Aeromobil, carro voador eslovaco. O país do Leste Europeu se tornou um polo de inovação

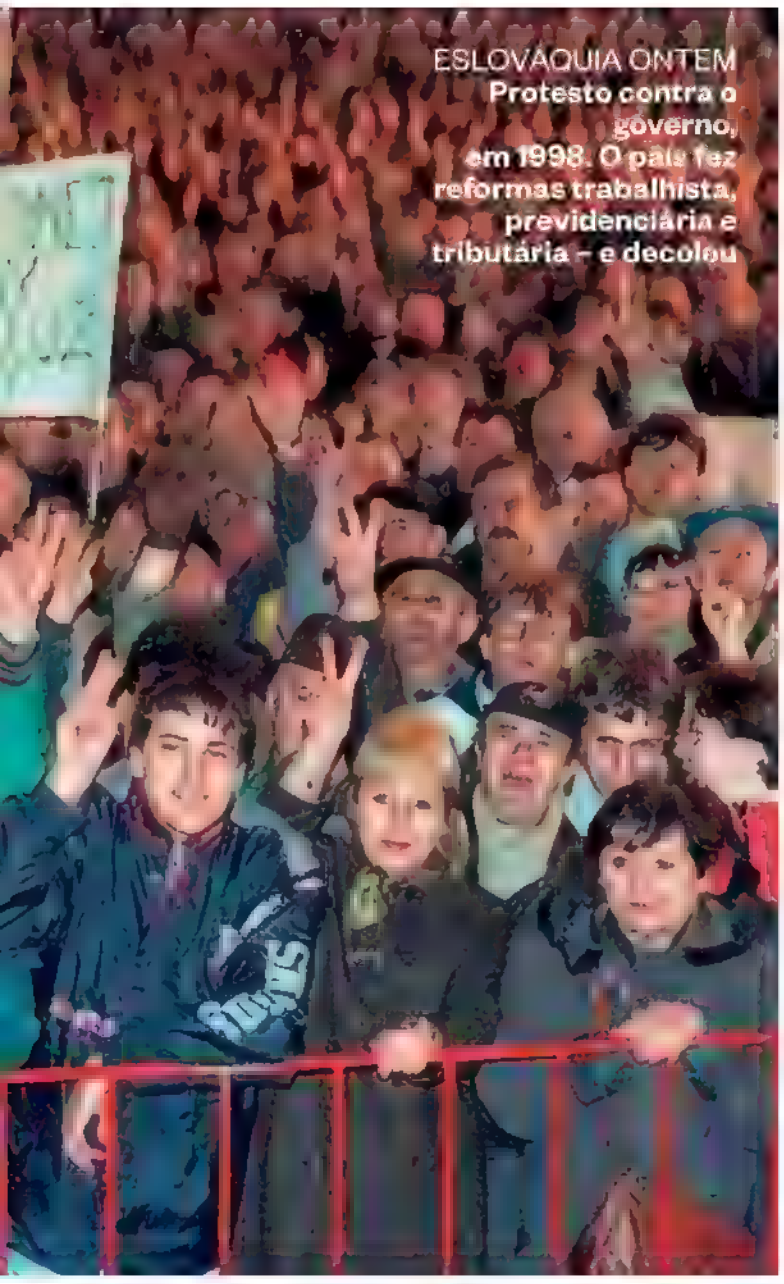
Foto: Divulgação

do mundo com essa credencial. É também a conselheira da família real sueca sobre esses temas. Nos anos 1990, a Suécia bateu no fundo do poço. Com a economia, o desemprego e o déficit público nos piores patamares desde a década de 1930 e com economistas a assinar a certidão de óbito do "modelo sueco", o governo foi obrigado a fazer reformas impiedosas que ainda hoje habitam o imaginário coletivo do país. Os sistemas tributário e previdenciário foram reconstruídos. No pacote estavam também investimentos vitamínicos em infraestrutura para a inovação, com a instalação de redes de internet de alta velocidade e a criação de incubadoras e centros de inovação, geralmente associados a universidades. A Klarna, gigante dos pagamentos on-line, nasceu na incubadora da Escola de Economia de Estocolmo (SSE Business Lab). Também se deu uma machadada nos impostos de quem comprava computadores e criava empresas de base tecnológica. Resultado? O país é o segundo no mundo com maior número *per capita* de "empresas unicórnio" (com valor de mercado acima de US$ 1 bilhão). Só perde para o Vale do Silício, nos Estados Unidos. Nos anos 1970 e 1980, a Suécia era conhecida pelos grupos de música pop ABBA e Roxette. Hoje é famosa por ser a pátria do Skype, do Spotify e do Minecraft. E por ocupar a 2ª posição no Índice de Inovação Global. Claudia acrescenta que é astigmatismo político debater prioridades políticas como saúde, educação ou inovação de forma alternada. "Investimentos em inovação servem também para fazer avanços sociais." Baixam-se os custos e aumenta-se a eficácia.

Em países em desenvolvimento e com recursos escassos, como o Brasil, investir em inovação poderá parecer irresponsável. Em tempos de crise, seria mais seguro canalizar recursos exclusivamente para áreas com retornos mais firmes, como transportes ou infraestrutura. Mas essa é uma visão errada. Quem também diz isso é o argentino Emiliano Kargieman, fundador e CEO da Satellogic, empresa que está desenvolvendo uma constelação de satélites para oferecer serviços e informações espaciais em tempo real. Emiliano foi reconhecido pela Singularity University como a pessoa que desenvolveu uma tecnologia com mais probabilidade de impactar 1 bilhão de pessoas. Na última vez em que conversamos pessoalmente, há cerca de dois meses em Buenos Aires, Emiliano deixou claro que sua motivação é gerar um volume ilimitado de dados, nunca antes disponíveis, para que líderes políticos e privados possam tomar decisões-chave de como gerar mais e melhor energia ou produzir mais e

melhores alimentos. É um dos mais talentosos empreendedores latino-americanos da atualidade. Ao voltarmos a conversar agora, Emiliano me mandou um WhatsApp pedindo desculpas por demorar alguns dias para responder porque, quando recebeu a mensagem, estava lançando um satélite a partir de uma base na China. Alguns dias depois, com o dispositivo em órbita a 550 quilômetros de altura, Emiliano deixou claro que um país "que falha em inovação tem 100% de probabilidade de ter sua contribuição para o PIB global reduzida, impactando negativamente o bem-estar relativo de sua população". Por isso, é importante assegurar a estabilidade da moeda, promover o dinamismo do sistema educativo, adotar leis corporativas e regimes fiscais favoráveis, criar redes de comunicação de baixo custo com mercados globais e oferecer incentivos à pesquisa.

Por que o Brasil não inova? As razões são cansativamente conhecidas. Temos uma visão individual e empresarial calcada no imediatismo. Cingapurenses e chineses costumam


ESLOVÁQUIA ONTEM
Protesto contra o governo, em 1998. O país fez reformas trabalhista, previdenciária e tributária – e decolou

planejar os próximos 20 anos. Brasileiros, os próximos dois anos. Brasileiros de Brasília, as próximas duas semanas. Nosso histórico de instabilidade política e econômica, associada a um frágil espírito de coletividade, castra nossos apetites por estratégias de longo prazo. Em segundo lugar, faltam incentivos para a pesquisa universitária e corporativa. No livro *Start-up nation*, os escritores Dan Senor e Saul Singer dão crédito às políticas públicas para explicar o sucesso tecnológico de Israel, país com o maior número de startups *per capita* no mundo. Israel investe 4,1% do PIB em inovação, enquanto o Brasil investe apenas 1,2% (a média mundial é 2,1%), segundo a Unesco. É verdade que na última década os indicadores de investimento na área têm tido um crescimento significativo, mas a principal omissão do poder público brasileiro reside na escassez de políticas que estimulem o aumento dos investimentos privados em ciência e tecnologia. Isso incluiria, como a Comissão de Ciência e Tecnologia do Senado concluiu no ano passado, "simplificação tributária e das regras trabalhistas, desenvolvimento da infraestrutura de transportes e comunicações, simplificação dos processos de importação e exportação de produtos e agilização nos processos de concessão de patentes". Sintomaticamente, um estudo do Banco Mundial adverte que a "baixa taxa de transformação de pesquisa e desenvolvimento em aplicações comerciais" no Brasil pode ser explicada pela "fraca colaboração entre empresas privadas e universidades". Como também acontece em outros países em desenvolvimento ou de tradição universitária francófona, no Brasil a relação entre corporações e universidades é de primo distante. Além disso, o Brasil ainda sofre com a baixa qualificação de sua mão de obra e dispõe de um número insuficiente de pesquisadores e formados em ciências exatas. O sistema educacional público, na maior parte dos casos, também não enfatiza independência, debate e experimentalismo. Finalmente, somos vítimas do nosso tamanho continental. Empreendedores de países pequenos saem da maternidade pensando em se internacionalizar. São forçados a inovar e a se ajustar constantemente à competição global. Para um mineiro, a globalização significa chegar com uma carreta ao Rio Grande do Sul.

Por essas razões, o Brasil não tem ganhadores de Prêmio Nobel, nenhuma universidade verdadeiramente reconhecida globalmente e nenhuma empresa unicórnio. O país também não é referência nas grandes agendas do futuro, como edição genética, biologia sintética, blockchain, Internet das Coisas, inteligência artificial e Big Data. Ainda que já não acredite na vida eterna após a morte, o atual governo vai passar o próximo ano preocupado com sua mumificação e, por isso, as expectativas deverão continuar baixas sobre o que o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações poderá realizar.

Mas o futuro não tem de ser soturno. O Brasil é um país com um número crescente de empreendedores e várias empresas, seja na aviação ou no agronegócio, são vitrines de tecnologia e pioneirismo. A agenda da inovação poderá também ganhar peso nas próximas eleições. A correlação entre mais inovação e crescimento do PIB está devidamente demonstrada pela ciência. O desenvolvimento de produtos e processos de maior valor agregado por meio da inovação é um fator determinante para a prosperidade a longo prazo. Numa floresta de árvores queimadas, os candidatos à Presidência poderão encontrar na inovação algumas das sementes que os levarão à regeneração e, eventualmente, ao poder. ◆

Foto: Reuters

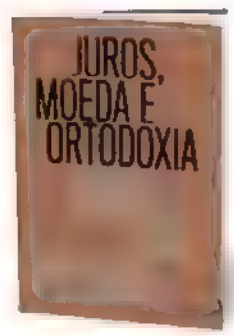
HELIO GUROVITZ

Entre o "formulismo" e a narrativa sedutora

Numa redação escolar escrita aos 17 anos, sob o título "Reflexões de um jovem a respeito da escolha de uma profissão", um excelente aluno de um colégio de Trier, na Alemanha, com um talento invejável para matemática, escreveu o seguinte: "As profissões que não estão envolvidas na vida em si, mas preocupadas com verdades abstratas, são as mais perigosas para o jovem cujos princípios ainda não estão firmes e cujas convicções ainda não são fortes e inabaláveis". Escritas em 1835, tais palavras teriam na certa caído no esquecimento, não fosse a celebridade futura de seu autor. Foram destacadas num perfil dele escrito mais de um século depois pelo crítico americano Edmund Wilson, para comprovar como, desde cedo, aquele jovem prestava atenção "para evitar cair na mais perigosa de todas as tentações: o fascínio do pensamento abstrato". Pois, no fim da vida, ele não resistiu: rendido à armadilha sedutora da abstração, produziu manuscritos e mais manuscritos sobre cálculo avançado. Ficou mais conhecido, claro, pelas teorias econômicas que, transformadas em culto religioso, deram origem a tanto atraso, a tanta pobreza e a tantas tragédias – para não falar nos genocídios. O nome do jovem era Karl Marx.

A relação de Marx com a matemática, seu fascínio com o pensamento abstrato deveriam servir de alerta a economistas, cientistas e acadêmicos. Ao longo das últimas décadas, o formalismo – talvez melhor fosse dizer "formulismo" – tomou conta da produção intelectual em várias áreas. Embriagados pela própria teoria, economistas de todos os matizes recaem na armadilha de Marx. Dois anos atrás, quando decidiu abandonar a academia, Paul Romer, hoje no Banco Mundial, causou furor com um artigo em que acusava seus colegas de disfarçar a política de ciência, sob o véu de modelos e fórmulas tão impenetráveis quanto facilmente manipuláveis. "Nada como uma página repleta de símbolos, equações e teoremas para provocar a admiração e o sentimento de estar diante de uma autoridade", escreve o economista André Lara Resende no último ensaio do recém-lançado *Juros, moeda e ortodoxia*. "O verdadeiro problema da formalização matemática é tornar a matéria impermeável à crítica externa. Inacessível aos não iniciados, toda crítica externa fica irremediavelmente comprometida."

No livro, Lara Resende reúne seis ensaios, entre eles os artigos que tanta balbúrdia geraram no início do ano, ao contestar os preceitos adotados no combate à inflação por todos os banqueiros centrais bem-sucedidos do planeta. Com base em trabalhos do americano John Cochrane, da Universidade Stanford, Lara Resende defende uma visão contrária ao senso comum. Por mais que a alta do juro possa conter a inflação temporariamente, diz Cochrane, na verdade contribui para elevá-la no longo prazo. Para detê-la, o essencial não é a política monetária, mas a política fiscal. Os preços saem do controle quando o mercado desconfia da capacidade do governo em honrar suas dívidas e compromissos. Não se trata, portanto, de uma apologia ingênua das políticas heterodoxas que desprezam a relação entre gastos públicos e surtos inflacionários – mas de uma hipótese, conservadora do ponto de vista fiscal, para explicar alguns efeitos intrigantes da crise financeira de 2008. Há, por ora, um debate acadêmico febril sobre o assunto, sem que dele tenha sido possível extrair conclusões definitivas ou recomendações práticas.



LIVRO DA SEMANA

Juros, moeda e ortodoxia
André Lara Resende

Companhia das Letras
2017
192 páginas
R$ 40

Ao chamar a atenção para a questão, Lara Resende quer contrastar a incerteza inerente à ciência econômica com a prepotência daqueles que afirmam dominá-la – ou dependem dela. Seu alvo são os banqueiros centrais, indiferentes à "percepção dos empresários e homens práticos", para quem juros altos sempre foram causa de inflação. Só que nem as teorias de Cochrane nem sua adaptação para o Brasil caem no vazio. Os tais "homens práticos" aproveitaram a controvérsia acadêmica. Sem dar a mínima para as sutilezas da verdade científica, saíram até mesmo em defesa da política monetária irresponsável do governo Dilma Rousseff – quando nada do que Cochrane ou Lara Resende tenham dito autorizaria isso. Economistas sérios também reagiram aos artigos publicados por Lara Resende com críticas precisas que, infelizmente, ficaram sem resposta no livro. Por fim, as teorias de Cochrane não deixam de vir embaladas no mais sofisticado "formulismo" – é dificílimo compreendê-las sem matemática (tento fazer isso no texto "Juros, inflação e disciplina fiscal", publicado em fevereiro no meu blog do portal G1). Elas podem exercer, portanto, o mesmíssimo "fascínio do pensamento abstrato", que já assombrava Marx na adolescência. Uma abstração perigosa que nos desconecta da realidade pode se travestir de fórmula matemática – mas também de narrativa sedutora. ◆

Helio Gurovitz é jornalista **hgurovitz@edglobo.com.br** (e-mail) **@gurovitz** (Twitter) **http://g1.globo.com/mundo/blog/helio-gurovitz/** (web)

ESSENCIAL PARA QUEM VAI COMPRAR UMA FRANQUIA

JÁ NAS BANCAS

Disponível para tablets e smartph

EDITORA GLOBO 65 anos

RESULTADO: [redacted]

O primeiro autoteste para o vírus da aids começa a ser vendido no país. Os benefícios e os riscos de descobrir o resultado sem um profissional de saúde por perto

Marcela Buscato

POSITIVO

Foto: Getty Images/iStockphoto

São pouco mais de dez minutos, talvez no banheiro, na cozinha ou na sala de casa, que podem separá-lo de uma notícia com potencial para mudar uma vida inteira. É só picar o dedo, coletar a gota de sangue e colocá-la em uma placa. À adição de três gotas de uma solução, seguem-se os minutos de espera e, finalmente, o resultado: positivo ou negativo para o vírus HIV, o causador da aids. Cariocas e moradores de Niterói, no Rio de Janeiro, serão os primeiros brasileiros a ter a chance de comprar nas farmácias, a partir desta semana, o primeiro autoteste para HIV a ser vendido no Brasil. O Action!, desenvolvido pela empresa OrangeLife, deve chegar até o final de julho à maior parte do país. Isso significa que, assim como as mulheres podem fazer um teste em casa para saber se estão grávidas, qualquer pessoa poderá comprar um kit, pagar entre R$ 50 e R$ 70, segundo estimativas do fabricante, e descobrir sozinha se tem ou não HIV.

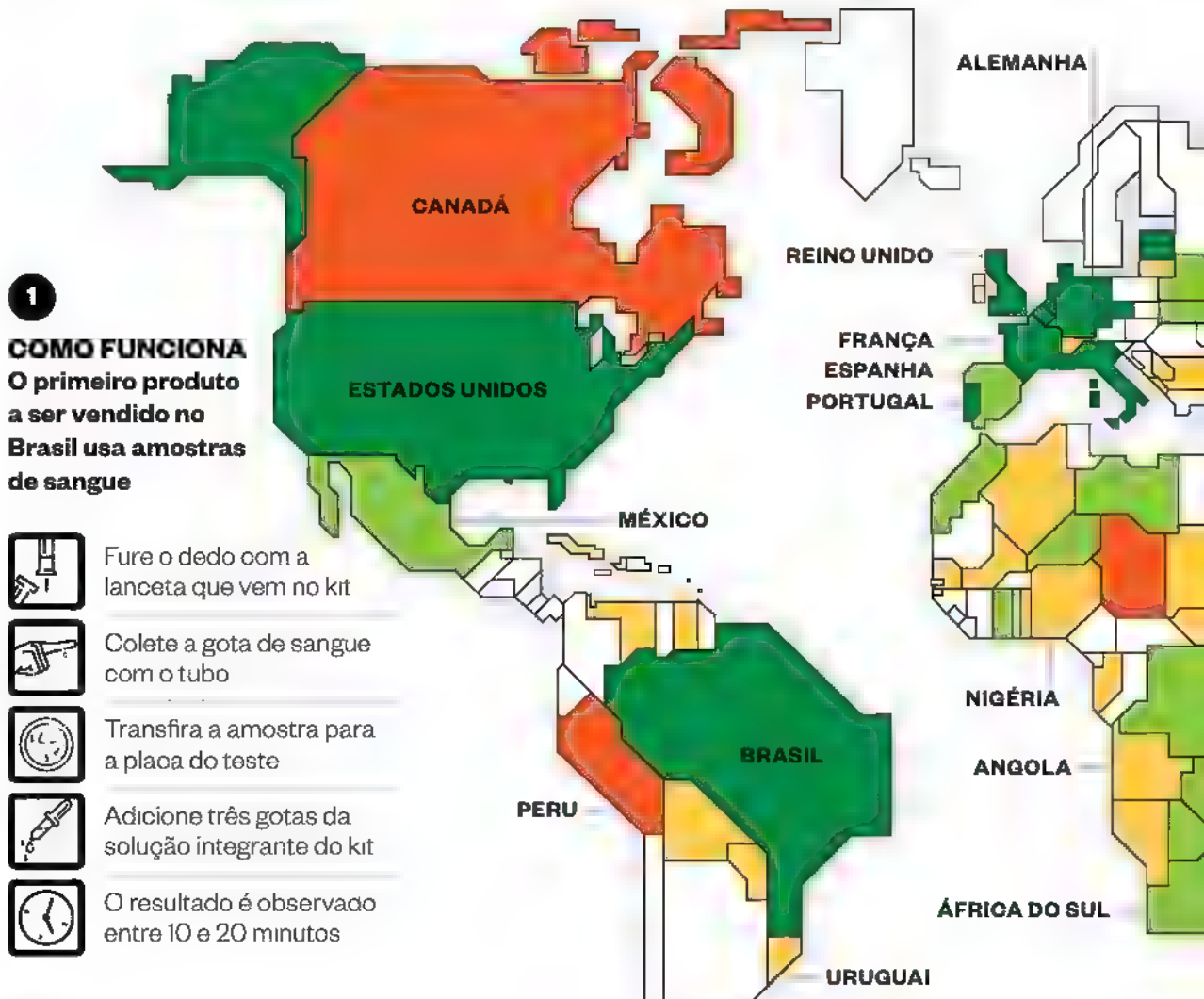
O autoteste é considerado uma ferramenta importante em um momento delicado da epidemia de aids no Brasil: nos últimos anos, dobraram os casos entre jovens, o que já permite a alguns especialistas afirmar que o país vive seu pior momento da epidemia. Quando as pessoas sabem precocemente que têm o vírus, são tratadas mais cedo. Isso diminui as chances de que transmitam o vírus e desenvolvam a doença. É a estratégia de testar e tratar, base da política brasileira de HIV/aids. No Brasil, o Ministério da Saúde estima que, entre as 827 mil pessoas que vivem com o vírus, 112 mil não conheçam sua condição (13,5%).

A falta de testagem atinge, principalmente, grupos vulneráveis, como homens que fazem sexo com homens. Vítimas de preconceito, muitos temem se expor ao procurar atendimento médico e medidas de prevenção. Um levantamento nacional feito em dez cidades brasileiras, com cerca de 4 mil homens, indicou que 80% haviam tido mais de um parceiro nos seis meses anteriores. Apenas 49% já tinham se testado para HIV. Depois de os pesquisadores oferecerem exames, os resultados mostraram que 14% tinham o vírus (incluindo aqueles que já sabiam ser positivos antes do exame). Metade dos que fizeram o teste não conhecia sua condição. Esse levantamento foi feito em 2009 e o senso comum diria que, desde então, o acesso aos serviços de saúde melhorou – mas entre 2003 e 2015 cresceu cerca de 50% o número dos que têm aids, entre homens que fazem sexo com homens.

Um reflexo da falta de testagem é a chegada tardia dos pacientes aos serviços adequados. Um estudo do epidemiologista Alexandre Grangeiro, da Universidade de São Paulo, feito entre 2003 e 2006, com dados de mais de 115 mil pessoas diagnosticadas com HIV, sugere que 44% só chegam aos serviços de saúde quando desenvolveram aids, o

UM EXAME PARA FAZER EM CASA

Onde o autoteste, à base de sangue ou saliva, já pode ser encontrado e os países que estão discutindo a nova estratégia



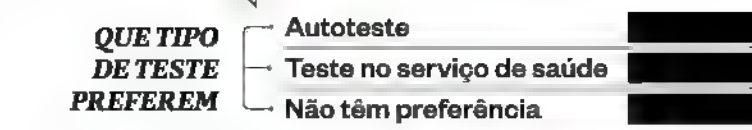
1

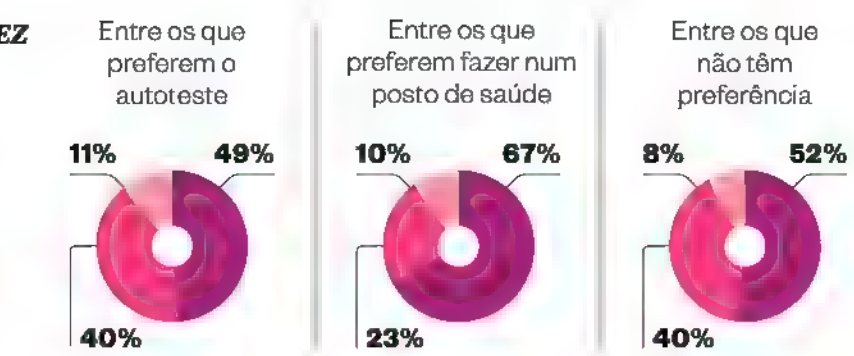
COMO FUNCIONA
O primeiro produto a ser vendido no Brasil usa amostras de sangue

- Fure o dedo com a lanceta que vem no kit
- Colete a gota de sangue com o tubo
- Transfira a amostra para a placa do teste
- Adicione três gotas da solução integrante do kit
- O resultado é observado entre 10 e 20 minutos

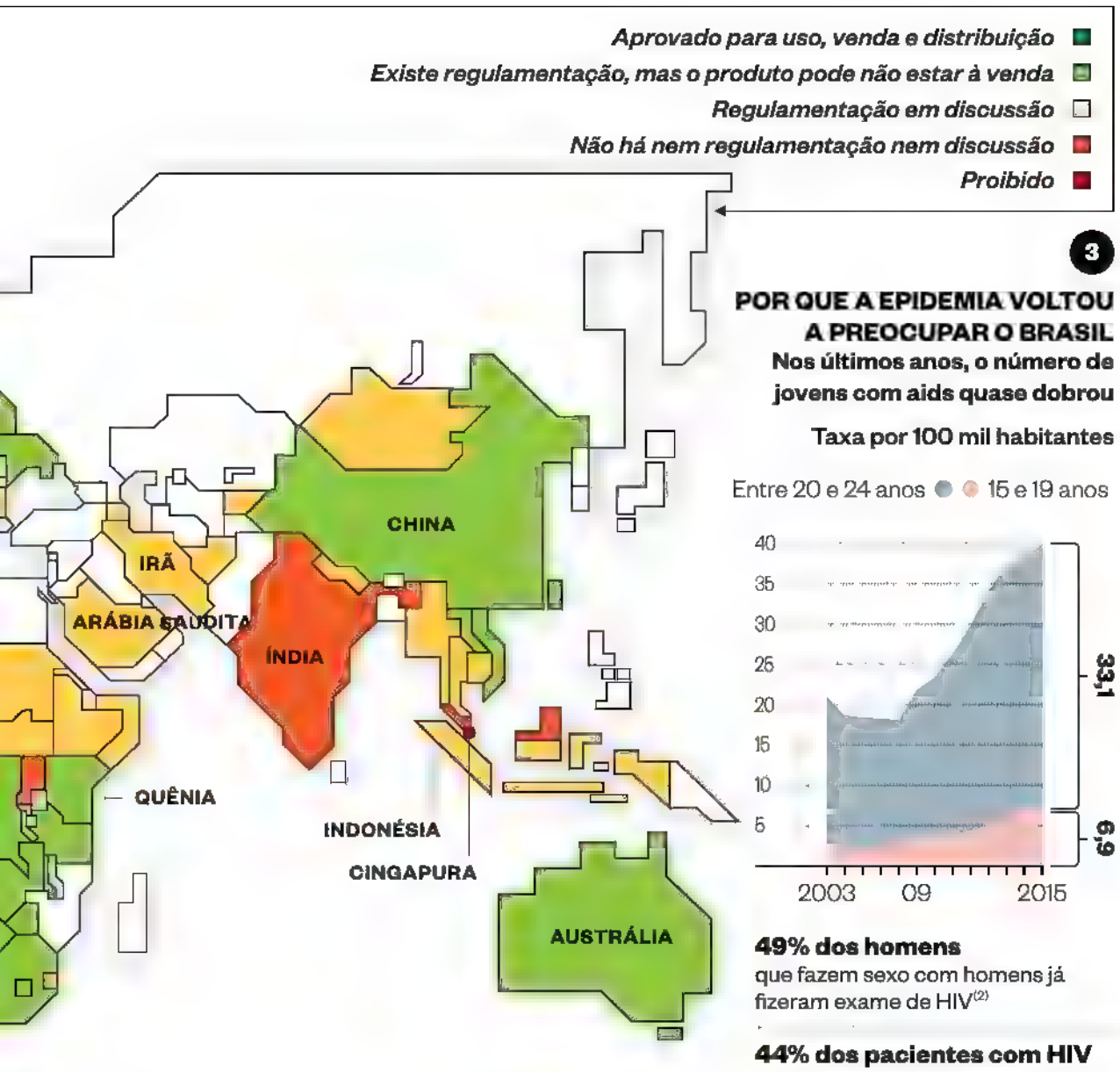
2

OS BRASILEIROS E O AUTOTESTE
Eles se mostram sem medo de usar o dispositivo, mas podem fazer escolhas arriscadas com base nos resultados(1)





Fontes: HIVST.org / OrangeLife. (1) *Cad Saúde Publica*. 2014 Apr; 30(4):724-734. (2) *Aids* 2013, 27:427-435. (3) *PLoS One*, 2011 Jan 25;6(1):e14585



3

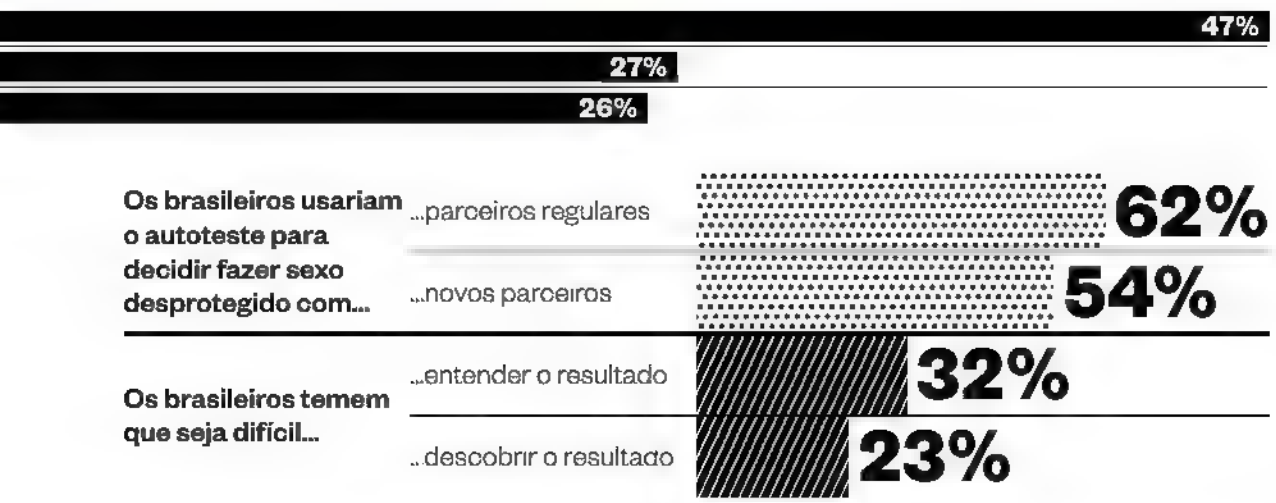
POR QUE A EPIDEMIA VOLTOU A PREOCUPAR O BRASIL

Nos últimos anos, o número de jovens com aids quase dobrou

Taxa por 100 mil habitantes

49% dos homens
que fazem sexo com homens já fizeram exame de HIV[2]

44% dos pacientes com HIV
demoram para ter acesso aos serviços de saúde[3]



que torna o tratamento mais complicado e caro. "Dada a proporção muito alta de diagnóstico tardio, observamos que diversificar as estratégias de diagnóstico tem se mostrado algo bom", afirma Grangeiro. "Os temores sobre o autoteste têm se desmistificado e parece melhor tê-lo do que não tê-lo."

Países da Europa, como Reino Unido e França, já têm à venda testes registrados por suas autoridades de saúde. No ano passado, a Organização Mundial da Saúde (OMS) emitiu uma recomendação de que o autoteste seja oferecido como abordagem adicional de testagem. A entidade conta com 43 países que desenvolveram políticas para regular o registro e a venda e outros 48 que discutem o tema *(leia o mapa)*. Estima-se que, até 2018, 4,8 milhões de unidades serão vendidas.

Esse tipo de estratégia tem potencial para economizar recursos públicos. Oferecer autotestes custa menos que montar infraestrutura de testagem. Uma estimativa feita com dados do Zimbábue, na África, aponta que, se os autotestes fossem vendidos em grande escala para o setor público por US$ 3 e a testagem aumentasse em um quinto, em 20 anos o país economizaria US$ 75 milhões e evitaria a perda de 7 mil anos de vida de sua população. A conta oferece uma boa hipótese a testar, mas não se aplica diretamente ao Brasil. Primeiro, porque a realidade e os custos de saúde são diferentes: não há estimativas do preço do autoteste para vendas em grande escala aos governos no país. E, principalmente, porque o Brasil não incorporou a estratégia a sua política pública. Em nota, o Ministério da Saúde afirma não prever distribuição no Sistema Único de Saúde (SUS). "É importante ser gratuito, porque do contrário deixa de fora a população que não pode pagar e já está à margem", diz o infectologista Ricardo Diaz, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

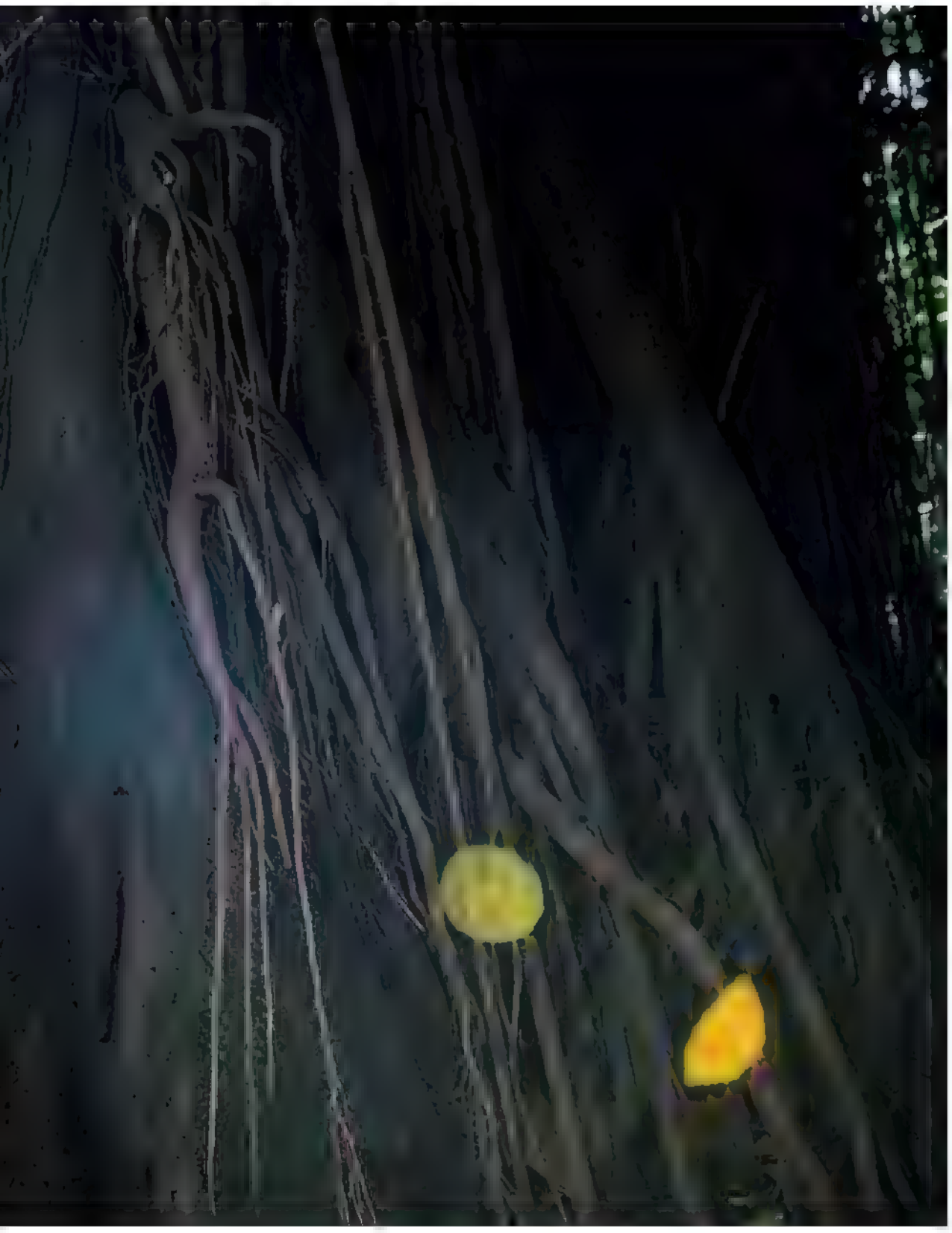
Apesar da recomendação da OMS, a adoção do autoteste para HIV gera controvérsias. "Não é a maneira adequada de diagnosticar", afirma o infectologista Artur Timerman, do Hospital Edmundo Vasconcelos, em São Paulo. "Nada substitui a relação médico-paciente." Entre outras preocupações, há o temor de que a falta de orientação de profissionais de saúde no momento do resultado afaste o indivíduo do tratamento ou retarde sua procura. Pesquisas feitas na região da África Subsaariana mostram que apenas cerca de 53% dos voluntários que fizeram autoteste procuraram serviços de saúde. Entre populações-chave, como homens que fazem sexo com homens, houve resultados díspares, mas alguns com taxas de sucesso (procura por serviços de saúde) tão baixas quanto 20%. "São estudos feitos com grupos pequenos, mas sugerem que é preciso pensar em intervenções que ajudem a ligar as pessoas aos serviços de saúde", diz uma das diretrizes da OMS para autotestes. ▶

No Brasil, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) exige que a empresa fabricante forneça um serviço de assistência 24 horas por dia, sete dias por semana, para tirar dúvidas sobre o teste e o resultado e fornecer informações sobre serviços de saúde especializados em HIV. A fabricante OrangeLife afirma ter contratado uma empresa de atendimento ao público. O médico italiano radicado no Brasil Marco Collovati, presidente da OrangeLife, tem ressalvas à exigência da Anvisa. "Se não tivéssemos de arcar com esse custo, o preço seria menor", diz. "Não julgaremos se a Anvisa considera isso importante, mas cabe a discussão de que metade dos produtos da farmácia teria de contar com esses serviços."

Há também a preocupação de que a pessoa, ao receber a notícia de um exame positivo, sozinha, possa causar algum mal a si própria. O assistente social Pierre Freitaz, de 30 anos, ao saber que era HIV positivo, 14 anos atrás, cogitou se atirar de uma ponte. E ele tinha apoio de médicos e psicólogos no momento do diagnóstico. "Eu jamais faria um autoteste, porque não gostaria de receber a notícia sozinho", afirma. "Fico preocupado – as pessoas que farão o atendimento por telefone, solicitado pela Anvisa, terão a qualificação e o treinamento necessários?" Pesquisadores nos Estados Unidos avaliaram esse risco. Eles trabalham na 3ie, uma entidade americana que desenvolve políticas públicas com base em evidências. Analisaram 49 estudos sobre os riscos da autotestagem para HIV. Cerca de 25% mencionavam preocupações com suicídio, mas nenhum encontrara evidência concreta de um caso. "Concluímos que, embora seu potencial de riscos seja discutido na literatura, há pouca evidência de que eles aconteçam", escreveram os autores no artigo, publicado em 2014.

Existe a possibilidade de os autotestes aumentarem comportamentos de risco. Exames feitos pouco antes de uma relação dariam aos usuários falsa tranquilidade para não usar preservativo, no caso de resultados negativos. Tal atitude pode levar à exposição a outras infecções sexualmente transmissíveis. Além disso, é preciso considerar a chance de o exame não ter sido feito adequadamente, o que produziria resultados inválidos, ou de ter sido feito durante a janela imunológica – nome do período em que uma infecção já foi contraída, mas não aparece no teste (para o HIV, a janela é de até 30 dias). Para evitar esse tipo de equívoco, recomenda-se que, se o resultado for negativo, mas houver a suspeita de uma exposição ao vírus, o ideal é repetir o teste a cada 30 dias até que se completem 120 a partir da primeira exposição. Quem receber um resultado positivo, que sugere a presença do vírus HIV, também deve refazer o exame, desta vez usando métodos

DESCOBERTA **Pierre Freitaz, que tem o HIV. Ele descobriu essa condição há 14 anos, na companhia de médicos. "Eu não gostaria de saber a notícia sozinho", diz**



disponíveis em laboratórios e serviços de saúde. Um estudo com 230 homens que fazem sexo com homens, na Austrália, sugere que não houve aumento das relações sexuais desprotegidas entre os integrantes do grupo que usou autotestes. Os voluntários que usaram autoteste apresentaram menos infecções bacterianas transmitidas sexualmente (5,4%) do que os homens que não participaram da intervenção (12,2%). Também não houve aumento ou diminuição na frequência com que os voluntários faziam exames para outras doenças transmitidas por vias sexuais – uma preocupação importante, especialmente no Brasil, que vive uma epidemia de sífilis.

Apesar das conclusões aparentemente seguras, a OMS reconhece que os autotestes podem, sim, ser usados indevidamente como estratégia para a escolha de parceiros ou negociação de práticas sexuais. Em um levantamento com 356 voluntários brasileiros que responderam a uma pesquisa on-line em 2011, 62% afirmaram que usariam um autoteste para decidir fazer sexo desprotegido com parceiros regulares e 54% com novos parceiros. "Se for uma relação em que há igualdade de poder entre os parceiros, em que um não força o outro a nada, pode ser bom porque as pessoas podem negociar práticas sexuais e reduzir riscos", afirma Veriano Terto Junior, da Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (Abia). É uma abordagem que segue a linha de redução de danos: considerando que algumas pessoas farão sexo sem preservativo, de qualquer maneira, em algum momento da vida, elas podem ter a chance de adotar práticas sexuais que reduzam os riscos de uma infecção, como o uso de lubrificantes. "A questão é como garantir que haverá essa igualdade de poder dentro do relacionamento e que as pessoas tenham informações suficientes para discutir essas práticas." Com o conservadorismo das campanhas brasileiras, que se concentram sobretudo no uso do preservativo e não discutem sexualidade, ter acesso a esse tipo de informação é cada vez mais difícil.

A OMS recomendou a adoção do autoteste após ponderar os benefícios e os riscos, com base em cinco estudos que seguiam um dos melhores padrões da metodologia científica – comparar abordagens diferentes de testagem, distribuindo estratégias diferentes de maneira aleatória entre os grupos – e baseada em estudos observacionais (em que não há sorteio dos participantes entre grupos). Em geral, os levantamentos sugerem que os autotestes dobraram a aceitação da testagem. Na Austrália, entre voluntários que não faziam exames havia dois anos, a frequência de testagem para HIV aumentou 5,5 vezes entre os que tiveram acesso ao kit. No Brasil, um projeto-piloto feito em Curitiba pelo Centro de Controle de Doenças, o CDC, do governo americano, com apoio do Ministério da Saúde, avaliou a aceitação de um autoteste oral. Os pesquisadores obtiveram retorno de 520 participantes, por e-mail e por um website da pesquisa, e tiveram uma impressão favorável da receptividade ao teste e do potencial de os usuários o recomendarem a outros. "É um avanço para a prevenção e o tratamento", diz Terto Junior, da Abia. "Não é questão de ser contra ou a favor. Cada um sabe o que é melhor para si." ◆

Foto: Filipe Redondo/Ed. Globo

Quanto valem seus dados pessoais?

Pega fogo o debate global sobre privacidade digital. No Brasil, Projetos de Lei tentam definir se e como empresas podem usar seus dados

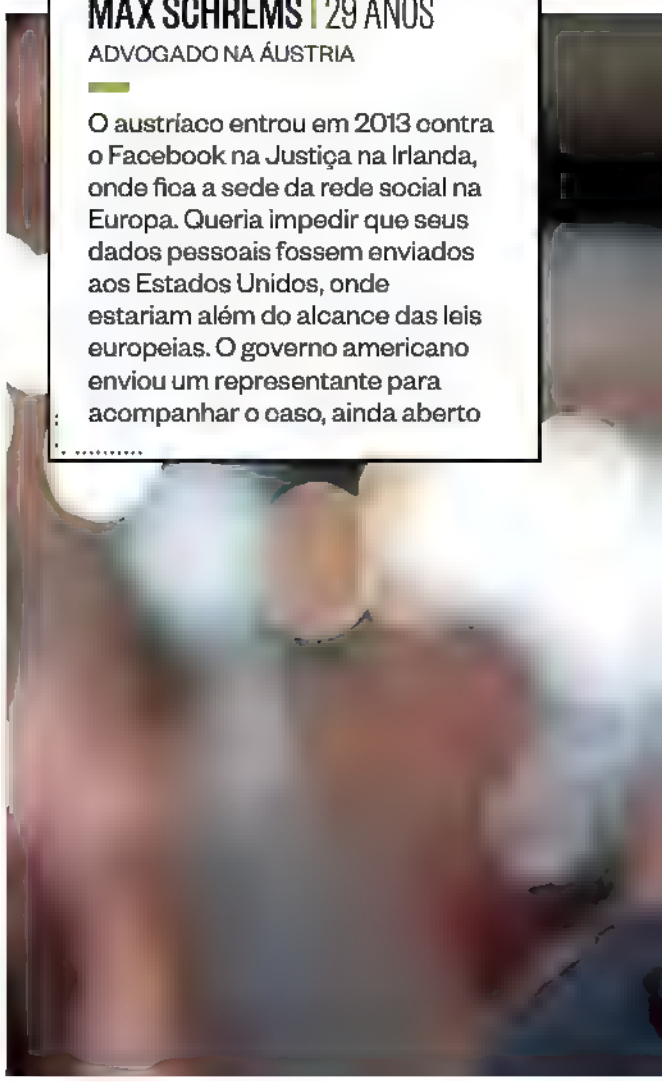
Paula Soprana e **Marcos Coronato**

Doze de junho de 2017, Santa Rosa, Califórnia, Estados Unidos: o especialista em segurança digital Chris Vickery descobre uma base de dados desprotegida – e revela ao mundo que informações pessoais de mais de 198 milhões de eleitores americanos eram mantidas expostas. Os dados incluíam endereço e prováveis opiniões dos cidadãos sobre questões sociais e políticas variadas. Haviam sido mal armazenados pela empresa de análise Deep Root Analytics, contratada pelo Partido Republicano.

7 de fevereiro de 2017, Dublin, Irlanda: a Suprema Corte Irlandesa começa a ouvir as partes numa nova fase do julgamento que opõe o Facebook, empresa que faturou US$ 28 bilhões no ano passado, e o advogado Maximillian Schrems. O austríaco iniciou o caso em 2013, quando tinha 25 anos, por recear como o Facebook usaria seus dados ao transmiti-los para os Estados Unidos, fora do alcance das leis europeias. O governo americano enviou um representante para acompanhar o julgamento.

3 de abril de 2017, Washington, D.C., Estados Unidos: o presidente americano, Donald Trump, anula a Lei de Privacidade legada por seu antecessor, Barack Obama. O ato assinado por Trump havia sido apresentado em fevereiro pelo senador republicano Jeff Flake. O senador argumenta que a Lei de Privacidade de Obama obstruía a inovação.

22 de março de 2017, Brasília, Brasil: o jurista e ciberativista Paulo Rená participa de uma audiência pública na Câmara dos Deputados sobre proteção de dados pessoais. Faz uma defesa inusitada de sua preocupação com dados pessoais. "No banco, não dou a minha digital. Sabe por quê?", questiona. "Porque a minha digital eu entrego em qualquer copo d'água como este aqui, ó." E pausa para um gole. "Já pensou se isso for a chave para alguém acessar minha conta?" Rená usa o copo para explicar aos presentes que dados pessoais, na era digital, não são apenas números de documentos, mas também características físicas – dados biométricos, como o padrão da íris e dos vasos sanguíneos

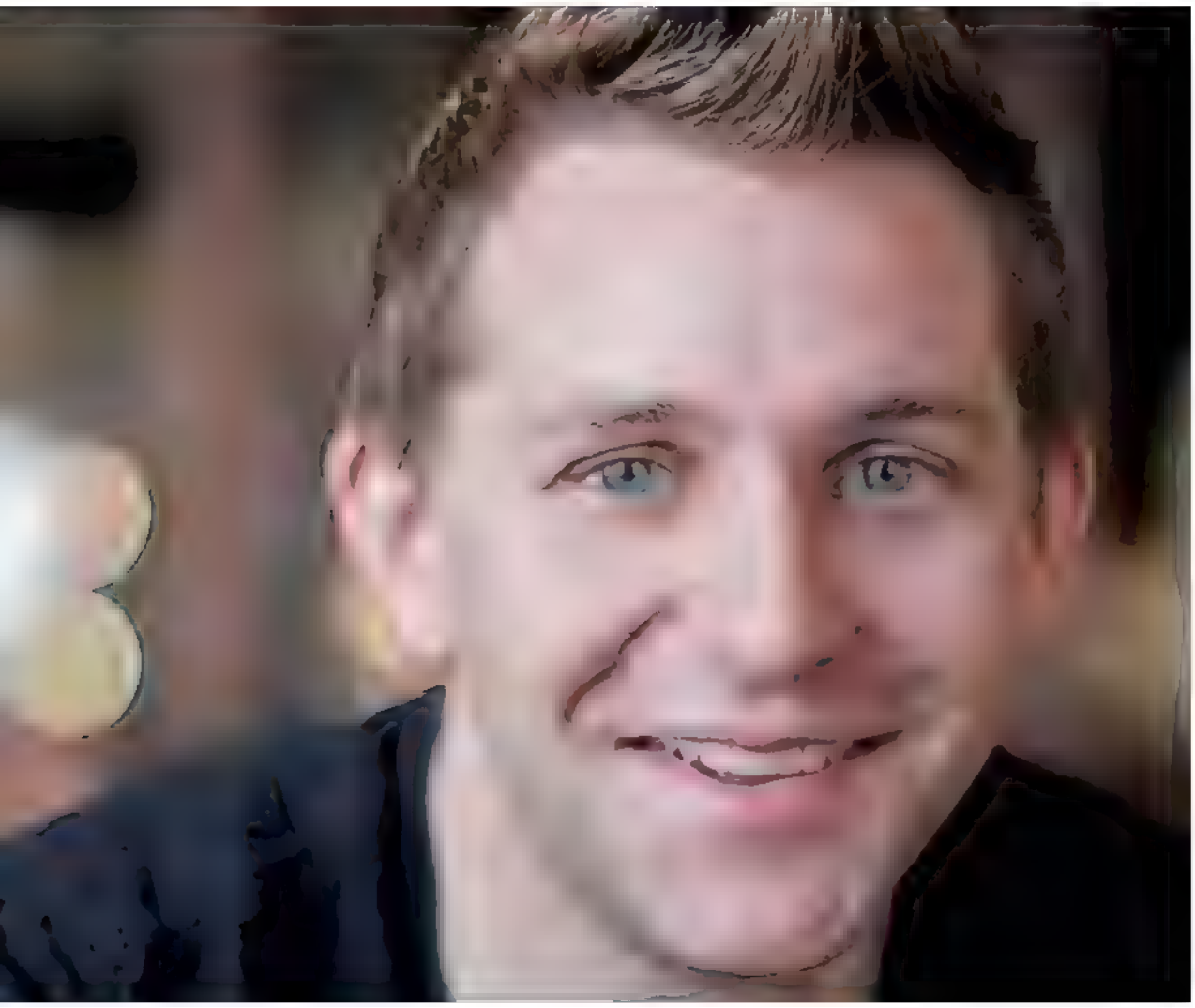


MAX SCHREMS | 29 ANOS
ADVOGADO NA ÁUSTRIA

O austríaco entrou em 2013 contra o Facebook na Justiça na Irlanda, onde fica a sede da rede social na Europa. Queria impedir que seus dados pessoais fossem enviados aos Estados Unidos, onde estariam além do alcance das leis europeias. O governo americano enviou um representante para acompanhar o caso, ainda aberto

JEFF FLAKE | 54 ANOS
SENADOR NOS ESTADOS UNIDOS

O congressista, republicano do Arizona, propôs em fevereiro reverter uma lei de proteção de dados pessoais deixada pelo ex-presidente Barack Obama. A proposta foi aprovada no Congresso e assinada pelo presidente Donald Trump em abril. Flake argumenta que a lei era ruim e obstruía a inovação



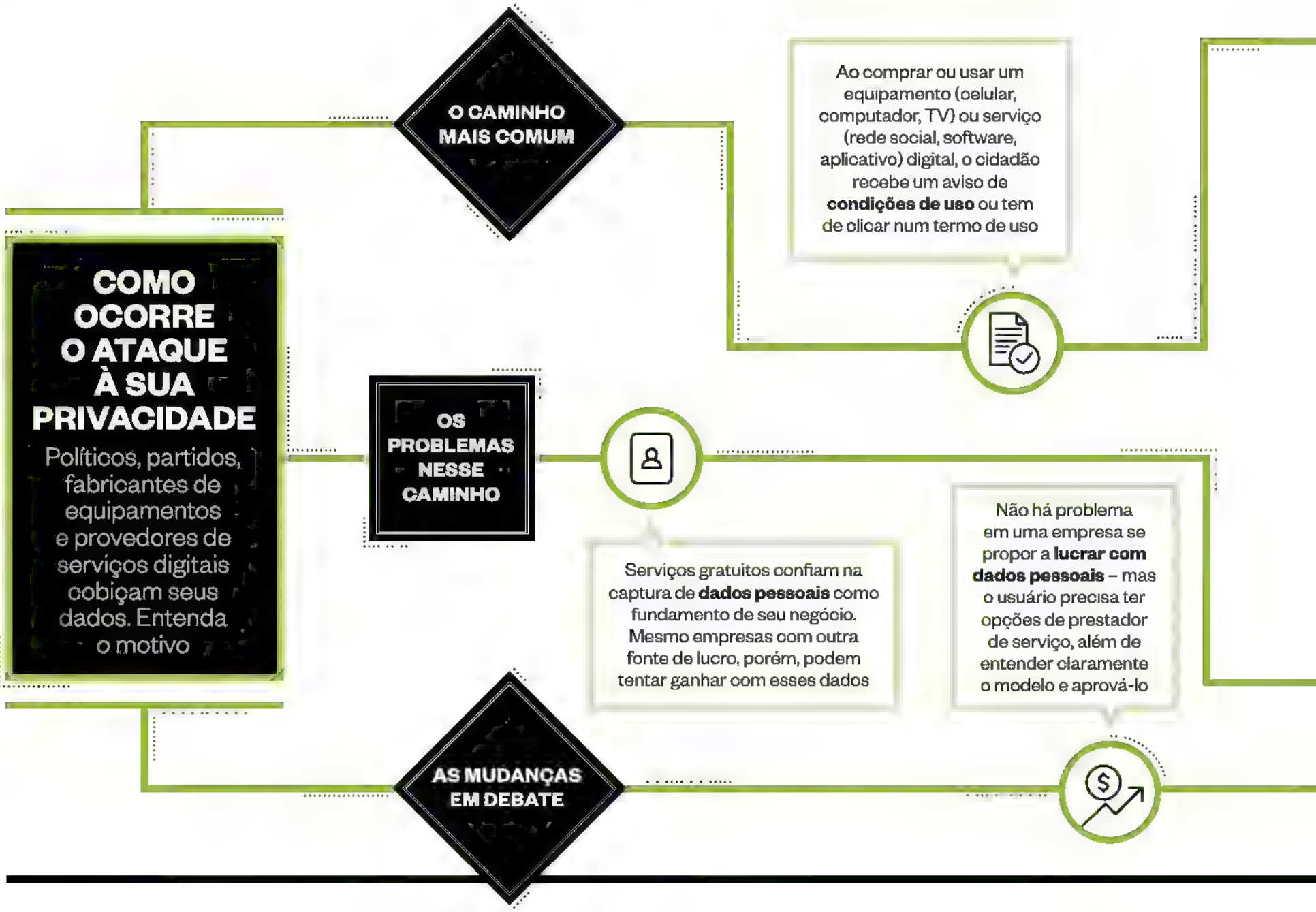
Fotos: AFP Lisi Niesner/Bloomberg via Getty Images

das mãos – e tudo mais que compõe o seu "rastro digital" – o fluxo de dados que você gera ao usar celular, tablet e computador e também redes sociais, aplicativos e software em geral. Na era digital, por mais cuidadoso que seja, você indica por onde passa, o que compra, do que gosta e o que usa.

O comércio desses dados é um mercado bilionário e gera o debate que se vê no Brasil, nos Estados Unidos, na Europa. Os termos de uso dos serviços digitais abrem possibilidades assustadoras. O Facebook informa não vender dados individuais. Mesmo assim, reserva-se o direito de, se você for usuário, detectar por onde você caminha, a velocidade média de sua banda larga e o modelo do dispositivo com que você se conecta. Também coleta informações sobre seu uso dos serviços de anunciantes do Facebook, e de outros sites e aplicativos, se você usar sua conta de Facebook para se cadastrar neles. E os dados seus que os criadores desses sites e aplicativos compartilhem com o Facebook – mesmo sobre atividades digitais ocorridas fora da rede social.

Um susto global ocorreu em 2015, quando se tornou público um termo de uso da Samsung. Ele alertava os donos de "smart TVs" (TVs com acesso à internet) para não conversar perto do aparelho sobre temas confidenciais, dada a possibilidade de trechos de conversa serem gravados e enviados à fabricante e a outras empresas prestadoras de serviços. Desde então, a Samsung informa que a gravação de voz só ocorre sob comando do usuário. A concorrente americana Vizio não foi tão ágil na reação e acabou multada em US$ 2,2 milhões pela Comissão Federal de Comércio dos Estados Unidos (FTC), em fevereiro. A empresa falhou ao não explicar claramente aos clientes quais dados coletava e como os usava. A Vizio aceitou a multa e publicou sua interpretação da história. "Hoje, a FTC deixou claro que todos os fabricantes de smart TVs deveriam obter o consentimento das pessoas antes de coletar e compartilhar informações sobre como elas assistem à televisão."

Discutir a privacidade na era digital se tornou mais urgente depois que ▶



Edward Snowden, ex-funcionário da inteligência americana, revelou práticas de vigilância indiscriminada do governo dos Estados Unidos. Entre os alvos de espionagem estava a então presidente Dilma Rousseff, cujos e-mails foram interceptados. Ela cancelou uma visita que faria a Washington no mês seguinte. Pouco mais de um ano após o vazamento, ganhou corpo o debate no Brasil – deveríamos ter uma lei de proteção de dados pessoais? Um texto foi elaborado, alimentado com sugestões da sociedade civil, sob a coordenação do Ministério da Justiça e passou a tramitar na Câmara dos Deputados (Projeto de Lei 5.276, de 2016). Outras duas propostas tratam do tema: uma dos senadores Aloysio Nunes (PSDB-SP) e Antônio Carlos Valadares (PSB-SE) (o PL 3.330, de 2015) e outra do deputado federal Milton Monti (PR-SP) (o PL 4.060, de 2012). Em 2016, as principais organizações participantes do debate publicaram uma carta aberta em apoio ao projeto do Ministério da Justiça. Elas consideram a iniciativa "capaz de trazer segurança jurídica para o cidadão, para a atividade empresarial e para a administração pública no tratamento dos dados pessoais". Bruno Bioni é um dos advogados que estudam o tema. Autor do estudo *Xeque-mate*, um guia que compara as três normas legislativas correntes, considera o texto do ministério

HÁ TRÊS PROJETOS DE LEI A RESPEITO NO CONGRESSO. UM DELES RECEBEU CONTRIBUIÇÕES DA SOCIEDADE CIVIL

apropriado devido a sua concepção suprapartidária e aberta. "O processo colaborativo gerou um texto equilibrado que garante a proteção da privacidade do cidadão e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento econômico, que depende cada vez mais da coleta e processamentos de dados pessoais", afirma.

Dado pessoal, segundo o texto do ministério, é aquele que pode identificar uma pessoa. E, assim, também identifica padrões de consumo e outros hábitos – conhecimento valiosíssimo. Imagine que uma rede de farmácias disponha da lista de CPFs relacionados ao nome dos clientes. Se cada compra entrar numa base de dados, com o passar dos anos surgirão padrões de consumo. Hipoteticamente, a rede de farmácias pode fechar parceria com um plano de saúde – que, por sua vez, poderia separar os clientes por "alto risco de infarto" e "baixo ris-

As condições ou termos de uso preveem que a empresa pode capturar dados pessoais do usuário e tem **liberdade para lucrar** com eles

O fabricante do equipamento ou provedor do serviço vende os dados a outras empresas ou tenta faturar ele mesmo, com **anúncios ou comércio eletrônico**

É normal que os termos sejam longos demais e redigidos em **linguagem jurídica**. Também é normal que ofereçam como única opção o campo "eu concordo"

Há propostas para que os termos de uso sejam mais **curtos e compreensíveis** e ofereçam opções além do "eu concordo"

Os dados vendidos podem ser usados também por **políticos, partidos** e outros dispostos a entender padrões de comportamento e se aproveitar deles

Dados pessoais não deveriam ser usados para influenciar a opinião pública e o resultado de **eleições**

EXEMPLOS DE DADOS PESSOAIS

- Compras pela internet
- Percurso ao longo do dia, a pé ou de carro
- Horários de uso de serviços digitais e de telecomunicações
- Modelos de computadores, tablets e celulares usados
- Biometria (impressão digital, íris, padrão de vasos sanguíneos)
- Conversas por meio de aparelhos digitais ou próximas deles

co de infarto". O tratamento dos usuários de planos de saúde se tornaria discriminatório. E um dos princípios da lei em análise no Congresso é impedir o uso de dados para fins discriminatórios. Não são poucos os casos em que algoritmos reforçam preconceitos. No ano passado, a ONG americana de jornalismo investigativo ProPublica descobriu que um software de predição de crimes usado em tribunais de alguns estados americanos avaliava pessoas negras como mais propensas a reincidir em crimes.

O setor privado talvez encare uma nova legislação como mais custo e burocracia. Ainda mais quando serviços inovadores atentam para o advento da Internet das Coisas, com dispositivos conectados entre si e crescimento exponencial de oportunidades de negócio. "O excesso de protecionismo vira intervencionismo e gera custos que a própria sociedade terá de aguentar", diz Patrícia Peck, especialista em Direito Digital. Ela defende uma lei que ajude a estabelecer limites e melhores práticas para proteção do consumidor, evite a concorrência desleal e garanta mais transparência. Critica, no entanto, que a redação do projeto do Ministério da Justiça copie o modelo europeu, mais defensivo contra o mercado do que as práticas nos Estados Unidos. "A lei de proteção de dados pessoais não deve ser uma lei sobre direitos humanos. É uma lei sobre modelos econômicos", afirma.

UM SOFTWARE DE ANÁLISE DE DADOS PODE SER "PRECONCEITUOSO". O PROJETO DE LEI PROÍBE ESSA DISCRIMINAÇÃO

Nos Estados Unidos, não há uma lei que trate do tema proteção de dados pessoais, apenas penalidades aplicadas pela Justiça caso a caso. A União Europeia aposta em um conjunto de normas atualmente em revisão. Elas estabelecem como governo e empresas devem tratar os dados dos cidadãos. Os países dispõem de autoridades nacionais independentes dedicadas à supervisão desse tratamento. O padrão é exigirem apresentação explícita da finalidade da coleta dos dados, sem juridiquês e com mais opções que um "sim, concordo". Há mais de 100 leis de proteção em vigor no mundo. Países da América Latina, como Chile e Uruguai, seguem o modelo europeu. O Brasil conta com o Código de Defesa do Consumidor. Mas ele parece velho e limitado demais diante das novas possibilidades de abuso digital contra o cidadão. ◆

Bruno Astuto

brunoastuto@edglobo.com.br

Nasce um rapaz

Uma das personagens mais populares e queridas da novela das 9, *A força do querer*, Ivana está prestes a começar sua transição para o gênero masculino. Sua intérprete, a atriz **Carol Duarte**, conta à edição de julho da revista *Glamour* que se preparou bastante para essa estreia bombástica na TV. "Vi vários vídeos na internet de gente que está fazendo a transição agora. Também conversei com muitas pessoas trans, mais homens do que mulheres. Estou ansiosa por esse momento, que vai ser libertador para a personagem." A paulistana, de 24 anos, festeja a reação positiva do público ao drama de Ivana. "É inegável a importância de entrar na casa das pessoas falando sobre a questão trans, no país que mais mata essa comunidade. Espero que a novela seja uma faísca para que as pessoas busquem informação, porque, muitas vezes, o preconceito vem da falta de conhecimento."

Papo de cinema

Fabiula Nascimento nunca tinha pensado em seguir a carreira de apresentadora, mas a experiência deu tão certo à frente do programa *País do cinema*, do Canal Brasil, que ela volta ao ar no dia 6 com a segunda temporada. "No início, não me reconhecia, era mais engessada. Agora posso dizer que sou eu mesma, está mais com cara de bate-papo, não tem ficha. Sou boa de ouvir", conta a atriz. Ela receberá grandes nomes do nosso cinema, como Gloria Pires, Luiz Carlos Barreto e Cassia Kis, ao longo de 26 episódios. A própria Fabiula, durante o período, vai dar pinta na telona no longa infantil *Pluft, o fantasminha*, como a mãe do personagem-título. Entre os trabalhos, ela namora o ator Emílio Dantas, astro da novela *A força do querer*. "Tivemos um encontro lindo. Tenho muita admiração por ele. Não moramos juntos ainda, mas quem sabe?"

Fotos: Bruna Castanheira/Glamour Brasil; divulgação (2), Taylor Hill/FilmMagic, Rodrigo Marques, Rafaé Silva/divulgação

Com **Acyr Méra Júnior** e **Guilherme Scarpa**

Caindo do salto

É dura a vida de filha de presidente, que dirá se o papai for Donald Trump. Afastada desde janeiro da grife que fundou em 2010 para dar expediente no governo americano, a designer **Ivanka Trump** bem que tentou se esquivar de depor no processo de plágio movido pela marca italiana de sapatos Aquazzura. Os advogados de Ivanka alegaram que ela não teria nada de novo a acrescentar sobre as criações de sua marca e que obrigá-la a depor "seria uma distração desnecessária que atrapalharia sua capacidade de cumprir seus deveres na Casa Branca". A juíza americana nem quis saber. Ivanka terá de explicar, sim, em que seus sapatos Hettie diferem dos Wild Things do concorrente. Alguma sugestão?

Fullgás

Qinho e **Marina Lima** se conheceram há dois anos, quando ele participou de um tributo à cantora, que completava 60 anos. As afinidades foram tantas que o músico carioca, de 33 anos, inicia uma turnê em que reverencia os 40 anos de carreira da amiga. "É tão chique a apropriação que ele fez das minhas músicas. Qinho é o melhor cantor que existe no Brasil no momento", derrete-se Marina, que se apresentará ao lado dele no dia 13, no Rio de Janeiro. "Marina é extremamente sofisticada e ao mesmo tempo popular. Está muito empolgada, já me mandou várias mensagens. É uma garota", diz Qinho. Em tempo: Marina está em estúdio dando forma ao primeiro álbum de inéditas desde *Clímax*, de 2012. Ele sairá no segundo semestre, com pegada eletrônica.

Uma dupla de luxo

Ex-concorrentes na produção das festas mais-mais do mercado de luxo nacional, **José Victor Oliva** *(à dir. na foto)* e **Carlos Pazetto** viraram sócios. "Morria de medo toda vez que disputava com ele", brinca Oliva. Eles querem se concentrar no live marketing, que movimentou mais de R$ 40 bilhões entre 2015 e 2016. A primeira ação da dupla será num evento de arte e gastronomia em São Paulo. "Os grandes varejistas ainda não atendem bem o público A", diz Pazetto, há 17 anos à frente de eventos sofisticados de grifes como Cartier, Chanel e Jaguar. "É como diz o filósofo francês Gilles Lipovetsky: 'Luxo é comprar emoção'", decreta Oliva.

ENTREVISTA

SELTON MELLO
ATOR E DIRETOR

"Não alimento o culto à personalidade"

Um dos maiores atores de sua geração, **Selton Mello**, de 44 anos, tem se firmado como homem de cinema. No dia 6, poderá ser visto, ao lado de Seu Jorge e do ator britânico Ralph Ineson (de *A bruxa* e *Game of Thrones*) no longa *Soundtrack*, dirigido pela dupla 300ml. Em agosto, lançará *O filme da minha vida*, terceira produção dirigida por ele a partir de um convite do escritor chileno Antonio Skármeta para levar às telas o romance *Um pai de cinema*. "Dedico este projeto aos meus pais, porque nada é mais importante que a família. Em tempos sombrios, esse filme chega como um bálsamo", afirma.

ÉTICA É UMA SÓ
Selton Mello, ator. "Levar vantagem de R$ 1 também é corrupção"

EPOCA – **Seu personagem em *Soundtrack* vai a uma estação polar tirar selfies. Você também é dado ao isolamento, não?**
Selton Mello – O isolamento é uma necessidade do ser humano. Com tanto atrativo para entreter você o tempo todo, não se permitir essa pausa é entrar num looping perigoso. Gosto de fazer esse mergulho interno vez ou outra, deixar o silêncio falar.

EPOCA – **Como lida com a fama?**
Selton – Sou mineiro e acho que isso responde à pergunta *(risos)*. Não alimento, não acredito no culto à personalidade, meu trabalho é mais interessante que eu. Minha arte fala por mim.

EPOCA – **Como vê o caos político atual?**
Selton – Nunca tivemos nada parecido. Nunca a corrupção foi tão divulgada e tão caçada. Tenho esperança. Ética não se pode medir. Se você tem vantagem de R$ 1 ou de R$ 1 milhão, é corrupção. Isso é resultado de anos de negligência, anos de Lei de Gerson.

EPOCA – **Como foi contracenar com o Ralph Ineson?**
Selton – O legal é ver que os dilemas são os mesmos. Trabalhei com o Willem Dafoe, em *Meu amigo hindu*, e foi curioso observar que, para qualquer ator, as questões da profissão são iguais: insegurança, vontade de acertar o tom, medo de cortarem algo que a gente julgue importante.

EPOCA – **A TV ainda o motiva?**
Selton – Adoro televisão, mas o mundo gira e as pessoas mudam. Acompanhar uma novela por oito meses, diariamente, não é mais tão comum. Para atrair a atenção, a trama precisa ser dinâmica, "barriga" é algo que não dá mais para ter. Atuar me motiva, dirigir me motiva. Quando uma coisa fica burocrática, automática, dou um tempo e pulo para outra.

Help nas dores

Apresentadores do *Bem estar*, **Fernando Rocha** e **Mariana Ferrão** acabam de lançar um guia de dores de cabeça e nas costas, o primeiro de uma série sobre temas recorrentes da atração matinal da TV Globo. "São dicas de 50 especialistas sobre essas doenças crônicas, que afetam mais de 90% da população brasileira", conta Rocha.
Há seis anos apresentando a atração, eles colecionam boas histórias. "Certa vez encontrei uma senhora que, com lágrimas nos olhos, disse que eu tinha ajudado a salvar a vida do neto dela, que tinha engasgado seriamente. Ela se lembrou de uma matéria que viu no programa sobre a manobra de Heimlich. Aí entendi a importância do nosso trabalho", recorda Mariana. Por ser um programa ao vivo, a dupla também coleciona saias justas. "Outro dia comecei o programa dizendo que era o primeiro dia do verão, mas era do inverno. Também já caí no ar porque o cadarço do meu sapato desamarrou", diverte-se Rocha.

Fotos: divulgação/Bananeira Filmes; Luiza Figueira de Mello

WALCYR CARRASCO

O fim da etiqueta

A cena é conhecida nas novelas. O herói milionário apaixona-se por uma jovem pobre, mas com qualidades suficientes para bater Cinderela no sapatinho de cristal. A vilã rica e má resolve envergonhar a doce heroína. Como? Faz um jantar com etiqueta, para que a pobre moça constrangida tome consciência de que não pertence àquele mundo. Boa parte dos telenovelistas, eu inclusive, já botou no ar um pratinho de escargots, como entrada. Óbvio, a heroína não sabe comer escargots, que devem ser arrancados da casca com um talher especial. Envergonha-se. Oh, que horror, não saber degustar escargots. Oi? Alguém aqui costuma comer? Provavelmente, nem a atriz que faz a vilã. Pior. Dificilmente são encontrados no menu de restaurantes. A maior parte das pessoas, ao descobrir que se trata de um tipo de caramujo, faz cara de nojo. De qualquer forma, hoje em dia bastaria a heroína dizer que é vegana, contentando-se em mastigar umas folhas de agrião. É mais chique ser vegana que comer escargot, acredito. Mais que isso. Já passei por situação semelhante à do escargot. Em um passado distante, no final de um jantar, serviram mangas inteiras, com o talher adequado. Era uma espécie de parafuso, a ser atarraxado no caroço. Depois, cortava-se a manga. Logicamente, na primeira tentativa, minha manga saltou furiosamente em direção ao prato do vizinho. Fui direto:

– Não sei usar talher de manga.

Ninguém morreu de susto. Suspeito que só a anfitriã sabia, porque os convidados pegaram minha deixa e se lambuzaram. E ainda teve quem tirasse fiapos dos dentes com o garfo! Alguém aqui, entre os leitores, já foi a um jantar servido à francesa? Saiu de moda. O copeiro oferece a travessa e cada um serve-se. Primeiro as mulheres, depois os homens. Quando o último bota a comida no prato, a do primeiro está fria. Pior. Todo mundo observa quem é guloso e está mandando ver. Demora horas para servir a todos. Uma chatice. Da etiqueta para se vestir, pouco resta. Em geral, os homens comparecem aos eventos de calça e camisa, confortáveis. E as mulheres, de longos pretos, joias e sapatos cujos saltos simulam elevadores. Não combinam nem com o evento nem entre si.

Existe, sim, uma etiqueta profissional. Cada vez mais em desuso. Não vejo sentido em obrigar executivos a comparecer ao trabalho de terno e gravata para depois gastar fortunas em ar-condicionado, antes que morram assados como frangos de padaria. As agências de publicidade e depois as empresas de internet deram força ao casual confortável. Trabalhar de tênis e camiseta é comum.

Há tempos os muito ricos dizem que chique é ser simples. Bobagem, porque adoram ser ricos e torrar a grana em luxos. Mas as pessoas levaram a ideia ao pé da letra. Eu, por exemplo. Se alguém me visita, pergunto gentilmente.

– Aceita um refrigerante?

– Pode ser.

– Então vai na geladeira e pega. Os copos estão no armário ao lado. Aproveita e traz um para mim também.

Costumo declarar que faço isso para deixar as pessoas à vontade. Mas também é por preguiça. Se jantamos, sempre há alguém que começa a retirar os pratos. Digo:

– Não precisa... mas, já que começou a tirar, bota lá na máquina de lavar louça?

> SERVIRAM A MANGA INTEIRA COM O TALHER ESPECÍFICO, QUE PARECIA UM PARAFUSO. TENTEI USAR. A MANGA SALTOU DO PRATO

Anteriormente, a regra era complexa. Botava-se uma infinidade de talheres que deviam ser usados de fora para dentro. Hoje, na casa alheia, o comum é o tal serviço americano. Todos os pratos são colocados num local à parte, cada um se serve do que quer e quanto quer, quantas vezes quiser. Os americanos, sempre práticos, inventaram essa forma mais simples de oferecer o jantar. Algum outro povo, mais pão-duro, criou o serviço volante. Em vez de jantar, os garçons andam de um lado para o outro servindo pratinhos com porções mínimas de risoto, escondidinho, ravióli. A gente come, come e não se dá por satisfeito. No meu caso, estou sempre no canto onde os garçons não servem. Às vezes tenho de pegar algum pela manga para conseguir um pratinho. Dizem que é chique. Truque para gastar menos.

Fato é que ninguém dá mais nenhuma importância para as antigas regras de etiqueta. Não é preciso comer à francesa, se quiser errar o talher, tudo bem. Quem dá muita importância a isso é considerado chato. Ou antiquado, do tempo que estrogonofe era prato chique. Errar e rir das antigas regras até cai bem. É o fim da etiqueta, como antes conhecemos. Não seja tímido! Quanto melhor se sentir, melhor será visto. O chique é ser você mesmo. ◆

Walcyr Carrasco é jornalista, autor de livros, peças teatrais e novelas de televisão

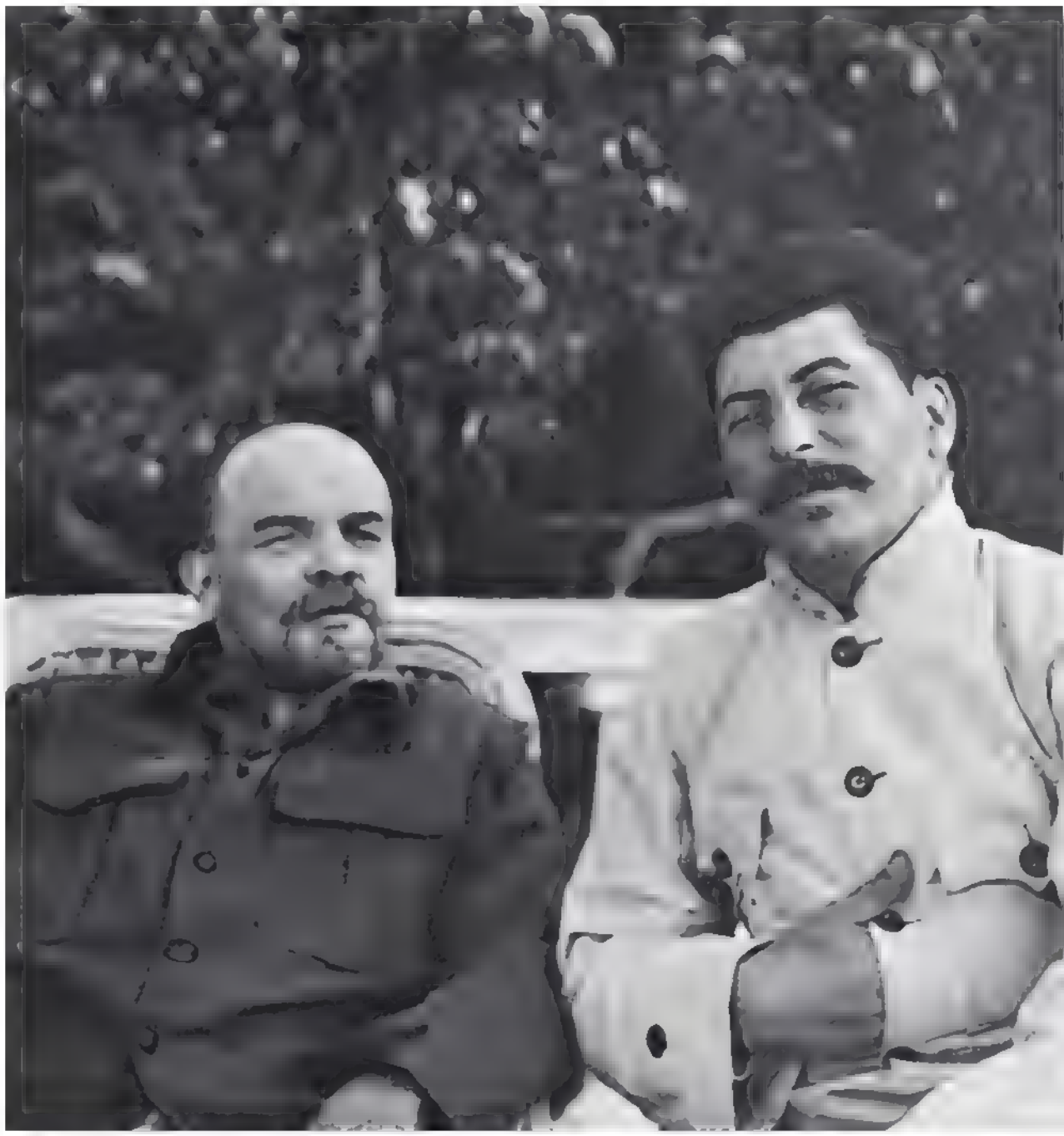
A marca do demônio

Em uma biografia monumental, historiador mostra como as atrocidades de Stálin não foram resultado de perversidades morais, mas sim do regime político comunista que ele se dispôs a construir como um homem de aço

Sérgio Garcia

Ao fugir de barco de uma aldeia siberiana para onde fora deportado, em setembro de 1912, Koba Djugachvíli arrumou um passaporte falso e foi se encontrar com o camarada Lênin, que buscara abrigo na polonesa Cracóvia. O visitante fez questão de lhe dar pessoalmente um texto que havia escrito sobre marxismo e nacionalismo. O artigo arrancou elogios de Lênin, mas se tornou especial por outro motivo. Trazia na assinatura o pseudônimo adotado por Koba, que se tornaria verbete indispensável na historiografia mundial. Stálin (homem de aço, em russo) na década seguinte iniciaria uma tirania que combinou longevidade e atrocidades como nenhuma outra. Foram três décadas no poder (1924-1953), período em que perseguiu, executou e confinou oponentes em campos de concentração. Numa conta conservadora, foram mais de 4 milhões de vítimas. Esse cálculo exclui aqueles que morreram de fome – de 5 milhões a 7 milhões de pessoas – em consequência de políticas de coletivização agrícola que levaram ao colapso do abastecimento no país.

Esse personagem fundamental do século XX é a matéria-prima de *Stálin – Paradoxos do poder (1878-1928)*, biografia feita pelo americano Stephen Kotkin, da Universidade Princeton. Trata-se de um catatau de 1.112 páginas (Editora Objetiva, R$ 119,90), que vai do nascimento do déspota, numa pequena cidade da Geórgia, à primeira fase de sua ditadura. "Não há personagem mais rico para um historiador que Stálin. Uma biografia dele é quase como contar a história do mundo", diz Kotkin, em entrevista a ÉPOCA. Especialista na história soviética, o autor fala russo com fluência e esmiuçou, por 11 anos, os arquivos abertos depois da queda do regime comunista, em 1991.



PADRINHO E AFILHADO **Lênin *(à esq.)* e Stálin, numa foto de 1922. Para Stephen Kotkin, o texto de Lênin, escrito no leito de morte, com críticas a Stálin é falso**

Um dos desafios a quem se presta a desvendar a esfinge é traçar o labirinto que levou ao poder um ativista até então visto como menor pelos companheiros de conspiração contra o regime czarista. Trótski descreveu Stálin como "a mediocridade notável de nosso partido". Para Kámenev, outro líder bolchevique, ele se limitava a ser um político de "cidade pequena". De fato, Stálin teve papel secundário na década que antecedeu a tomada de poder pelos comunistas. Como ideó-

Foto: divulgação

logo, foi igualmente depreciado. Kotkin acha, porém, um erro menosprezar as qualidades de Stálin, entre elas a capacidade de organizar o aparato partidário. Com sua visão das nações satélites, o ditador foi o artífice da União Soviética. "Se não houvesse Stálin, o regime teria colapsado, e eles teriam desistido do comunismo", diz o biógrafo, que lançará em setembro no exterior a segunda das três partes da biografia, que abordará a fase mais aterradora da ditadura.

Filho de um sapateiro e de uma costureira, Djugachvíli nasceu em Gori, na Geórgia, em 1878. Sobreviveu a um atropelamento de carruagem e a uma epidemia de varíola, que lhe deixaram sequelas físicas e estéticas. Crente fervoroso quando jovem, estudou num seminário teológico ortodoxo, onde teve os contatos iniciais com o ideário marxista e deu seus primeiros passos como ativista. Um dos capítulos mais controversos da vida do ditador refere-se ao "Testamento de Lênin", líder comunista que foi o fiador da ascensão de Stálin dentro do partido. Kotkin questiona a autenticidade do texto, que teria sido ditado no leito de morte, após Lênin sofrer uma série de derrames. No testamento, ele acusa o pupilo de ser rude demais, algo "totalmente tolerável no meio e entre nós, comunistas", mas "intolerável no cargo de secretário-geral". "Poderia Lênin querer demitir Stálin apenas 15 meses depois de ter criado o cargo de secretário-geral expressamente para ele? Se assim for, por que o ditador não sugere um substituto?", questiona o autor.

Paradoxos do poder não atenua as monstruosidades de Stálin, mas as coloca numa perspectiva histórica. Na concepção de Kotkin, a personalidade de Stálin foi de somenos importância para moldar o ditador que a conjuntura política da época. Ele renega a repisada tese psicanalítica de que a origem do tirano está nas surras que o pequeno Koba levava do pai e da infância difícil que viveu. "Não foi o indivíduo que criou a política, mas sim a política que criou o indivíduo. Aquele tipo de regime é que fez Stálin se tornar o personagem que foi", diz ele. Em resumo, Stálin foi o que foi porque se dispôs a colocar em prática, como um homem de aço, as ideias comunistas. ◆

JAIRO BOUER

O dia seguinte àqueles drinques a mais

Se você bebeu mais do que devia e teve uma ressaca daquelas, pode ser boa ideia tirar uma folga e passar o dia em casa. Pelo menos essa é a opinião de quem não teve alternativa e precisou ir trabalhar. Uma pesquisa inglesa recente mostra que 83% dos empregados sentiram que a ressaca prejudicou seu desempenho no trabalho. Desses, um em cada quatro admitiu que cometeu erros por não estar bem depois do exagero com o álcool. Um terço sentiu que estava meio "aéreo" e não conseguia desempenhar suas funções no mesmo ritmo. Dá para imaginar o risco desse efeito em profissões que exigem alto grau de concentração?

Ressaca é definida como o ponto em que a pessoa conseguiu zerar o nível de álcool no organismo. Mas é justamente nesse momento que ela pode enfrentar cansaço, dor de cabeça, vômitos, aumento da pressão arterial, irritabilidade, ansiedade e depressão. Esses efeitos são provocados por desidratação, desequilíbrio dos eletrólitos, irritação do estômago, distúrbios do sono e pelo próprio metabolismo da eliminação do álcool. Há também, possivelmente, uma alteração da ação dos neurotransmissores cerebrais, o que causaria os impactos psíquicos.

São ainda poucos os estudos com metodologia confiável que avaliam o impacto real da ressaca no desempenho profissional. O trabalho recente analisou 13 desses estudos e mostrou que a ressaca pode piorar memória, foco e administração das tarefas. Brigas com colegas, tarefas incompletas e ineficiência são outras possíveis consequências do excesso de bebida na noite anterior.

Outro estudo sugere que exagerar no álcool, mesmo que de vez em quando, pode prejudicar nossa capacidade de tomar decisões na vida, como fazer compras ou planejar uma viagem. Diferentemente do que se imaginava anteriormente, o abuso eventual de bebida, por essa hipótese, também tem impacto no processamento de informações e planejamento de tarefas – mesmo que não haja dependência. Pesquisadores da Escola de Saúde Pública da Universidade Columbia, nos Estados Unidos, analisaram dados de mais de 36 mil pessoas maiores de 18 anos. Mais de 30% já tinham exagerado no consumo de álcool. Os maiores problemas cognitivos foram associados ao beber grande quantidade de bebida em um curto intervalo de tempo (definido como mais de quatro doses para as mulheres ou mais de cinco para os homens, em um período de duas horas).

Os dois artigos mostram que, para além dos efeitos agudos do álcool, o exagero com a bebida, mesmo que eventual, pode prejudicar nosso desempenho no trabalho e também nossas decisões cotidianas nos dias que se seguem. Que tal moderar? ◆

Jairo Bouer é médico formado pela USP, com residência em psiquiatria. Trabalha com comunicação e saúde
E-mail **jbouer@edglobo.com.br**

DOZE HORAS

TEMPO LIVRE? ESQUEÇA. EIS O QUE VOCÊ PRECISA FAZER NESTA SEMANA

INFANTIL
1 hora

Loira um! Loira dois! Loira três!

E se a Loira do Banheiro, aquela que aparece para estudantes que acionam três vezes seguidas a descarga do banheiro da escola, fosse só uma adolescente tristonha em busca de companhia? Será que um caçador espertalhão é capaz de passar a perna no Curupira, aquele moleque de cabeleira vermelha e pés virados para trás que protege as florestas? Em cada um dos quatro volumes da coleção ***Personagens do folclore brasileiro***, Januária Cristina Alves conta histórias divertidas sobre essas e outras criaturas fantásticas da cultura popular. As ilustrações são de Cezar Berger, o Berje. **FTD Educação, 48 páginas, R$ 39 (cada um).**

CONCERTO
2 horas

Toca Kubrick!

Stanley Kubrick (1928-1999) foi um dos cineastas que mais fizeram barulho no século passado – não só pela originalidade de seus filmes, mas também pelo bom gosto de suas trilhas sonoras. A **Orquestra Sinfônica de São Paulo** e o Coral Paulistano apresentam as trilhas de *2001: uma odisseia no espaço*, *Barry Lyndon* e *Laranja mecânica* em ***Kubrick em concerto***. **Theatro Municipal, São Paulo, nos dias 8/7, 15/7 e 22/7, às 16h30.**

Por **Nina Finco**, mfinco@edglobo.com.br,
e **Ruan de Sousa Gabriel**, rsgabriel@edglobo.com.br

BLU-RAY
2 horas

De arrepiar

Desde a era dos filmes mudos até o presente, a produtora e distribuidora Universal Pictures se autodenomina "A casa dos monstros". Sob seu selo, surgiram filmes icônicos com monstros assustadores que marcaram a história do cinema. A coleção ***Monsters*** traz oito dessas histórias, incluindo ***Drácula***, ***Frankenstein***, ***A múmia*** *(em sentido anti-horário)*, *O homem invisível*, *A noiva do Frankenstein*, *O lobisomem*, *O fantasma da ópera* e *O monstro da lagoa negra*. Esses filmes definiram um novo padrão para o gênero de horror, trazendo maquiagens revolucionárias e efeitos especiais inovadores para a época. Além dos longas-metragens, o box reúne também mais de 12 horas de extras. **Universal, R$ 129,90.**

TEATRO
4 horas

Mergulho numa África ancestral

A premiada peça ***Salina (a última vértebra)*** volta ao Brasil após uma temporada na China. Na trama, Salina é obrigada a se casar e dá à luz um filho que detesta. Exilada no deserto após a morte do marido, ela alimenta um desejo de vingança que dá origem a outro filho. Os dois irmãos travam uma guerra até que uma reviravolta muda o destino de Salina. **Caixa Cultural Rio de Janeiro, de 6/7 a 30/7.**

CINEMA
2 horas

Au revoir, Emmanuelle!

A atriz **Emmanuelle Riva** (1927-2017) faz sua última aparição nos cinemas em ***Perdidos em Paris***. Na comédia romântica dirigida pelo casal Fiona Gordon e Dominique Abel (que também atuam no filme), Emmanuelle é Martha, uma senhora angustiada com a possibilidade de ser levada para um asilo. Ela, então, pede auxílio à sobrinha canadense. **Estreia no dia 6/7.**

LIVRO
1 hora

O homem invisível

O narrador de ***O simpatizante***, romance do vietnamita-americano Viet Than Nguyen, é um "homem de duas mentes", duas origens (a mãe era uma camponesa vietnamita e o pai um padre francês) e nenhum nome. Ele nunca revela sua identidade ao leitor ou aos demais personagens do livro. Por quê? Ele é um espião comunista infiltrado no Exército sul-vietnamita. Após a queda de Saigon, então capital do Vietnã do Sul, ele se exila nos Estados Unidos, onde observa a melancólica batalha dos refugiados que tentam reconstruir suas vidas longe de casa, mas apegados àquilo que falta ao narrador: uma identidade. O romance venceu o Prêmio Pulitzer. **Alfaguara, 392 páginas, R$ 59,90.**

Fotos: divulgação

RUTH DE AQUINO

Está prefeito, mas é pastor

Não sei por quanto tempo uma cidade consegue sobreviver sem prefeito. O Rio de Janeiro está tentando. Durante a campanha, Marcelo Crivella disfarçava seu propósito maior. Mas, na semana passada, ao cantar, da tribuna no Senado, em Brasília, uma música de sua autoria, "Perfume Universal", que exalta o "sacrifício e coragem" de sua igreja e de seu tio, Edir Macedo, Crivella mostrou a que veio.

É só o que ele sabe fazer – e suas viagens internacionais para cultos e encontros com representantes da igreja comprovam. Foi assim na África do Sul, na Rússia. Crivella está prefeito, mas é pastor. Seis meses da atual prefeitura deixaram o carioca com uma certeza: não há ninguém no comando da cidade. O pior é que fica por isso mesmo. Diante de inundações ou de tiroteios, Crivella reage da mesma forma. Zero. O rosto não trai emoção. O prefeito não passa no teste.

Se chove a cântaros e as ruas se enchem com bueiros entupidos, ele só aparece depois. No meio do caos, o carro de Crivella bate em outro carro e ele não se digna a abrir a janela, prefere bater em retirada para casa. Tiros ecoam pela cidade, o trânsito dá um nó com protestos por mortes – mas o "prefeito-pastor" não se amofina. Vai cantar na capital. Comanda um culto na Câmara Alta do Congresso, em sessão de homenagem aos 40 anos da Universal. O Estado é laico. Isso não é normal.

SE AS RUAS DO RIO ENCHEM COM BUEIROS ENTUPIDOS E TIROS ECOAM PELA CIDADE, CRIVELLA VAI CANTAR EM BRASÍLIA

Dizia assim a música de Crivella: *"Na perseguição que a Universal sofre em todo lugar/Na dor de ver o seu líder levado à prisão/Na força que existe entre nós/Na fé que nos põe de pé/Na união que faz todos irmãos/Ainda existe aquele perfume espalhado no ar"*. O tio do prefeito, o bispo Edir Macedo, preso em 1992, acusado de estelionato, foi convidado, mas não compareceu.

Com todo o respeito, o afinado Crivella deveria cantar em casa no chuveiro. Ou em eventos particulares e familiares. Durante seu mandato, que não é divino, teria ao menos de fingir que é prefeito do Rio. A cidade está órfã e precisa que alguém cuide dela. A atual prefeitura teima em desafinar.

Foi uma semana de belas praias e muita violência no Rio. Uma granada lançada por traficante matou um porteiro que almoçava em Copacabana. Houve perseguição e troca de tiros em autoestrada. Teve gente baleada em confrontos com policiais em vários pontos da cidade. A Rocinha bloqueou o túnel que liga o Leblon a São Conrado e parou o trânsito, em protesto contra a morte de um jovem esfaqueado. Um universitário foi assassinado a tiro na Barra da Tijuca ao reagir ao roubo de sua motocicleta. Um policial foi morto em tentativa de assalto em Bonsucesso, Zona Norte.

E onde estava Crivella? O que fez Crivella em seis meses? Meio ano? Além de criar caso com o samba e o Carnaval, fez exatamente o quê? Nomeou o filho Marcelinho para a Casa Civil, um exercício de nepotismo vetado pelo ministro do STF Marco Aurélio Mello. Talvez fosse melhor deixar o Marcelinho assumir. Quem sabe era esse o plano original de Crivella: colocar o filho para trabalhar em seu lugar enquanto viaja e canta. O prefeito entrou com recurso e o ministro negou novamente na semana passada. O caso será julgado pelo plenário do Supremo. Santa paciência tem o STF.

Ok, a população do Rio elegeu o bispo licenciado Crivella como prefeito. Todo mundo já sabia que ele gostava de compor, rezar e amar. Até aí, nada. Seria até positivo ter um prefeito com fé, a mente aberta e dons artísticos. Mas Crivella não é conhecido por sua tolerância à diversidade cultural, sexual ou religiosa. Ao contrário. Que não inviabilize a Parada Gay do Rio com discursos demagógicos, como tenta fazer com o Carnaval, o atual bicho-papão das criancinhas nas creches. O prefeito passa para o eleitorado uma mensagem messiânica. Na surdina, mina avanços e conquistas contra a homofobia.

Uma das canções de Crivella, de 1998, "Um chute na heresia", ironiza o chute de um bispo da Universal na imagem de Nossa Senhora Aparecida. *"Na minha vida dei um chute na heresia/Houve tanta gritaria de quem ama a idolatria"*, diz a música. *"Aparecida, Guadalupe ou Maria/Tudo isso é idolatria de quem vive a se enganar."*

Ninguém imaginava que Crivella tivesse o perfil hiperativo de seu colega em São Paulo, João Doria, mas... Mas qual é o real projeto de administração do prefeito que prometeu "cuidar das pessoas"? Tem uma hora em que a ausência e o alheamento começam a pegar mal. Crivella diz por aí que conta com o empresário José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, para "atrair mais visitantes ao Rio" e "ajudar a financiar os desfiles de samba". Mas Boni já saiu do Conselho de Turismo. "Acabou. Estou fora." Quem está dentro, Crivella? ◆

Ruth de Aquino é colunista de ÉPOCA **raquino@edglobo.com.br**

Novas histórias surgem todos os dias. E para que elas aconteçam, a melhor solução de aluguel é o Cap Fiador, o título de capitalização da Brasilcap.

- Sem fiador
- Retorno de 100% do valor pago*
- Sem burocracia
- Cesta de serviços emergenciais

BRASILCAP

CAP FIADOR

IDEAL PARA SEU ALUGUEL.

Ligue para 0800 729 0929 | capfiador.com.br

*Caso não seja utilizada a caução. Produtos sem carência da modalidade tradicional de Pagamento Único da Brasilcap Capitalização S.A. É proibida a venda de título de capitalização a menores de dezesseis anos. Art. 3º, I do Código Civil. CNPJ 15.138.043/0001-05. Processos SUSEP: Cap Fiador 15 meses 15414.005233/2011-75 | Cap Fiador 30 meses 15414.002429/2009-93 | Cap Fiador 12 Plus 15414.900995/2016-91. A aprovação deste título pela SUSEP não implica, por parte da Autarquia, em incentivo ou recomendação as suas aquisições, representando, exclusivamente, suas adequações às normas em vigor. Os percentuais das quotas destinadas ao sorteio e à capitalização estão descritos nas Condições Gerais. Sorteio para o título Cap Fiador 12 Plus ocorre 1 (uma) vez por semana e 1 (uma) vez por mês. Para os títulos Cap Fiador 15 meses e Cap Fiador 30 meses, ocorre na primeira quarta-feira de cada mês. O saldo para resgate antecipado ou final será proporcional ao valor pago pelo título, respeitando o percentual previsto na tabela de resgate das Condições Gerais. O consumidor poderá consultar a situação cadastral de seu corretor de capitalização no sítio www.susep.gov.br, por meio do número de seu registro na SUSEP, nome completo, CNPJ ou CPF. Para mais informações, consulte as Condições Gerais em www.brasilcap.com.br, onde consta a tabela de resgate dos títulos originados e da constituição de suas reservas de capitalização, assim como os percentuais das quotas destinadas ao sorteio e à capitalização.

santaclara

sofisadireto.com.br

ELES DESCOBRIRAM UM BANCO EM QUE O DINHEIRO RENDE 100% DO CDI COM LIQUIDEZ DIÁRIA.

Eles são clientes do Sofisa Direto, um **banco totalmente on-line e sem taxa alguma**. Investem de um real a um milhão e têm **a mesma rentabilidade**.

Você vai ser o último a entrar no primeiro banco on-line do Brasil?

Compare com a rentabilidade do seu banco e surpreenda-se com quanto você poderia estar ganhando.

Crie sua conta e vire um cliente Sofisa Direto. O cadastro pelo app leva menos de 3 minutos.

Banco SOFISA direto O FUTURO É DIRETO.